



AME A SUA IGREJA

**OITO VERDADES PRECIOSAS SOBRE
SER MEMBRO DE UMA IGREJA LOCAL**

Prefácio de Ray Ortlund

TONY MERIDA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



AME A SUA IGREJA

**OITO VERDADES PRECIOSAS SOBRE
SER MEMBRO DE UMA IGREJA LOCAL**

Prefácio de Ray Ortlund

TONY MERIDA

De coração pastoral, Tony Merida nos presenteia com um manual prático que não apenas instrui, mas inspira. Merida nos faz lembrar de que nossa igreja local, mesmo com todas as suas peculiaridades, é uma família. Essa singela verdade estimulará seu coração a amar e encorajar crentes de muitas igrejas.

Walter R. Strickland II,

professor de Teologia Sistemática e Contextual
no Southern Baptist Theological Seminary

É justo afirmar que a igreja contemporânea está repensando seriamente a questão da membresia eclesial. Reconhecemos que estamos alimentando uma espécie de consumismo, um sistema que prioriza a satisfação do ego em vez do compromisso abnegado aos propósitos de Cristo. Merida corajosamente adentra esse processo de repensar a membresia da igreja com um espírito gentil, lembrando-nos de que aquele que nos chamou para carregarmos nossa cruz também nos chamou para sermos responsáveis por seu corpo reunido como igreja e por nossas próprias almas.

Bryan Chapell,

oficial do clero estatutário da Presbyterian Church in America (PCA)

Oro para que todo cristão ame sua igreja, e creio que este livro pode nos ajudar nisso! Tony escreve com um coração pastoral e oferece ajuda extremamente prática para que todos possamos viver em amor. Creio que o mundo será transformado quando levarmos esse chamado a sério.

Jenni Price,

diretora do ministério de mulheres da

The Grove Community Church, Riverside, Califórnia

Este livro é um excelente recurso para todos os cristãos que desejam entender a importância de fazer parte de uma igreja local e compreender as bênçãos extraordinárias que desfrutamos ao nos envolvermos e nos comprometermos integralmente como membros de uma igreja. Se você tem dificuldade para se comprometer com uma congregação por ter sido ferido em igrejas anteriores ou por qualquer outra razão, suplico que leia este livro.

Dr. Doug Logan Jr.,

presidente do Grimké Seminary,

reitor da Grimké Urban

e diretor-associado da Atos 29

Este livro cumpre o que promete: ajudar cristãos comuns a amarem a Cristo e sua igreja e saberem como fazê-lo. Não se trata simplesmente de uma obra prazerosa, mas também de uma que consegue a proeza de apresentar a verdade bíblica com profundidade e aplicá-la de maneira convincente.

Simon Austen,

reitor em St Leonard, Exeter

Jesus amou sua igreja, sua noiva, o suficiente para por ela morrer. Não raro banalizamos nossa igreja e nos tornamos indiferentes e preguiçosos: atravessamos a porta da vida da igreja empurrados por outra pessoa. Entretanto, pertencer ao povo de Deus é um grande privilégio e uma grande responsabilidade. Tony Merida nos apresenta, a partir da Bíblia, a razão para amarmos nossa igreja e como podemos fazer isso. Sua mensagem é clara e urgente, porque amar nossa igreja é uma atitude de valor eterno.

Al Stewart,

diretor nacional da FIEC, Austrália

O melhor predicado que eu poderia dar a este livro é que ele me fez amar mais minha igreja depois de lê-lo. E tenho certeza de que você amará mais a sua também. Seja você um novo membro, seja alguém que passou a vida toda na igreja, *Ame a sua igreja* irá ajudá-lo a ver quão maravilhoso é o fato de Deus ter nos criado para sermos irmãos e irmãs em Cristo.

David Platt,

pastor e autor de *Radical* e de *Contracultura*

Jesus é perfeito: ele jamais irá nos decepcionar. A igreja, entretanto, está cheia de pessoas que não são perfeitas e que irão nos decepcionar. Por que se importar com ela? Porque Deus está construindo uma comunidade de pessoas que o amam e amam uns aos outros. Os oito privilégios de ser um membro de igreja que Tony Merida aborda vão além de sua própria igreja e cultura. Então, sendo sua igreja parecida com a dele ou diferente, você entenderá qual é seu propósito, porque você deve e porque amará fazer parte de uma igreja, ou seja, fazer parte da família de Deus.

Liz Cox,

integrante do Minister for Women and Community de St. Giles Derby

Um grande livro: totalmente bíblico, honesto, prático, agradável de ler. A visão que ele traz da glória da igreja é muito adequada e elevada, além de oportuna. Os oito capítulos são dignos de estudo minucioso e reflexão pessoal. Leia e convide outros a ler!

Trevor Ramsey,

presidente da Association of Baptist Churches in Ireland

Chegou a hora de enfrentarmos a realidade: a igreja está em crise na maior parte do mundo ocidental. Eu acho que isso indica que muitos não têm compreendido a verdadeira natureza da igreja. É hora de recapturarmos a visão neotestamentária do corpo de Cristo. Fico feliz em recomendar este oportuno livro de Tony Merida, que nos chama em alto e bom som a nos apaixonarmos novamente por Cristo e por sua igreja.

Dr. Winfield Bevins,

diretor de plantação de igrejas no Asbury Seminary

Não é sempre que você encontra um livro sobre membresia da igreja que seja ao mesmo tempo competente na prática e profundo na teologia. Em *Ame a sua igreja*, Merida nos ajuda a amar a nossa igreja, e não uma igreja ideal.

Amber Bowen, PhD,

Universidade de Aberdeen

Este livro é um daqueles que dão vontade de dar uma cópia para todo mundo na igreja. Sua leitura flui como uma boa conversa numa cafeteria com um sábio amigo, que nos conduz a uma visão convincente sobre o que Jesus espera de nossa igreja. Cada capítulo está recheado de passos práticos e de simples implementação.

Adam Ramsey,

pastor da Liberti Church, Gold Coast, Austrália,

diretor de relações públicas da Atos 29 Austrália & Nova Zelândia,

autor de *Truth on Fire*

Valendo-se de bom humor, uma rica experiência pessoal e uma instrução bíblicamente precisa, Tony Merida encoraja o leitor a desejar cada vez mais servir a igreja, sob o senhorio de Jesus, com responsabilidade, alegria e de todo o coração. Este livro é “obrigatório” para todo membro de igreja.

Frank Sellar,

pastor na Bloomfield Presbyterian Church, Irlanda do Norte

Este livro me lembra a razão de, anos antes de me tornar pastor, eu me sentir extasiado por fazer parte de uma igreja local. Recomendo fortemente esta obra e espero que cada membro da minha igreja não somente leia, mas grife, digira e viva cada uma das lições ensinadas aqui.

Alistair Begg,

pastor na Parkside Church, Chagrin Falls, Ohio;

autor de *Pregando para a glória de Deus* e *Ser pastor*

Ultimamente, a igreja parece algo complicado. Muitos se perguntam se ela ainda é relevante, e tendem para o cinismo e o individualismo. Em *Ame a sua igreja*, Tony Merida é como um irmão mais velho nos explicando qual o propósito da igreja no mundo. As oito razões que ele aponta para amarmos a igreja elevaram minha visão para além de mim mesma e de meu contexto cultural, e me transportaram até a beleza e glória do Senhor, fazendo-me ver como o povo de Deus foi concebido para se reunir com um propósito, com uma missão, para cuidar

dos outros e deleitar-se na comunhão.
A leitura deste livro é inspiradora.

Jen Oshman,

autora de *Feminilidade distorcida* e *Que eu diminua*

É fácil exaltar a igreja enquanto um conceito abstrato. É possível ter uma visão elevada da “igreja”, mas ao mesmo tempo menosprezar as igrejas de verdade que fazem parte de nossa vida. Este livro é um chamado pastoral para amar *a igreja* amando *nossas igrejas*. Com oito pequenos, mas poderosos, capítulos, Tony nos encoraja a agarrar tudo que Deus tem para nós nessa mistura heterogênea que compõe a igreja local.

Rory Shiner,

pastor na Providence City Church,

Perth, Austrália

Ame a sua igreja é um livro bíblico, envolvente e, acima de tudo, oportuno. Muitas das atividades rotineiras de nossa igreja foram afetadas pela pandemia COVID-19. Ao sair desse período, muitos se deram conta da necessidade de recalibrar a vida da igreja de acordo com o ensinamento do Novo Testamento. Este livro fácil de ler nos proporciona uma ferramenta poderosa e útil para nos auxiliar neste processo de repensar e avaliar nossas prioridades. Recomendo esta obra com carinho.

Angus MacLeay,

reitor da St. Nicholas Sevenoaks, Kent

Tony Merida nos presenteia com um livro centrado na Palavra, que exalta a Cristo, fácil de ler e que funciona como um GPS prático para todos os cristãos. Esta obra nos ajuda a evitar os buracos da estrada e acelerarmos unidos rumo à excelência no ministério e na missão no contexto da igreja local. Irei com alegria recomendar este livro aos líderes e membros de minha igreja.

Jonathan E. McClaughlin,

pastor na Hamilton Road Baptist Church,

Bangor, Irlanda do Norte

AME A SUA IGREJA

**OITO VERDADES PRECIOSAS SOBRE
SER MEMBRO DE UMA IGREJA LOCAL**

Prefácio de Ray Ortlund

TONY MERIDA



Rio de Janeiro, RJ

Merida, Tony

Ame a sua igreja : oito verdades preciosas sobre ser membro de uma igreja local / Tony Merida ; tradução Pedro Marchi. -- Rio de Janeiro, RJ : Pro Nobis Editora, 2023.

Título original: *Love your church : 8 great things about being a church member.*

Bibliografia

ISBN 978-65-81489-34-2

1. Doutrina cristã 2. Ecclesiologia 3. Igreja - Cristianismo I. Título.

23-151449

CDD-262

Índices para catálogo sistemático:

1. Igreja : Ecclesiologia : Cristianismo 262

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Ame a sua igreja:

Oito verdades preciosas sobre ser membro de uma igreja local

Traduzido do original em inglês:

Love Your Church:

8 Great Things About Being a Church Member

Copyright © 2021 Tony Merida

Publicado originamente por

The Good Book Company

www.thegoodbook.com

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por PRO NOBIS EDITORA
Rua Professor Saldanha 110, Lagoa,
Rio de Janeiro-RJ, 22.461-220

1ª edição: 2023

Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Nesta obra, as citações bíblicas foram extraídas da Bíblia Almeida Revista e Atualizada, salvo informação em contrário.

Conselho Editorial

Judiclay Santos

David Bledsoe

Paulo Valle

Gilson Santos

Leandro Peixoto

Gerência Editorial

Judiclay Silva Santos

Tradução: Pedro Marchi

Preparação de texto: Cinthia Turazzi

Revisão de provas: Cesare Turazzi

Capa: Filipe Ribeiro

Diagramação: Marcos Jundurian

Conversão e-book: Wirley Corrêa

ISBN: 978-65-81489-34-2



Tel.: (21) 2527-5184

contato@pronobiseditora.com.br

www.pronobiseditora.com.br

Sumário

Prefácio à edição brasileira

Prefácio de Ray Ortlund

Introdução

1 - Pertencer

2 - Acolher

3 - Congregar

4 - Cuidar

5 - Servir

6 - Honrar

7 - Testemunhar

8 - Comissionar

Conclusão

Guia de estudos

Referências



Prefácio à edição brasileira

Parecia mais um dia comum na movimentada estação de metrô L'Enfant Plaza, em Washington, D.C. Então, na manhã do dia 12 de janeiro de 2007, um jovem vestindo calças jeans, camiseta e boné tira um violino do estojo e começa a tocar. Seria apenas mais um artista a se apresentar na estação do metrô? A pessoa era Joshua Bell, considerado por muitos um dos mais notáveis violinistas da atualidade. O instrumento que ele tocou era um raríssimo Gibson ex-Huberman, feito à mão em 1713 pelo renomado Antônio Stradivari, um dos violinos mais cobiçados do mundo, avaliado em 3,5 milhões de dólares. A música que Bell tocou naquela manhã foi Chaconne, Partita n.º 2, em ré menor, aclamada como a peça musical mais extraordinária da história. Qual foi a reação do público? Das centenas de pessoas que estavam passando por ali, apenas sete pararam para ouvi-lo. Agitadas, apressadas, ensandecidas pela tirania da agenda, as demais perderam aquele preciosíssimo e gratuito espetáculo de sons que tanto bem fazem ao coração. O jornal Washington Post, que havia patrocinado aquela apresentação anônima, noticiou, em matéria publicada em 8 de abril de 2007, que o objetivo era avaliar o gosto, as prioridades e a percepção do público. A maioria das pessoas perdeu a oportunidade singular de ouvir uma apresentação de excelência por um dos maiores músicos contemporâneos.

De semelhante maneira, a beleza da igreja tem sido ignorada por muitos que têm olhos, mas não enxergam. Os acordes da graça que o Espírito Santo tem produzido através da igreja de Cristo não estão encontrando ouvidos atentos. Um dos problemas mais graves no contexto da igreja evangélica brasileira, sem dúvida, é a falta de entendimento bíblico sobre a natureza da igreja, sua origem, sua missão e seu destino. Boa parte dos cristãos tem uma visão distorcida, limitada e caricata da Igreja de Jesus Cristo. No ideário popular, ela é associada a um prédio e a uma estrutura com endereço. A igreja tem sido apequenada e reduzida a um lugar que o indivíduo frequenta, um *point* da religião dominical adequado a rituais em busca de benefícios. Um entendimento errado sobre a igreja é uma tragédia. O coração da pessoa vai sendo blindado, os olhos, embaçados e os ouvidos, ensurdecidos, até que a beleza não é mais vista e os sons da graça não mais apreciados.

O processo pelo qual cristãos perdem de vista o entendimento

bíblico de igreja pode ser comparado a uma erosão. O dicionário *Aurélio* define erosão nos seguintes termos: “Ato de um agente que erode, que corrói pouco a pouco; o resultado desse ato”. Portanto, esse processo é lento, silencioso e sutil. Lento, pois demanda muito tempo; silencioso e sutil, pois acontece sem alarde. No entanto, se não forem contidos, os resultados da erosão podem ser terríveis. Os cristãos precisam ter seus olhos abertos para enxergar a beleza da igreja de Cristo, a fim de glorificar o Senhor, que a amou e a si mesmo se entregou por ela (Ef 5.25).

Charles Schultz, um cartonista americano, criador das tirinhas “Snoopy”, colocou nos lábios do personagem Linus uma frase que revela o coração de muitos: “Eu amo a humanidade. O que eu não consigo suportar são as pessoas”. Nessa mesma linha de raciocínio, há muitos que professam a fé em Cristo, mas não demonstram afeição pela igreja. Aceitaram o falacioso discurso: Cristo sim, igreja não! Infelizmente, alguns foram feridos no caminho e fecharam o coração para a comunhão com os seus irmãos. É relativamente comum encontrar pessoas machucadas na igreja. Gente que sofreu algum tipo de decepção e resolveu se proteger por meio do isolamento relacional ou do sectarismo. A pessoa se isola completamente ou então faz uma restrita seleção das pessoas que podem se aproximar. *Quatro Amores* é um dos livros de C. S. Lewis em que ele nos adverte que há somente dois lugares onde estaremos a salvo das decepções do amor: ou no inferno, por sua ausência; ou no céu, por sua perfeição. Amar é tornar-se vulnerável. O verdadeiro amor sofre. A igreja é uma congregação de pessoas *simul justus et peccator*. Todos os discípulos de Jesus são santos e pecadores, formando uma amálgama de virtudes e vícios. Por conta disso, falham uns com os outros e, por vezes, pecam contra quem deveriam cuidar. Essa é uma via de mão dupla. Ao mesmo tempo que você sofre pelos erros de alguém, por outro lado alguém já sofreu por seus erros. Amar a igreja não significa ignorar as fraquezas dela. Nosso desafio é manter a nossa comunhão em Cristo, apesar das diferenças e das fraquezas, buscando preservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz. Homens e mulheres santos amam o que Deus ama. Portanto, amar a igreja e trabalhar em favor da edificação mútua é um sinal de maturidade espiritual.

Com isso em mente, Tony Merida escreveu *Ame a sua igreja: Oito verdades preciosas sobre ser membro de uma igreja local* como um apelo aos discípulos de Jesus. Enfatizo o subtítulo — *oito verdades preciosas* — com algumas frases que resumem a mensagem de cada um desses instrutivos capítulos. 1. *Pertencer: Uma família centrada no evangelho*. “Pertencer a uma igreja significa dedicar sua vida a uma comunidade centrada no evangelho, onde um serve ao outro com alegria e a missão de Cristo é levada adiante por todos.” 2. *Acolher: Hospitalidade*

centrada na graça. “É impossível tratar os outros com compaixão e graça sem antes aplicar a graça de Deus em nosso próprio coração, viver de acordo com a cosmovisão do reino, praticar o verdadeiro amor ao próximo, e refletir aos outros a maravilhosa graça de Deus em nossas vidas. Então, como sempre, voltamos ao evangelho.” 3. *Congregar: Valorizando o ajuntamento solene.* “Congregar não é apenas um aspecto essencial do discipulado (Hb 10.25), mas também uma antecipação da futura reunião de todo o povo remido por Deus em adoração ao Cordeiro (Ap 15). O que fazemos durante o ajuntamento solene é importante não apenas para nosso crescimento em piedade, mas é também uma boa forma de apresentar o evangelho aos descrentes.” 4. *Cuidar: Manifestando o fruto do Espírito.* “Deus nos chama a um grau elevado de compromisso uns com os outros, mas também nos dá um vislumbre animador do que nossas igrejas locais podem se tornar se aprendermos a cuidar e sermos cuidados como nos ensinam as Escrituras.” 5. *Servir: Colocando em prática os dons do Espírito em prol do Corpo.* “Discípulos de Cristo não são meros espectadores na igreja, mas servos. Cristãos não podem ver a igreja como ‘o lugar onde se ouvem sermões’, mas como ‘onde se serve’. Não se engane, sermões são importantes, mas os membros de uma igreja são colaboradores do ministério, não meros consumidores. E contribuir envolve empenhar tempo, talento e recursos em prol da saúde e do crescimento da comunidade de fé.” 6. *Honrar: Seguindo pastores humildes.* “A honra dada aos pastores não deve ser impessoal, mas calorosa. Deve haver uma afeição profunda entre o pastor e os membros (2Co 6.11-13). Pastores não devem privar os membros de sua afeição, e vice-versa. E todos os membros devem amar “cordialmente uns aos outros com amor fraternal” (Rm 12.10)” 7. *Testemunhar: Praticando boas obras e compartilhando as boas-novas.* “A propagação do cristianismo no primeiro século foi surpreendente, e o movimento avançou porque cristãos reconheceram a responsabilidade de compartilhar o evangelho com aqueles do seu círculo íntimo. Nós também podemos fazer isso em nossos dias.” 8. *Comissionar: Dando continuidade à missão e plantando igrejas saudáveis.* “Deus substitui os mensageiros, mas a mensagem e a missão da igreja permanecem inalteráveis até o retorno do rei. Cristãos hoje fazem parte dessa narrativa da redenção! Ainda que nossas histórias não sejam acrescentadas à Bíblia, nós damos continuidade à missão de pregar as boas-novas a todas as nações. Sua igreja pode fazer parte disso tanto quanto as igrejas que vemos em Atos.”

Assim, cada uma dessas verdades pode ser um recurso pedagógico nas mãos da Providência para iluminar as nossas mentes e aquecer os nossos corações em amor pelo povo de Deus, despertando o desejo de servir os nossos irmãos para a glória do nosso Salvador.

Meu sincero desejo é que Deus seja glorificado e sua igreja,
edificada. Boa leitura!

Soli Deo Gloria

Judiclay S. Santos,
pastor da Igreja Batista do Jardim Botânico (RJ),
fundador e editor-chefe da Pro Nobis Editora



Prefácio de Ray Ortlund

Fev. 2021

Jesus não veio a este mundo apenas para inaugurar uma nova comunidade, mas um novo tipo de comunidade. Num mundo de prepotência e brutalidade, Jesus deu seu próprio sangue para dar início a uma comunidade diferente, marcada pela beleza, uma beleza singular.

Por exemplo, as tão conhecidas bem-aventuranças, “regras básicas” da comunidade de Cristo, começam assim: “Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus” (Mt 5.3). A palavra “bem-aventurado” quer dizer “Parabéns!”, ou seja, é um “Toca aqui!”. Jesus está parabenizando, cumprimentando, celebrando e acolhendo os pobres de espírito. Ele ignora os poderosos, os prestigiados, os famosos e os descolados. Ele se dirige aos pobres, os que nada têm a oferecer-lhe, que de nada podem se gabar. Ou seja, nada além de necessidades. Esses são exatamente aqueles nos quais Jesus se regozija, os quais acolhe e abençoa com as heranças de seu reino.

Quem ousaria formar uma liga de conselheiros com um bando de desconhecidos? Quem arriscaria começar um empreendimento com falidos? Quem daria início a uma aventura ousada com fracassados? Jesus. Ele inaugurou seu novo tipo de comunidade com pecadores tão fracassados que mal podiam dar a Deus uma razão sequer para que fossem notados. Ele junta sob seus braços esses mesmos pecadores e diz: “Parabéns! Vocês herdarão a eternidade e tudo o que nela há!”.

Nesse novo tipo de comunidade, não levamos nossos predicados, mas nossas necessidades. Jesus é quem providencia tudo e nos sustenta com sua graça. Não há espaço para nos gabarmos. Tudo que temos agora, tudo de que precisamos, é Jesus e sua misericórdia todo-suficiente. E é por meio dessa estratégia surpreendente que a beleza de Cristo invade este mundo dominado pela feiura.

O pastor Tony Merida e eu acreditamos profundamente nisso. Dedicamos nossas vidas para promover esse novo tipo de comunidade que só Jesus pode criar. Para mim, é uma alegria recomendar este livro maravilhoso, *Ame a sua igreja*. O título que você tem em mãos enriquecerá poderosamente seu relacionamento com Jesus e com a comunidade que ele criou.

Para começar, duas coisas me impressionam neste livro. Primeiro, as categorias são magníficas. Veja o sumário: lá estão listadas as prioridades que de fato queremos em nossas igrejas: pertencer, acolher, congregar, cuidar, servir, honrar, testemunhar e comissionar. Acaso há alguém hoje que sofra com o excesso dessas gloriosas realidades? Excesso de pertencimento, por exemplo? Será que já mandamos tão bem nesse aspecto que podemos virar a página? Me impressiona que nenhum desses santos privilégios destacados por Tony sejam específicos dessa ou daquela denominação. Não são privilégios apenas dos batistas, dos anglicanos, ou dos presbiterianos. Esses poderes celestiais são simplesmente *cristãos*. São evidências de que Jesus se faz presente. Podemos nos aprofundar nesses vestígios do evangelho sem medo de ir fundo demais.

O segundo aspecto deste livro que me salta aos olhos é como Tony conclui cada capítulo. Ele nos oferece “passos de ação” para nos ajudar a ter tração no terreno da prática. Já temos muito cristianismo teórico, não é mesmo? Nossa maior necessidade é um cristianismo real, que faça diferença de verdade. Os apontamentos de Tony nos elevam a esse estágio. Quando você chegar ao fim de cada capítulo, pela graça e para a glória de Deus, aceite o desafio. Vamos encarnar, na prática, uma genuína comunidade de Jesus em nossas igrejas!

Agora, em minha opinião, o melhor aspecto desta obra é o seu tom e o impacto que ela certamente há de causar. Este livro nos ajudará a ver nossas igrejas com novos olhos, olhos de esperança, e a amá-las com um coração mais grato. Em vez de procurarmos por falhas, ficaremos maravilhados com o privilégio de pertencer a uma igreja onde Jesus se faz presente. Se sua igreja estiver sob os braços de Cristo, isso por acaso não é suficiente? A perspectiva que Tony nos transmite ao longo deste livro se resume em um sentimento de encanto, causado pelo envolvimento na realidade mais grandiosa que há sob a face da terra: a comunidade em que o próprio Jesus habita.

Se frequentarmos nossa igreja domingo após domingo com esse sentimento pulsando em nossos corações, nós enfim seremos um sopro de vida para todos ao nosso redor. E quem não quer morrer menos e viver mais? Eu amo o que um de meus heróis, Francis Schaeffer, disse décadas atrás:

Se a igreja é o que deve ser, jovens estarão lá. Mas não apenas “estarão lá”: estarão lá rodeados pelo soar das trombetas e pelo estrondo dos címbalos, dançando com os cabelos cobertos de flores.¹

Idosos também virão. E nossas cidades pensarão que o próprio Jesus veio visitá-las!

Obrigado, Tony, por nos ajudar a alcançar essa realidade profética em cada uma de nossas igrejas.

1 Francis Schaeffer, *The Church at the End of the Twentieth Century*,



Introdução

O que é a sua igreja?

Se você se propôs a ler este livro, então quero que conheça minha causa: é minha intenção que as pessoas amem a Jesus e a sua igreja, e que saibam como amá-la.

É isso.

Há uma miríade de livros sobre igreja, e sou grato por ter à mão muitos recursos valiosos. O que diferencia este livro é a minha intenção de falar com o cristão “ordinário”, com objetivo de que ele ou ela — você — perceba a importância da igreja e qual papel é possível desempenhar nela. Este não é um livro direcionado aos líderes, apesar de esperar que se beneficiem dele também: é uma obra voltada a qualquer um que queira seguir fielmente a Jesus no contexto de uma comunidade centrada em Cristo e que tenha prazer em fazer a diferença nesse processo.

Se você está disposto a amar sua igreja, o melhor lugar para começar é entendendo o que sua igreja de fato é.

Essas pessoas todas são nossa família?

Minha esposa e eu adotamos cinco crianças: quatro ucranianas e um menino etíope. Joshua, nosso filho etíope, estava em casa conosco há cerca de quatro meses quando experienciou seu primeiro Natal. Jamais me esquecerei de um momento particular daquele mês de dezembro, não apenas por ser uma memória preciosa de minha família, mas porque ilustra maravilhosamente a natureza da igreja.

Depois de nos maravilharmos com a típica neve do norte da Virgínia, fomos à casa dos novos avós de Joshua. A casa estava cheia de familiares — familiares bem animados! Joshua, que tinha cinco anos naquela época, segurava minha mão enquanto observava detidamente todos aqueles primos, tios, tias e avós. Ao som da música natalina, sob o cintilar das luzinhas, encarando os presentes debaixo da árvore (presentes para ele também!), Joshua olhou para cima e me fez a seguinte pergunta: “Papai, essas pessoas todas são nossa família?”.

“Sim, filho”, eu respondi. “Todas elas são nossa família.”

Da mesma forma, sempre que participamos das reuniões, pequenas ou grandes, de nossa igreja, podemos dizer de nossos irmãos na fé: “Todas essas pessoas são nossa família”.

Alguns, nas reuniões de família (estendida), podem ser tentados a dizer: *“Infelizmente, todas essas pessoas são nossa família”*. Essa situação também serve como uma ilustração da igreja. Em toda igreja há pessoas difíceis de amar. Você pode, inclusive, ser uma *delas* de tempos em tempos! Toda igreja tem seus tios malucos ou irmãos e irmãs sem noção. Quer uma prova de que esse sempre foi o caso? Leia as cartas de Paulo aos coríntios. Ora, esta é a igreja.

A lição que Joshua aprendeu em seus primeiros natais foi esta: *quando adotado, você recebe uma nova família*. E a igreja é uma família de irmãos e irmãs adotados (veja Gl 4.4-7;

Rm 8.12-17). Quando depositamos nossa fé em Cristo, obtemos não apenas um novo relacionamento com o Pai, mas uma nova família também (1Tm 4.15, 5.1-2; Gl 6.10).

Nós somos uma comunidade “já, mas ainda não” de irmãos e irmãs transformados por nosso irmão mais velho e rei, Jesus Cristo. Isto é, experimentamos salvação genuína agora (o “já”), mas aguardamos a salvação final e completa, que ocorrerá no futuro (o “ainda não”) e contará com a presença do povo de Deus de todas as épocas. Como uma comunidade “já, mas ainda não”, demonstramos ao mundo quem é nosso rei e como será o reino porvir através de nossa vida compartilhada e de nossa missão: pelo que pregamos e pelas obras que realizamos neste mundo. Nessa perspectiva, a igreja local é como uma pequena embaixada do grande reino de Deus, vivendo sob o governo gracioso de Cristo. Estamos distantes de nossa terra natal (como peregrinos e forasteiros, 1Pe 2.11), portanto nossas vidas e ações são distintas. Estamos aqui para que o mundo à nossa volta olhe para nós, veja que somos diferentes, e pergunte: “Vocês não são daqui, são?”. Não, não somos. Somos cidadãos do céu, e estamos aguardando a vinda de nosso Salvador, que dos céus virá e fará novas todas as coisas (Fp 3.20).

Ao se reunir com sua igreja local para louvar a Deus Pai, Filho e Espírito Santo, ouvir a Palavra de Deus, participar da Ceia do Senhor, testemunhar um batismo, ter comunhão com os demais membros dessa família e orar com eles, você está fazendo mais, muito mais, do que “ir a um evento religioso”. Você está fazendo parte de algo diferente, algo glorioso e eterno. E tudo isso só é possível por causa da obra salvadora de Cristo Jesus.

As afirmações bíblicas acerca da igreja são magníficas. Por exemplo, em uma única, mas maravilhosa, frase, o apóstolo Paulo declara a vitalidade da igreja, a natureza familiar da igreja, e a verdade proclamada pela igreja: nós somos “a igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade” (1Tm 3.15). Considere também o que Paulo disse aos pastores/presbíteros de Éfeso: “Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para

pastoreardes a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue (At 20.28, ênfase minha). Que privilégio pertencer à igreja de Deus, adquirida pela obra redentora do amado Filho de Deus! Leve em conta também o quão profundamente Jesus se identifica com sua igreja: quando Paulo perseguia a igreja, Cristo perguntou: “Por que *me* persegues?” (At 9.4, 22.7, ênfase minha). Neste momento, o terrorista que se tornaria apóstolo percebeu não apenas que Jesus vive e é o Senhor, mas que, ao perseguir a igreja, ele estava perseguindo o próprio Cristo, tal a profundidade do vínculo entre o coração do Noivo e sua noiva.

Responsabilidades que são, na verdade, privilégios

Quero chamar sua atenção para três responsabilidades-chave dos membros de igreja. Cada uma delas é também um privilégio.

No capítulo 1 veremos por que é importante pertencer a uma igreja local. No capítulo seguinte, veremos por qual motivo temos de praticar a hospitalidade e como fazê-lo, acolhendo todo tipo de pessoa em nossa comunidade.

A importância dos cultos de adoração é o foco do capítulo 3. Os capítulos 4 e 5 tratam do chamado que os membros de igreja têm para cuidarem uns dos outros e para servirem ao corpo com seus dons espirituais. O capítulo 6 traçará algumas das responsabilidades-chave dos pastores, além de descrever como os membros devem se relacionar com seus pastores. Tanto o capítulo 7 como o capítulo 8 lidam com o tema da missão: o nosso testemunho individual e de que forma podemos, como igreja local, impactar nossas comunidades e o mundo.

O intuito deste livro não é apenas transmitir informação. Eu quero que você seja transformado. Por essa razão, ao fim de cada capítulo há uma pequena lista de “passos de ação”, cujo objetivo é trazer algumas orientações sobre como amar mais a igreja de acordo com o tema abordado naquele capítulo.

Quero que você se encante com o fato de fazer parte de uma comunidade local de crentes. Sei que muitos de nós (ainda que não admitam em voz alta) não acham o fazer parte de uma igreja algo tão encantador. Há uma série de razões pelas quais as pessoas não se envolvem com a família da igreja. Primeiro, alguns foram feridos pelos membros, e outros foram magoados por seus pastores. Lamento profundamente essa realidade e quero muito que essas pessoas recebam cuidado e cura, encontrando uma família e comunhão restaurada em uma igreja fiel. Se este livro ajudar alguém nesse sentido, ficarei muito feliz.

Há também alguns que são cristãos “pró-igreja na teoria, mas não na prática”. Estes veem a igreja como algo legal, desde que não haja mais nada para fazer nela durante a semana, ou como uma experiência

bacana para seus filhos pequenos, mas que se torna opcional na vida adulta.

Muitos amam o *conceito* de igreja, mas não têm comunhão real com cristãos genuínos em uma congregação local. Alguns se mantêm atualizados com as notícias da igreja através das redes sociais, e até mesmo oferecem “conselhos” a pastores, mas estão “ausentes do campo de batalha”.

Outros estão abertos a aprender sobre a importância da igreja, mas ainda não conhecem o suficiente sobre o assunto. Se você é um desses, fico alegre por estar lendo este livro!

Há ainda aqueles que têm servido e amado sua igreja, mas que agora estão cansados, seja em virtude do contexto em que estão inseridos, seja por problemas internos, seja por qualquer outro motivo. Cristãos exaustos precisam ser lembrados das riquezas inexauríveis de Cristo e de quão significativo é o trabalho deles na igreja. Espero que eu consiga encorajá-los com essas lembranças.

Temos, então, os “turistas eclesiásticos”. Turistas eclesiásticos são aqueles indivíduos que observo do púlpito durante os cultos e logo penso: “Não conheço essa pessoa”, “Não vejo essa pessoa há bastante tempo”, ou “Preciso fazer com que ele/ela/eles crie(m) laços com os outros membros”. Mas, quando desço do púlpito para vê-los, eles já foram embora! A agilidade desses irmãos me impressiona, mas adoraria ouvir suas histórias. Presumo que alguns sejam curiosos investigando as doutrinas cristãs. Outros podem estar relutantes em se envolver com a igreja por causa de experiências negativas do passado. Alguns podem achar que nossa igreja nunca será tão boa quanto sua antiga igreja, e então se mantêm distantes. Pode ser que alguns não tenham gostado do meu sermão e fugiram assim que possível. Há muitas outras razões, provavelmente. Espero que eles possam experimentar a alegria de uma comunidade bíblica sustentada por Cristo Jesus.

Por fim, alguns de fato amam sua igreja, mas não sabem muito bem *como* amá-la. Eles ficam se perguntando: “Se não faço parte da liderança, ou do grupo de louvor, ou de qualquer outro tipo de ministério, qual é então a minha função?”. Se você é um deles, então espero que este livro o ajude a vislumbrar o impacto que pode causar ao realizar simples, mas importantes, atos de discipulado em sua igreja e para ela.

Independentemente do quadro no qual você se encaixe, todos nós nos beneficiaremos ao recuperar a visão neotestamentária da igreja de Cristo. Todos somos capazes de aprender a amar nossa igreja conforme o chamado de nosso Senhor.



Pertencer

Uma família centrada no evangelho

Como imagem e semelhança de Deus, as pessoas foram criadas para viver em comunidade. O Deus Triúno é um Deus relacional, e ele nos criou para nos relacionarmos.

Essa talvez seja a razão de as séries de televisão e *reality shows* mais populares terem a ver com comunidade. Na década de 1980, a série *Cheers* retratava um grupo de amigos que se encontravam para socializar em um bar das redondezas. Muitos ainda se lembram da música de abertura: “*Sometimes you wanna go [...] Where everybody knows your name*” [Às vezes você quer ir [...] aonde todos sabem o seu nome]. *Friends*, uma série sobre seis amigos moradores de Manhattan, foi extremamente popular na década de 1990 (e recentemente testemunhou um interesse que ressurgiu por parte dos *millenials* e da geração Z). “*I’ll be there for you / Cos you’re there for me too*” [Estarei lá por você / Pois você estará lá por mim] era cantada por uma miríade de fãs. Nos anos 2000, milhões se conectaram com os personagens da série de ficção científica *Lost*, que contava a história dos sobreviventes de uma queda de avião vivendo numa ilha misteriosa: um programa que também exaltava a importância dos relacionamentos.

A popularidades das redes sociais também ilustra nosso anseio por comunidade. Pessoas querem ser conhecidas, querem conhecer outras pessoas, e precisam de amigos. Muitos já relataram ter encontrado um forte senso de comunidade nas academias de musculação, por exemplo. As academias se tornaram mais do que um lugar para exercitar-se. Essa necessidade por comunidade é o motivo pelo qual nossos filhos sempre perguntam: “Será que vou fazer novos amigos?” todo início de ano letivo. (Quem dera eles também se animassem desse jeito com biologia!)

Deus nos deu esse anseio por comunidade, e nos deu também o lugar onde esse anseio há de ser satisfeito: a igreja. O pecado rompe a comunhão com Deus e com os outros, mas somos reconciliados com Deus e uns com os outros através do evangelho. Deus firma essa unidade em Cristo, mas é nosso dever preservá-la (Ef 4.2). Ele nos providencia o lugar, porém cabe a nós nos comprometermos com o pertencimento.

Para experimentar a bênção da comunidade é necessário evitar se distanciar dos irmãos e irmãs da igreja, e não negligenciar as oportunidades de passar tempo com eles (em pequenos grupos, no culto, e em comunicação constante). Esse é o motivo pelo qual a experiência da pandemia de COVID-19 foi tão desafiadora, e é também a razão pela qual as igrejas tiveram de ser criativas e de se desdobrar para manter os cristãos conectados em cultos, na comunidade e na adoração, mesmo que não aos moldes ideais.

A igreja sob o ponto de vista de Cristo

Quando comecei a seguir a Jesus, ainda na época da faculdade, me envolvi bastante com a capelania universitária e com os eventos evangelísticos locais, e pensava que poderia fazer mais sem uma igreja local. Eu achava que a igreja iria me atrapalhar. Meu foco era “movimentos” e “eventos”, não igreja. Eu tinha conhecimento dos grandes problemas que ocorriam nas igrejas e não queria ter nada a ver com eles. Meu interesse era ministrar aos da minha idade (ou um pouco mais novos), não a um grupo multigeracional. A subcultura cristã era minha praia, não a fé tediosa do contexto eclesiástico.

Muito desse pensamento surgia em razão do meu limitado conhecimento da igreja, fruto de pouco estudo cuidadoso das Escrituras. Eu não conseguia ver a igreja sob o ponto de vista de Jesus; não entendia a descrição que a Bíblia faz da igreja. Acredito que muitos estejam nessa situação hoje. Não se pode permitir que a experiência e as preferências pessoais moldem nossa visão da igreja. É necessário vê-la através das lentes da Bíblia. E isso significa ver a igreja com alegria.

Pertencer a uma igreja significa dedicar sua vida a uma comunidade centrada no evangelho, onde um serve ao outro com alegria e a missão de Cristo é levada adiante por todos. Várias décadas atrás, D. Martyn Lloyd-Jones destacou o quão necessário é uma igreja alegre:

A maior necessidade do momento é uma igreja jubilosa e alegre [...]. Cristãos infelizes são uma péssima propaganda para a fé [...]. A alegria exuberante dos primeiros cristãos foi um dos fatores mais poderosos na disseminação do cristianismo.²

O evangelho deve naturalmente causar em nós uma “alegria exuberante” quando consideramos o que Deus fez por nós em Cristo. E é no contexto da igreja que essa alegria é obtida, experimentada e ampliada.

Este regozijo centrado em Cristo e experimentado mesmo em meio ao sofrimento é único, poderoso, arrebatador e atraente. Isso não significa, entretanto, que a igreja seja imune ao sofrimento; significa que, mesmo em meio ao sofrimento, há uma fonte de alegria da qual beber: a cisterna da nossa salvação. Em tempos difíceis, podemos estar “entristecidos, mas sempre alegres” (2Co 6.10).

É um privilégio fazer parte do povo da nova aliança de Deus, fazer

parte daqueles que foram salvos mediante o arrependimento e a fé em Cristo Jesus, daqueles que contam com a presença do Espírito Santo, que se reúnem em ajuntamentos locais, que se ajuntam para ouvir a pregação da Palavra, que se envolvem no culto e na adoração comunitária, que são liderados por pastores/presbíteros qualificados, que desfrutam das maravilhas do batismo e da Ceia do Senhor. É maravilhoso fazer parte daqueles que se comprometem a pôr em prática o “uns aos outros” da Escritura e que vão até os confins da terra para cumprir o maior mandamento (amar o próximo) e a Grande Comissão (fazer discípulos de todas as nações).

Tanto a igreja universal (todos os cristãos de todas as épocas e de todos os lugares) quanto a igreja local são essenciais, e não raro há sobreposição entre ambas. Entretanto, o foco deste livro repousa sobre a segunda. Como o professor Gregg Allison observou, a igreja local é “de longe a mais referida nas exposições do Novo Testamento sobre a igreja”.³

Embora a palavra “igreja” (*ekklēsia*) signifique basicamente “ajuntamento” ou “assembleia”, ela é mais do que uma simples reunião. A igreja é uma comunidade local de cristãos que se reúnem para cultuar a Deus e testemunhar aos de fora; é a união de pessoas que compartilham vidas centradas em Cristo pelo bem uns dos outros e para abençoar o mundo. Essa ideia de comunidade está espalhada por todo o Novo Testamento: a Bíblia desconhece o cristianismo de “lobos solitários”. Eu amo quando Tito fala que Jesus “a si mesmo se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniquidade e purificar, para si mesmo, *um povo exclusivamente seu*, zeloso de boas obras” (Tt 2.14, ênfase minha). Você pegou a referência? Ele entregou a si mesmo não apenas por mim individualmente (mesmo que isso seja verdade!), mas por nós, coletivamente, a fim de purificar um povo para si mesmo.

A carta de 1Pedro também tem um tom marcadamente coletivo, e usa várias ilustrações para lembrar aos cristãos sua identidade comunitária; por exemplo: “vós, sim, que, antes, não éreis povo, mas, agora, sois povo de Deus” (1Pe 2.10).

O Novo Testamento rejeita a noção popular de “eu sou membro da igreja universal, não preciso fazer parte da igreja local, da igreja visível”. Nós provamos que fazemos parte da igreja universal quando nos identificamos com uma *comunidade real e local*. É como nossa união com Cristo. Vivemos nossa união espiritual com Cristo *visivelmente*, e vivemos nossa união com os outros cristãos *visivelmente* também.

Ainda que alguns olhem torto para o conceito de membresia, é importante reconhecer as várias verdades bíblicas sobre esse assunto. Eis aqui algumas a serem consideradas: a disciplina eclesiástica presume que as pessoas na igreja sejam identificáveis (Mt 18.15-17).

Quando Paulo diz “expulsai, pois, de entre vós o malfeitor”, ele está presumindo que algumas pessoas estão dentro e outras estão fora (1Co 5.9-13). O Novo Testamento também contém uma lista de membros de uma igreja local, o que mostra que as pessoas eram inidentificáveis (veja 1Tm 5). Em Atos, vemos pessoas sendo contadas regularmente (por exemplo, At 2.41, 4.4). Em Hebreus 13.17, vemos que os presbíteros prestariam contas das pessoas que lideravam, o que indica que eles conheciam aqueles que estavam sob sua supervisão. Ainda, todas as metáforas usadas para descrever a igreja (pedras do templo, membros de uma família, cidadãos de um reino, e membros de um corpo) expressam a ideia de membresia e pertencimento.

Há certa flexibilidade em relação à maneira como as igrejas locais podem implementar um sistema saudável de membresia, mas a ênfase no pertencimento a uma comunidade local é muito clara no Novo Testamento. Algumas igrejas têm um sistema de membresia com estruturas bem definidas (como minha própria igreja local), outras optam por uma abordagem menos formal. Qualquer que seja o caso, todo cristão deve se comprometer genuinamente a pertencer a uma igreja local. Pertencimento ativo é o primeiro privilégio-responsabilidade de um membro de igreja (ou, em outras palavras, de todo cristão), e a porta de entrada para os de fora.

Elevando nosso conceito de igreja

A carta de Paulo aos efésios contém muitas passagens significativas acerca da igreja. A maioria delas se refere à igreja universal, mas muitas das ideias ali presentes podem ser aplicadas à igreja local.

Em Efésios 1, Paulo descreve a igreja como o corpo de Cristo, com Cristo sendo a cabeça, o soberano da igreja (Ef 1.21-23). No capítulo 2, Paulo lembra os cristãos (judeus e gentios) de sua antiga alienação para com Deus e seu povo, e do que Cristo fez na cruz para reconciliá-los com Deus e uns com os outros (Ef 2.11-18). O apóstolo chama a igreja de “concidadãos dos santos”, “família de Deus” e de “edificados para habitação de Deus”, sendo Cristo a “pedra angular” (Ef 2.19-22).

Em Efésios 3, Paulo ora para que Deus seja glorificado “na igreja” (Ef 3.20-21). Depois, em Efésios 4.1-6, o apóstolo discute a *unidade da igreja*. Ele afirma que a igreja é unida por uma vocação divina (v. 1), por se comportar como Cristo (v. 2-3), e por uma confissão em comum (v. 4-6). Ele acrescenta que Deus deu dons espirituais ao seu povo para sua ministração e providenciou líderes à igreja a fim de equipar os santos para o serviço, para que os cristãos cheguem à maturidade (v. 7-16).

No capítulo 5, o apóstolo declara, por palavras inspiradas, que Cristo “amou a igreja [sua noiva] e a si mesmo se entregou por ela” (Ef 5.25). A ideia “amo Jesus, mas não a igreja” é inconsistente e

problemática. A igreja é a noiva de Cristo. É como se você dissesse a seu melhor amigo: “Eu amo você, e gosto demais de passar tempo contigo, mas não tenho tempo para sua esposa e prefiro não vê-la nem passar tempo com ela, tudo bem?”. Paulo acrescenta que Cristo está santificando, alimentando e cuidando da igreja, e que um dia irá apresentá-la santa e sem defeito (Ef 5.26-29), como o hino de William Cowper ilustra: *Till all the ransomed church of God be saved to sin no more* [“Até que a igreja de Deus redimida seja salva para nunca mais pecar”].

Não podemos, entretanto, ignorar Efésios 3.10. O apóstolo nos diz que a igreja, composta de crentes judeus e gentios (não judeus), está tornando conhecida “a multiforme sabedoria de Deus” aos “principados e potestades nos lugares celestiais”. Esses “principados e potestades” são provavelmente seres celestiais, e bons e os maus, ainda que a preocupação principal do apóstolo em Efésios seja com os seres malignos (veja

Ef 6.12). Os anjos veem o glorioso ato salvífico de Deus, veem os salvos se reunindo para louvar seu Salvador e amar uns aos outros, e ficam maravilhados (1Pe 1.10-12), enquanto as forças demoníacas temem e tremem ao olhar para isso. As forças do mal já foram derrotadas na cruz, e aguardam a sentença final. Portanto, há muito mais envolvendo a igreja do que os olhos podem ver. Se você faz parte de uma congregação, então faz parte de um sermão cósmico que está sendo pregado a autoridades e principados espirituais. Sempre que sua igreja se reúne, vocês estão tornando conhecida a “multiforme” sabedoria de Deus. A graça e a glória de Deus são exibidas através das várias pessoas que foram chamadas, redimidas, perdoadas, reanimadas, e unidas em Cristo.⁴

Obstáculos à comunidade

O que, então, pode ser um problema para este ato de pertencer? Quase sempre somos o problema. Nós, cristãos, precisamos superar ao menos quatro obstáculos a fim de podermos viver em nossa igreja essa comunidade centrada no evangelho e cheia do Espírito Santo.

Sensacionalismo. Muitos cristãos são fissurados por espetáculos. Ficamos empolgados com grandes conferências, pastores de fora, ou com a última controvérsia. Pessoas aficionadas por adrenalina simplesmente não consideram a rotina da igreja local estimulante o suficiente para se envolverem e continuarem envolvidos. Cuidar dos membros mais velhos da igreja? Restaurar um membro rebelde à comunhão? Ajudar uma mãe solteira? Servir no ministério infantil? Essas coisas normalmente não empolgam os sensacionalistas. Mas, apesar de esses atos provavelmente não serem impressionantes para muitos, o mundo pode ser virado do avesso se os praticarmos. Mas não só isso: a busca constante por algo maior, mais elevado e mais

extraordinário é extenuante. Precisamos de uma nova geração de cristãos que se comprometam a viver as bases do cristianismo com sua família da fé.

Misticismo. Quando se fala em vida no Espírito Santo, muito pensam em experiências místicas, milagrosas e privadas. Não há nada de novo nisso: Simeão Estilita, o primeiro dos “pais do deserto”, construiu uma pequena coluna no deserto sírio por volta de 423 d.C. e viveu sob ela por seis anos, motivado pelo desejo de viver em comunhão com Deus. Mas acaso é isso que significa ser espiritual? Tornar-se um ermitão, distante das pessoas e das distrações mundanas, fora da realidade? Phil Ryken faz a seguinte pergunta: “Acaso é possível discipular crianças no deserto?”.⁵ Não é todo mundo que pode largar tudo e ir morar no deserto; e, mesmo que pudesse, essa ideia de discipulado não se encaixa no contexto da comunidade que vemos descrita na Escritura.

Em contraste com a abordagem do ermitão, veja os primeiros capítulos do livro de Apocalipse, onde vemos Jesus avaliar e instruir sete igrejas, ou candeeiros, localizadas no que seria hoje a Turquia. Jesus é descrito como “anda[ndo] no meio dos sete candeeiros de ouro” (Ap 2.1; veja também 1.13). Reflita sobre isto: Cristo está *andando no meio da igreja*. É por essa razão que eu desejo que a minha vida e a igreja estejam entrelaçadas. É por isso que me recuso a desistir da igreja. Onde está Jesus? Ele está em sua igreja. Cristo tem amizade e intimidade com sua igreja: é seu pastor, sua cabeça, sua treliça, seu alicerce, seu marido. Para experimentar Jesus de maneira profunda, viva, transformadora, você não precisa de um poleiro no deserto: você precisa é do banco da igreja.

Idealismo. Dietrich Bonhoeffer, em seu clássico livro *Life Together* [*Vida em comunhão*], fala do problema de se ter um “ideal” quando o assunto é igreja: “Aquele que ama mais seu ideal de comunidade do que a comunidade em si se torna o carrasco desta, mesmo que suas intenções pessoais sejam as mais honestas, sinceras e sacrificiais”.⁶

Ideais destroem a comunidade. Alguns têm expectativas idealistas em relação aos pequenos grupos, aos pastores ou às programações. Comunhão real envolve altos e baixos, envolve frustrações, desapontamentos e dificuldades. Mas, pela graça, perseveramos em união como pecadores redimidos por Jesus. Isso não significa que não temos de trabalhar duro para aprimorar cada área da igreja (temos, sim!). Significa, porém, que devemos reconsiderar nossas expectativas.

É difícil conter o riso quando idealistas dizem: “Eu queria que a igreja voltasse ao que era no primeiro século: aquelas pessoas tinham tudo sob controle”. Meu desejo é perguntar: “Você por acaso leu o Novo Testamento? Leu 1Coríntios? E o que dizer da história de Ananias e Safira em Atos 5? É difícil voltar a um período mais

primitivo do que esse”. Temos cartas e mais cartas no Novo Testamento tratando de *problemas* na igreja! Das sete cartas às igrejas em Apocalipse, cinco contêm repreensões. Devemos moldar nossa igreja segundo os padrões do Novo Testamento? Sim. Todavia, não podemos fingir que as igrejas do primeiro século eram perfeitas. Vamos acabar de uma vez por todas com essa idealização, parar de agir como críticos da igreja e, em vez disso, identificar com mais afincos as evidências da graça em nossa congregação. Que seja motivo de alegria para nós quando nossa igreja tiver prioridades bíblicas, e que sejamos graciosos quando nossas preferências forem deixadas de lado.

Individualismo. Muitos (quase sempre, sem perceber) vivem vidas isoladas, especialmente no Ocidente, jamais experimentando a beleza de uma comunidade bíblica. Conhecemos tantas pessoas, mas temos intimidade com tão poucos (ou mesmo talvez com ninguém). A tecnologia não provê o que nossos corações anseiam. Ela pode fortalecer os relacionamentos, mas é incapaz de substituí-los. A pandemia de COVID-19 nos mostrou isso. Após duas semanas de chamadas de vídeo, eu não aguentava mais interação digital. Refleti sobre 2João 12 durante essa terrível experiência: “Ainda tinha muitas coisas que vos escrever; não quis fazê-lo com papel e tinta, *pois espero ir ter convosco, e conversaremos de viva voz, para que a nossa alegria seja completa*” (2Jo 1.12, ênfase minha). João diz que há limites para a caneta e o papel (ou, em nosso caso, para o computador, para as mensagens de texto e videochamadas). E-mails, mensagens de texto e ligações são péssimos substitutos para *relacionamentos encarnados*. Sem interações face a face, parece que há algo faltando. A ausência de relações encarnadas fará com que percamos nossa alegria.

É um privilégio estar em comunhão com irmãos e irmãs. E o fato de você ser descontraído ou tímido, introvertido ou extrovertido, não tem nada a ver. A comunhão está no cerne do que é ser um cristão. Bonhoeffer descreve esse privilégio com estas palavras:

É pela graça de Deus que a congregação pode se reunir visivelmente neste mundo para compartilhar a Palavra de Deus e os sacramentos. Nem todos os cristãos têm acesso a essa benção. Os encarcerados, os doentes, os exilados, e os que proclamam o evangelho em terras pagãs estão sozinhos. Eles sabem que comunhão visível é um privilégio [...]. A presença física de outros cristãos é uma fonte de alegria inigualável e força para o crente [...]. O encarcerado, o doente, e o cristão exilado veem na companhia de outro cristão um sinal físico da presença graciosa do Deus Triúno [...]. É graça, e nada menos que graça, o fato de podermos viver em comunidade com irmãos em Cristo.⁷

Precisamos uns dos outros. Isso não significa que temos de nos mudar para um mosteiro. Também não quer dizer que a comunhão seja algo fácil. Ela nunca será perfeita neste mundo, mas ainda assim pode ser experimentada de uma maneira maravilhosa.

Claro, não quero dizer que todos os nossos amigos devem ser cristãos (este não pode ser o caso, se quisermos ser testemunhas de

Cristo). Quero dizer simplesmente que devemos voltar nossos olhos para uma vida cristã cheia do Espírito Santo, que envolve em sua essência o fazer parte de uma comunidade, e que temos de perseguir essa realidade.

Passos de ação

Com base na maneira como o Novo Testamento vê a igreja, deixe-me oferecer alguns passos a serem seguidos.

1. *Eleve seu conceito de igreja.* Não trate a igreja como se ela fosse irrelevante, desnecessária ou um obstáculo para realizar grandes coisas para Deus. A igreja é imperfeita, mas indispensável para o discipulado cristão fiel.
2. *Seja um membro identificável de uma igreja local.* Se você é um cristão professo, mas não faz parte de uma igreja local, saiba que está fora do padrão neotestamentário. Saiba também que você não está ajudando a si mesmo, pois não é sábio nem seguro viver à parte da responsabilidade, da disciplina e da supervisão de pastores que prestarão contas diante de Deus (Hb 13.17).
3. *Se está pensando em se mudar, faça da membresia numa igreja local prioridade.* Se você está se mudando, seja em virtude do trabalho, da escola, ou de qualquer outra coisa, leve em consideração o fator “igreja local” em seu processo de decisão. Anseie por se unir a uma comunidade centrada no evangelho e fiel à Bíblia.
4. *Nunca se esqueça de que pertencer a uma família da fé local e fazer parte da igreja universal é um privilégio.* Localmente, é uma dádiva acolher uns aos outros em Cristo, reunir-se para cultuar, adorar, compartilhar a vida, dedicar nosso tempo, talentos e bens para avançar o evangelho, e viver juntos em missão. Globalmente, é uma dádiva aliar-se a irmãos e irmãs de todo o mundo, que confessam a Jesus como seu Senhor. Eternamente, é uma dádiva saber que nos reunimos em coro com todos os remidos de todas as épocas e cantamos: “Digno é o Cordeiro”.
5. *Ore regularmente por sua igreja.* Não subestime a importância de orar pelo povo de Deus, por seus líderes, e pelo progresso da missão eclesial.

² D. Martyn Lloyd-Jones, *Spiritual Depression*, p. 5. [*Depressão espiritual* (PES, 2017).] ³ Gregg R. Allison, *Sojourners and Strangers*, p. 61-62. [*Eclesiologia: uma teologia para peregrinos e estrangeiros* (Vida Nova, 2021).] ⁴ Outra passagem impactante sobre a glória da igreja é encontrada em Hebreus 12.18-24, na qual o autor fala dos crentes se unindo às legiões celestiais em adoração e como os crentes vivos agora neste mundo se unem àqueles que estão no céu, todos compartilhando da mesma cidadania celestial. ⁵ Philip Ryken, *Galatians*, p. 243. ⁶ Dietrich Bonhoeffer, *Life Together*, p. 26. [*Vida em comunhão* (Sinodal, 2011).] ⁷ Bonhoeffer, *Life Together*, p. 18-19.



Acolher

Hospitalidade centrada na graça

Recordo uma ocasião ímpar que ocorreu na primeira vez em que pastoreei em Nova Orleans. Meu sermão da manhã era sobre Tiago 2.1-13, e tratava do pecado da parcialidade (demonstrar favoritismo) e do preconceito na igreja. Fiz a seguinte pergunta à congregação: “Quantos de vocês querem, enquanto igreja, crescer exponencialmente?”. Vi muitas mãos levantadas. Então questionei: “Não seria incrível ver esse prédio lotado, ver os ministérios crescendo e, quem sabe, sermos capazes até mesmo de investir em várias igrejas ao redor do mundo?”. Vários “améns” foram ouvidos. Mas então eu perguntei: “E se 75% desse crescimento viesse de pessoas não brancas?”.

A pergunta deixou uma tensão no ar. Alguns aplaudiram, muitos torceram o nariz, e outros resmungaram. Lembro de um que até se levantou e saiu da igreja. Alguns pareciam estar pensando: “Pastor, espero que você tenha um plano para depois dessa introdução”.

A igreja ficava num bairro bem diversificado, mas os membros, em sua grande maioria, eram brancos. Meu alvo não era apenas que nós crescêssemos numericamente, mas que a igreja refletisse nossa vizinhança. Então, eu pressionei ainda mais: “E se metade da equipe pastoral fosse de negros e mulatos? E se você estivesse num leito de hospital e um dos pastores negros fosse visitá-lo? Como você se sentiria?”. Fiz então a pergunta derradeira: “Nós queremos de fato crescer como igreja ou apenas queremos mais pessoas parecidas conosco, que tenham os mesmos interesses, opiniões e sejam da mesma casta?”. Eu poderia ter parafraseado a questão e simplesmente perguntado: “Nós queremos de fato ser uma igreja verdadeiramente acolhedora?”.

Um amigo meu fez uma breve visita em nossa igreja depois daquele domingo e teve a oportunidade de cumprimentar alguns membros. Eles não sabiam que aquele homem era meu amigo, e um senhor de idade lhe disse o seguinte: “Eu não sabia quem iria matar primeiro: nós o matarmos ou ele nos matar”. Ora, eu não tinha nenhuma intenção de ferir ou ser ferido, mas queria muito refletir a visão neotestamentária de uma igreja composta de cristãos de diversos

tipos.

Preconceito e discriminação são para a humanidade vícios insistentes, e falar sobre eles (especialmente no contexto da igreja) facilmente nos deixa desconfortáveis. Mas a Palavra de Deus aborda esse assunto de diversas maneiras, e em muitos lugares. Portanto, o povo de Deus precisa refletir a respeito deles. Preconceito e discriminação ocupam grande parte do pano de fundo de Romanos, visto que Paulo estava tentando unir os judeus e os gentios da igreja. Depois de abordar a questão ao longo de sua carta, o apóstolo parte para uma abordagem bastante prática nos capítulos 14 e 15 ao descrever como o “irmão mais fraco” (os de consciência sensível, que eram predominantemente judeus) e o “irmão mais forte” (aqueles de consciência forte, que eram predominantemente gentios) devem se relacionar um com o outro. Ele comanda: “Portanto, acolhei-vos uns aos outros, como também Cristo nos acolheu para a glória de Deus” (Rm 15.7). Todo membro de igreja deveria saber esse versículo de cor e salteado. Não é por direito que fomos acolhidos na família de Jesus. Por crermos em Cristo é que fomos por ele recebidos. Ele nos recebeu graciosamente, com alegria e por completo. E agora, como igreja, é nosso dever acolher a comunidade de cristãos centrada no evangelho.

A narrativa bíblica deixa claro por que existe alienação e divisão hoje, mas também nos mostra como Jesus veio para remediá-los. Na criação, Deus nos fez à sua imagem (Gn 1-2). Todos, de todas as raças e contextos, têm o mesmo valor, a mesma dignidade e importância. Mas, então, a Queda ocorreu (Gn 3). O pecado não apenas nos alienou de Deus, mas também nos distanciou das demais pessoas. Há agora divisão e hostilidade entre raças, classes, idades e tribos. Através de Cristo, entretanto, podemos ser reconciliados com Deus e uns com os outros. O poder do evangelho é testificado por meio dessa união. É na igreja local que vemos Jesus destruindo as barreiras (Ef 2.11-22)! E um dia, na nova criação, todas as coisas serão renovadas, e experimentaremos uma gloriosa união em meio a uma belíssima diversidade enquanto exaltamos o Salvador (Ap 5.9-10).

Do que mais precisamos, portanto, é aplicar o evangelho a esse problema e sermos guiados por uma cosmovisão de reino. Temos de nos lembrar da graça de Deus, e não podemos nos esquecer do destino final da história. Parcialidade, preconceito e panelinhas são obras das trevas, mas as boas-novas de Jesus rompem com a escuridão.

Seja conhecido por agir em amor, e não com parcialidade

Em poucas palavras, fé em Cristo e favoritismo são totalmente incompatíveis. Esnobismo e fé em Cristo não combinam. É por esse motivo que Tiago alerta em sua carta: “Meus irmãos, não tendes a fé em nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória, em acepção de pessoas” (Tg 2.1). A palavra grega traduzida por “acepção”,

“parcialidade”, “preconceito” ou “discriminação” é uma das mais fascinantes. Seu significado é literalmente este: “não receba a face”. Ou seja, não discrimine com base na aparência externa.⁸

O termo também está no plural, o que sugere que o cristão não deve demonstrar nenhum favoritismo em relação à vestimenta, à riqueza, à cor de pele, ao contexto social, nem a qualquer outro aspecto exterior de alguém. Há aqui muitas aplicações. Apenas para destacar algumas específicas, somos tentados a ser parciais baseados na *aparência, sotaque, faixa etária, condição financeira, ancestralidade, afinidade e nas conquistas*. A tendência do ser humano é ver os outros de maneira parcial, mas não a si mesmo. O fato é que todos temos nossos pontos cegos. Um problema patente nos Estados Unidos é o racismo dentro da igreja. As manhãs de domingo foram apelidadas de “a hora mais segregacionista dos EUA”. Isso é trágico e inaceitável. Também tenho visto pessoas sendo condescendentes com aqueles que têm certo sotaque, como se a maneira de falar indicasse que alguém não é inteligente ou não tem instrução. Já presenciei muitas expressões de parcialidade da parte de cristãos mais velhos para com líderes mais jovens, e de jovens para com os mais velhos. Não raro os ricos recebem mais poder na igreja, ou têm mais voz, do que os outros. Às vezes, as pessoas demonstram certa predisposição por causa da afinidade, e se recusam a participar de um pequeno grupo simplesmente porque os participantes não compartilham dos mesmos interesses que elas.

Todas essas distinções são importantes porque fazem parte de nossa personalidade, mas não são o mais importante, pois Deus vê o coração (1Sm 16.7). A mensagem do evangelho destrói pretensões mundanas e qualquer sentimento de superioridade de um grupo social em particular (veja Gl 3.28; At 10.34-35).

Como podemos conter nossa tendência natural à parcialidade? Temos de fixar nossos olhos em Jesus, a quem Tiago chama de “o Senhor da glória”. Somente Cristo tem toda a glória. Não idolatre o rico, nem o atraente, tampouco o bem-sucedido: adore a Cristo. Fique maravilhado ao olhar para Cristo, aquele que é cheio de glória. Busque a glória genuína, que não está nos ricos, nem nos poderosos, muito menos nos famosos, mas no Senhor. Se é a glória de Jesus que cativa seu coração, então você não mais bajulará os outros.

O teste do “sente-se ao meu lado”

Tiago nos traz uma ilustração singular de como a parcialidade pode ocorrer na igreja: um culto de adoração nada acolhedor que esnoba os pobres e favorece os ricos na assembleia. Trata-se de uma discriminação de classe — um grande problema presente no mundo inteiro. Os diáconos colocam o homem com anéis de ouro num bom

lugar, enquanto põem o pobre no chão:

Se, portanto, entrar na vossa sinagoga algum homem com anéis de ouro nos dedos, em trajos de luxo, e entrar também algum pobre andrajoso, e tratares com deferência o que tem os trajos de luxo e lhe disserdes: Tu, assenta-te aqui em lugar de honra; e disserdes ao pobre: Tu, fica ali em pé ou assenta-te aqui abaixo do estrado dos meus pés, não fizestes distinção entre vós mesmos e não vos tornastes juízes tomados de perversos pensamentos? (Tg 2.2-4)

O fato de terem de dizer ao pobre onde se sentar pode indicar que aquelas pessoas eram “visitantes”. Outra possibilidade é que fossem novos convertidos. De qualquer forma, essas atitudes inóspitas violam o ensino de Cristo de sermos hospitaleiros para com os pobres e necessitados (Lc 14.12-14). Essa atitude é incompatível com a natureza de Deus, que é imparcial e hospitaleiro (veja, por exemplo, Dt 10.17-19; Lv 19.15b-18, 33-34; Is 55.1-3). Tiago diz que tal postura hostil não é apenas um erro ou uma debilidade: é “perversa” (Tg 2.4b).

Muitos anos atrás, eu participei de um culto como evangelista de jovens e adolescentes. Preguei a estudantes na sexta-feira e no sábado, e fui convidado para pregar à congregação inteira na manhã de domingo. Uma adolescente, que crescera sem frequentar nenhuma igreja, professou sua fé em Cristo em nossa reunião de jovens no sábado. No dia seguinte, na primeira vez que ia a um culto dominical, ela teve de sair de seu assento porque dois outros membros (que não pareciam estar felizes com a grande quantidade de jovens estudantes na igreja) disseram a ela com rudeza: “Você está sentada em nossos assentos; ache outro lugar”. Esse relato me entristeceu muito, pois fui eu, enquanto ministro de jovens, que tentou aconselhar aquela recém-convertida.

Provavelmente você se sentiu enojado com a maneira como essa jovem cristã foi tratada. Mas precisamos nos perguntar que tipo de *atitude* temos tido com os que provêm de contextos distintos. Seu primeiro impulso é dizer “sente-se ao meu lado”, ou “vá sentar em outro lugar”, ou pensar “espero que sentem longe de mim” ou “vou me sentar em outro lugar”? Você, com alegria, se aproxima daqueles que são diferentes de você, ou é daqueles que saem de fininho?

Por que favoritismo é coisa séria

Li muitos livros sobre igreja ao longo dos anos, mas muitos deles negligenciam o problema da parcialidade e do preconceito na igreja, e é por isso que coloco esse assunto aqui, bem no início do livro. Lembro de fazer parte da organização de uma conferência, muitos anos atrás, chamada de “Ecclesia”, na qual convidamos o pregador e líder cristão Russel Moore para falar. Tiago 2 foi a passagem escolhida pelo expositor. Na hora, pensei: “Quê? Eu jamais começaria por essa passagem!”. Mas fico feliz por ele ter começado por ela, pois a exposição impactou tremendamente a mim e aos demais. Esse assunto

é de fato importante para Deus (visto que todos feitos à sua imagem lhe são importantes), e deveria ser para nós também.

Como bom Pai, Deus nos dá razões nas Escrituras, não apenas ordens. Ele nos instrui para o nosso bem. Na carta de Tiago, Deus delineia quatro razões pelas quais não podemos discriminar na assembleia. Ou, em palavras mais agradáveis: quatro motivos para ser um membro acolhedor.

Em primeiro lugar, *a parcialidade não reflete a graça de Deus* (Tg 2.5a). Tiago afirma, inclusive, que Deus escolheu muitos dentre os pobres para serem “ricos em fé” (veja também 1Co 1.26-31). Sem dúvida, esse movimento era real na igreja primitiva, pois nas grandes cidades o evangelho se popularizou muito entre as camadas marginais da sociedade. Por volta de 178 d.C., o filósofo grego Celso criticou o cristianismo por seu apelo às classes populares. Em tom zombeteiro, ele escreveu o seguinte acerca dos cristãos:

Não deixem se aproximar os cultos, os sábios e os sensíveis, pois consideramos estes como maus. Mas se há alguém entre vocês que seja ignorante, desprovido de bom senso e cultura, que se achegue sem temor [...]. Vemo-los em suas próprias casas, tecelões, sapateiros e tapeceiros, os seres mais vulgares e sem instrução [...]. [Cristãos são] como um enxame de morcegos, ou como formigas transbordando do formigueiro, ou como sapos se reunindo em volta de um brejo, ou, ainda, como minhocas se revirando na lama.

Posso imaginar um pastor reagindo à crítica de Celso na próxima reunião de domingo: “Irmãos e irmãs, sejam bem-vindos à convenção das minhocas”.

Não me leve a mal, isso não quer dizer que os ricos devam ficar de fora. Há ricos que creem na Bíblia! Mas você não se achega a Cristo “rico de espírito” ou “classe-média de espírito”, mas “pobre de espírito” (Mt 5.3). Nunca se esqueça de que Deus o aceitou quando você estava falido, sem nada para oferecer. Cristo o limpou e o vestiu com as belíssimas vestes de sua graça. Essa realidade deveria transformar sua forma de interagir com os outros.

Em segundo lugar, *a parcialidade não reflete o reino de Deus* (Tg 2.5b-7). Não apenas muitos dos pobres são ricos em fé, mas também são considerados “herdeiros do reino”. No reino de Deus, tudo é virado do avesso. Deus inverteu a posição dos cristãos pobres (veja Lc 1.53). E, um dia, a verdade acerca dos mais honrados santos será revelada por completo. Teremos muitas surpresas naquele último dia. Pode ser que veremos um pobre porteiro, um pobre fazendeiro, ou uma desvalida mãe solteira receber mais honra do que um pastor famoso.

Conforme já mencionei, a igreja deve ser uma embaixada do reino de Deus. Temos de manifestar o reino ao mundo, mostrar que ele é diferente do sistema de fora. Somente na igreja é possível encontrar um pobre, sem educação formal, mas maduro na fé, ensinando um médico brilhante e professor universitário que acabou de se converter.

No contexto de Tiago, os ricos estavam maltratando os cristãos pobres, e então o autor bíblico repreende aqueles por agirem como os não convertidos, em vez de, honrando seu povo, representarem o maravilhoso nome de Cristo.

A igreja hoje pode destratar os pobres de muitas formas: não plantar igrejas em lugares mais pobres; não levar os pobres em consideração e focar apenas nas programações e na rotina da igreja; não dar aos pobres oportunidades iguais de ensinarem e liderarem na igreja; deixar que os ricos assumam as decisões da igreja — isso só para mencionar algumas.

Em terceiro, *a parcialidade não reflete a lei régia de Deus de amarmos nosso próximo como a nós mesmos* (Tg 2.8-12). Como cristãos, temos um nome real, e temos de viver conforme a lei régia de nosso Rei: amar nosso próximo como a nós mesmos. Jesus nos ensina que estrangeiros e inimigos estão entre os “próximos”. Isso significa que nos é absolutamente proibido discriminar qualquer um que entre por nossas portas, não importa sua aparência ou origem (v. 9). Ignore esse fato e, Tiago afirma, você estará violando toda a lei (v. 10). A lei é una, e está totalmente ancorada no amor a Deus e ao próximo. Não acolher e amar nosso próximo é uma ofensa a Deus, pois foi ele quem promulgou a lei (v. 11).

Tiago também quer que os cristãos não se esqueçam de que prestarão contas de suas palavras e obras. Portanto, devemos falar e agir tendo o julgamento de Deus em vista

(v. 12). Não pense que esnobar os pobres (ou qualquer pessoa, por qualquer motivo) seja algo pequeno aos olhos de Deus.

Seremos julgados “pela lei da liberdade” (v. 12). Sendo bem claro, somos cristãos não por causa de nosso desempenho, mas em virtude do que Cristo fez. Não há mais condenação para os que estão em Cristo Jesus (Rm 8.1). Mas isso não quer dizer que a lei foi deixada de lado: quer dizer que temos um novo relacionamento com ela. A lei não é mais uma ameaça ou um fardo. Não, agora a vontade de Deus é algo que buscamos alegremente pelo poder do Espírito Santo. Para o cristão, a obediência é libertadora, enquanto o pecado é escravizante. O personagem digno de pena na metáfora de Tiago é o recepcionista que bajula o rico, pois é ele quem está escravizado!

Se praticarmos amor verdadeiro para com o próximo, haveremos de experimentar liberdade genuína. Na prática cruel da escravidão, os escravos não eram os únicos escravizados. No fim das contas, os donos de escravos e promotores da escravidão eram os verdadeiros escravos: escravos do pecado. Quando você vive uma vida de obediência habilitada pelo evangelho, liberdade genuína é experimentada.

Por fim, *a parcialidade não reflete a misericórdia de Deus para conosco* (Tg 2.13). Tiago conclui alertando: “Porque o juízo é sem misericórdia

para com aquele que não usou de misericórdia”. Ele inverte a bem-aventurança de Jesus, “Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia” (Mt 5.7), afirmando o oposto: *Malditos são os sem misericórdia, pois não alcançarão misericórdia*. Se os ouvintes de Tiago continuassem a demonstrar parcialidade, eles, então, se deparariam com um julgamento “sem misericórdia” ao fim de suas vidas, provando que jamais possuíram a fé salvadora.

Mas “A misericórdia triunfa sobre o juízo” (Tg 2.13b). Os atos de misericórdia dos cristãos farão com que eles sejam vindicados no julgamento final. A misericórdia de Deus *neles* resulta em atos de misericórdia *da parte deles*, e eles haverão de resistir ao julgamento final de Deus. É impossível tratar os outros com compaixão e graça sem antes aplicar a graça de Deus em nosso próprio coração, viver de acordo com a cosmovisão do reino, praticar o verdadeiro amor ao próximo, e refletir aos outros a maravilhosa graça de Deus em nossas vidas. Então, como sempre, voltamos ao evangelho.

A graça de Cristo produz um povo acolhedor

Em seu comentário de Romanos, o professor Michael Bird, usando o termo “gracismo”, de David Anderson, desenvolve uma aplicação da ênfase de Paulo na unidade entre cristãos judeus e gentios:

Gracismo significa estender favor aos outros independentemente de cor, classe ou cultura. Sim, eu sei que “gracismo” soa cafona demais, mas não deixa de expor a verdade. Gracismo quer dizer que jamais se pedirá a alguém para sentar-se no banco de trás da igreja. Gracismo significa que não podemos dizer “iguais, mas separados”. Gracismo quer dizer que nós deliberadamente queremos comunidades multiétnicas e inter-raciais. Gracismo implica que nós, pecadores agora reconciliados com Deus, podemos ser agentes da reconciliação com os outros. Todos os aspectos do gracismo promovem a desconstrução de todos os sistemas de castas. Gracismo significa que a graça deve ser tanto pregada aos outros quanto colocada em prática na relação com os outros. Gracismo implica que a maneira mais incisiva e eficiente de derrotar nossos inimigos tribais é fazendo deles nossos irmãos e irmãs em Cristo.⁹

Podemos viver como “gracistas” por causa da graça de Jesus em nosso favor.

Se tivermos nossa origem espiritual sempre em mente, seremos o povo da graça, amaremos uns aos outros e demonstraremos ser gratos a Deus. A resposta adequada à graça derramada em nós mediante Cristo é estender essa mesma graça aos outros. Aqueles que verdadeiramente aplicam a graça do evangelho ao coração tornam-se acolhedores, hospitaleiros, gratos, generosos e alegres.

Crentes não se assemelham uns com os outros apenas no aspecto da criação, apenas por serem a *imagem Dei*, a imagem de Deus. E também não somos apenas um em Adão, todos pecadores. Essas características são ambas verdadeiras.

Mas, como cristãos, somos um *em Cristo*. Nós somos os que “estavam longe”, mas que “foram aproximados mediante o sangue de Cristo” (Ef 2.13, NVI). Tal unidade é de fato extraordinária. Jesus é capaz de unir

aqueles que compram roupas em lojas de grife e aqueles que compram em brechós. Ele pode unir atletas e nerds, artistas e políticos, introvertidos e extrovertidos, e até mesmo corintianos e palmeirenses. Quando vemos o mundo com as lentes do evangelho da graça, nos tornamos pessoas acolhedoras.

O pastor Ray Ortlund Jr., que carinhosamente escreveu o prefácio deste livro, é um dos meus heróis no ministério pastoral. Eu e minha esposa temos o costume de dizer que quando crescermos, queremos ser iguais Ray e Jani Ortlund.

O pastor Ray já tem mais de setenta anos e irradia uma contagiosa paixão cristã. Certo domingo, fez uma poderosa “saudação” durante o culto da manhã. Muitos sabem que o pastor Ray é fora da curva quando o assunto é transmitir a graça de Deus em suas saudações nas manhãs de domingo, mas neste em particular sua demonstração do amor e da afabilidade de Cristo foi compartilhada nas mídias sociais por sua igreja local (Immanuel Church, em Nashville). Apoiado no púlpito e falando num tom sincero, caridoso e gracioso, ele disse o seguinte:

Sejam bem-vindos à igreja. Há algo, no entanto, que eu quero que vocês saibam. Provavelmente vocês devem ter notado, enquanto entravam, que aquelas portas ali estão pintadas de vermelho. Essa é uma antiga tradição cristã [que reflete o fato] de entrarmos na igreja através do sangue de Cristo.

No mundo lá fora, onde vivemos o resto da semana, nós nunca estamos à altura. Nossas vidas nunca estão completas. Jamais pertencemos perfeitamente. Então entramos na igreja através da obra completa de Jesus na cruz, mas o que há de tão diferente aqui? [...] A razão pela qual pertencemos: nós adentramos uma completude já pronta. Por esse motivo, podemos ser frágeis, podemos ser honestos conosco, uns com os outros e com o Senhor, que diz: “Nós pertencemos”.

Sejam bem-vindos.

Assim, aos que estão cansados e querem repouso,

Aos que choram e anseiam por consolo,

Aos que falharam e querem encontrar força,

Aos pecadores que precisam de um Salvador:

Esta igreja abre suas portas vermelhas no nome de Jesus, o amigo dos pecadores.

Sejam bem-vindos; alegro-me por estarem aqui.¹⁰

Que bela forma de aplicar a ordem de Paulo: “Portanto, acolhei-vos uns aos outros, como também Cristo nos acolheu para a glória de Deus” (Rm 15.7). Apenas imagine o quanto essa disposição de espírito multiplicaria se fosse vivida por milhões de cristãos ao redor do mundo. Tal graça e hospitalidade refletem o ministério de Jesus, que não tinha problema em acolher os marginalizados, mas que condenava os que faziam o oposto.

Recipientes da graça podem dizer: “Quando eu tive fome, Jesus me satisfez. Quando tive sede, Jesus se tornou minha água viva. Quando estive nu, Jesus me cobriu com sua justiça. Quando não tinha onde dormir, Jesus me acolheu. Quando estava preso, Jesus me visitou. Quando doente, Jesus me curou. Quando não tinha direito de me

assentar à sua mesa, Jesus fez de mim seu filho e me deu lugar ao seu lado”.

Já que você foi acolhido de tal forma pela glória do Senhor, seja um membro de igreja que acolhe os outros, sem preconceitos, nos cultos e nas reuniões de sua igreja, em sua casa e em sua vida.

Passos de ação

Uma igreja acolhedora não apenas prega o evangelho, mas também transmite o carinho relacional dele. Fomos trazidos para essa família sobremaneira diversificada que carrega o maravilhoso nome de Cristo, e que foi chamada a honrar seu nome deixando sua graça e misericórdia transformarem a maneira como consideramos a nós mesmos e aos outros.

Então, deixe-me encorajá-lo a fazer sua parte em ser parte de uma igreja acolhedora, constituída de diversas pessoas unidas pelo evangelho. Aqui estão algumas possibilidades:

1. *Refleta com regularidade em como Cristo acolheu você tão gentil e graciosamente.* Acolha os outros com o mesmo carinho e hospitalidade.
2. *Peça a Deus que sonde seu coração e lhe mostre qualquer preconceito ou orgulho que há em você.* A única coisa que tem a perder é o pecado que está enredando você. Portanto, arrependa-se e deixe Deus transformá-lo, fazendo-o mais parecido com Jesus.
3. *Nos cultos ou reuniões de sua igreja, esteja atento àqueles que estão sozinhos.* A autora Rebecca McLaughlin, em suas redes sociais, trouxe três regras para a boa receptividade: “(1) Uma pessoa sozinha em sua reunião é uma emergência; (2) Os amigos podem esperar; (3) Introduza o visitante aos outros. Que todos tenham a oportunidade de serem missionários na igreja hoje!”.¹¹ Não vá ao culto público como um espectador indo a um *show*, mas como um ministro ávido por abençoar e acolher.
4. *Considere fazer parte de ministérios envolvidos com hospitalidade.* Talvez sua igreja tenha um grupo de recepção, uma equipe para cuidar das crianças, manobristas no estacionamento, ou porteiros. Não subestime a importância desses ministérios! Ao colocar a hospitalidade em prática, você reflete o caráter de Deus, o enredo das Escrituras, e demonstra o fruto do evangelho em seu coração.
5. *Ore para que você, seus pastores e colegas membros de igreja reflitam verdadeiramente o ministério de Jesus, que é o amigo dos pecadores.* Ore para que nós, que fomos acolhidos no reino de Cristo, coloquemos sua graciosa hospitalidade em evidência.

⁸ Veja Douglas J. Moo, *The Letter of James*, p. 201. [O comentário de Tiago (Shedd, 2020).] ⁹ Michael Bird, *Romans*, p. 135. ¹⁰ @ImmanuelNash, Instagram. Acesso em: 8 fev. 2021. ¹¹ @RebeccaMcLaugh, Instagram. Acesso em: 5 maio 2019.



Congregar

Valorizando o ajuntamento solene

A igreja é mais do que um lugar que visitamos de vez em quando ou um evento que frequentamos. Entretanto, isso não significa que se reunir para cultivar e adorar não seja importante. Congregar é coisa séria, pois, ao se reunir:

você chegaram ao monte Sião, à Jerusalém celestial, à cidade do Deus vivo. Chegaram aos milhares de milhares de anjos em alegre reunião, à igreja dos primogênitos, cujos nomes estão escritos nos céus. Você chegaram a Deus, juiz de todos os homens, aos espíritos dos justos aperfeiçoados, a Jesus, mediador de uma nova aliança, e ao sangue aspergido, que fala melhor do que o sangue de Abel. [...] Portanto, já que estamos recebendo um Reino inabalável, sejamos agradecidos e, assim, adoremos a Deus de modo aceitável, com reverência e temor, pois o nosso “Deus é fogo consumidor!” (Hb 12.22-24, 28-29, NVI).

Congregar não é apenas um aspecto essencial do discipulado (Hb 10.25), mas também uma antecipação do futuro ajuntamento de todo o povo remido por Deus em adoração ao Cordeiro (Ap 15). O que fazemos em nossas reuniões públicas é importante não apenas para nosso crescimento em piedade, mas é também uma boa forma de apresentar o evangelho aos descrentes.

Voltemos a Atos, a uma cidade chamada Trôade e um inesquecível ajuntamento solene:

No primeiro dia da semana, estando nós reunidos com o fim de partir o pão, Paulo, que devia seguir viagem no dia imediato, exortava-os e prolongou o discurso até à meia-noite. Havia muitas lâmpadas no cenáculo onde estávamos reunidos. Um jovem, chamado Êutico, que estava sentado numa janela, adormecendo profundamente durante o prolongado discurso de Paulo, vencido pelo sono, caiu do terceiro andar abaixo e foi levantado morto. Descendo, porém, Paulo inclinou-se sobre ele e, abraçando-o, disse: Não vos perturbeis, que a vida nele está. Subindo de novo, partiu o pão, e comeu, e ainda lhes falou largamente até o romper da alva. E, assim partiu. Então, conduziram vivo o rapaz e sentiram-se grandemente confortados (At 20.7-12).

A história chega a ser cômica, pois não é difícil nos identificarmos com aquela cochilada. Quem nunca cochilou durante uma aula, filme, ou — sejamos sinceros — um sermão? Um pastor amigo meu certa vez cochilou durante uma oração na casa de nosso mentor. Certo domingo, depois de nosso culto de adoração, um senhor me mandou uma mensagem dizendo: “Pastor, quero me desculpar por cochilar durante seu sermão hoje. Eu estava muito cansado”. E acrescentou: “Tenho certeza de que sempre pega algumas pessoas cochilando durante o sermão, mas eu normalmente fico acordado. Estava sob

nova medicação e simplesmente não consegui ficar acordado. Obrigado”. Coloque essa mensagem na categoria: “Não sei como responder” (“Agradeço o elogio?”).

Eu amo o realismo dessa história. Como pregador, sou sempre encorajado pelo fato de um dos maiores pregadores da história já ter feito um ouvinte dormir! Mas o relato de Trôade traz mais do que um alívio cômico: ele revela alguns princípios e prioridades muito importantes e eternos para o ajuntamento solene, ou adoração comunitária.

O primeiro dia da semana

Lucas nos relata que a igreja se reuniu “No primeiro dia da semana” para a adoração comunitária (20.7a). O estudioso F. F. Bruce comenta: “A referência ao partir o pão no ‘primeiro dia da semana’ é o texto mais antigo à disposição, e podemos com certeza razoável inferir a partir dele que os cristãos se reuniam para cultuar e adorar naquele dia”.¹²

Esse dia foi separado como o Dia do Senhor em virtude da ressurreição (veja Ap 1.10; 1Co 16.1-2). Todo domingo, em certo sentido, é Domingo de Páscoa para os cristãos. Nos reunimos para lembrarmos uns aos outros da gloriosa realidade do túmulo vazio e do trono ocupado. Rememoramos nossa viva esperança em nosso Salvador que vive. Quando presenciamos um batismo, lembramos da nossa gloriosa união com o Cristo ressurreto.

A maneira como Lucas descreve esses eventos em Trôade dá a impressão de que congregar no primeiro dia da semana era basicamente a norma nas igrejas daquela época. Essa congregação particular em Trôade se reunia à noite, provavelmente em razão das jornadas de trabalho e dos costumes locais. Mais tarde na história, as manhãs de domingo tornaram-se populares em partes do mundo onde a cultura e os governantes foram cristianizados. Independentemente de qual período do dia o ajuntamento aconteça, não podemos deixar a ideia principal escapar: congregar juntos semanalmente para celebrar a glória do rei ressurreto. Há algo muito especial e significativo em congregarmos, que é celebrar as boas-novas de que Cristo morreu, ressuscitou e há de voltar.

Mais do que isso, quando nos reunimos para cultuar, nunca sabemos o que irá acontecer. Alguém pode cair da janela e ser trazido de volta à vida! Imagine quão decepcionado você ficaria se fosse um cristão de Trôade e tivesse perdido justo aquele culto: Paulo presente e um dos jovens da igreja trazido de volta à vida!

Mas não é necessário ter experiências extraordinárias todos os domingos para fazer o congregar regularmente parte de sua vida. Hábitos nos moldam. Em contraste com a opinião popular, hábitos não são sempre negativos. Muitos hábitos são bons (por exemplo, escovar

os dentes!), e congregar semanalmente é um deles. O autor da carta aos Hebreus nos instruiu a não deixarmos de congregar, “como é costume de alguns” (Hb 10.25). Pelo contrário, devemos congregor regularmente, procurando “encorajar-nos uns aos outros, ainda mais quando vocês veem que se aproxima o Dia” (Hb 10.25, NVI). Repare que há aqui um papel a ser desempenhado: *encorajar-nos uns aos outros*. Em vez de sentar e ficar quieto, levante-se e abençoe seus irmãos e irmãs com palavras significativas de encorajamento. Vá preparado para estudar as Escrituras, buscar a presença de Deus, confessar pecados e se arrepender, renovar seu compromisso de seguir a Jesus, e preparado para acolher os visitantes.

Na verdade, não congregor semanalmente é arriscado. A reunião comunitária é um dos meios que Deus utiliza para sustentar e abençoar seu povo pela obediência a longo prazo. De vez em quando, vejo um cristão que congrega semanalmente e que não está perseverando na fé, mas ainda não conheci um cristão que não congregue e que ainda assim prospere na fé. Portanto, deixe-me dedicar o resto deste capítulo considerando alguns dos aspectos mais importantes do culto público que nutrem nossas almas e fortalecem nossa fé.

Ouvir a Palavra de Deus

Lucas conta que Paulo prolongou seu discurso até à meia-noite (At 20.7). No versículo 11, ele acrescenta que Paulo “lhes falou” até o romper do dia. Provavelmente, a primeira parte do sermão se parecia mais com um diálogo, talvez incluindo até mesmo um momento de perguntas e respostas, enquanto a última era mais como um monólogo, ainda que mais livre e aberta do que um sermão formal.¹³ Este foi um evento singular, mas ainda persiste o fato de os santos quererem ouvir o ensino apostólico (veja At 2.42), e de que Paulo levava a sério essa responsabilidade.

Ainda hoje nos reunimos semanalmente para ouvir a pregação da Palavra de Deus (2Tm 4.2; 1Pe 4.11). Paulo instruiu Timóteo a respeito do culto público: “Até a minha chegada, dedique-se à leitura pública da Escritura, à exortação e ao ensino” (1Tm 4.13, NVI). Repare na ênfase dada à fonte de autoridade do pregador (“Escritura”), no padrão bíblico de expor a Palavra (“exortação”/“ensino”) e na importância da pregação da Palavra no ajuntamento solene ou adoração comunitária (“pública”).

Por que ouvir o sermão? Pois se o pregador está de fato expondo o que Deus anuncia em sua Palavra e declarando o que Deus realizou através de seu Filho, então ele está pregando de forma autoritativa e levando uma mensagem transformadora de boas-novas. A autoridade do pregador não é fruto de sua idade ou experiência, mas do fato de que ele está ensinando a partir da Bíblia! E o poder transformador da

mensagem não emana da habilidade ou do carisma do pregador em última instância, mas do Espírito Santo aplicando a Palavra de Deus nos corações: vidas são transformadas através da “palavra de Deus, a qual vive e é permanente” (1Pe 1.23).

Em meu escritório, tenho uma réplica do retrato que Lucas Cranach pintou de Lutero pregando. A pintura mostra Lutero com um dedo nas páginas de sua Bíblia e outro apontando para Cristo, com o público repousando os olhos em Jesus em vez de sobre o pregador. É uma boa ilustração do que deve ocorrer quando congregamos. O objetivo do pregador não é dar sua opinião ou apresentar suas próprias ideias, mas explicar cuidadosamente o significado do texto (ou textos) bíblico e exaltar Cristo em sua mensagem. Tupac, um rapper contemporâneo, canta *All eyes on me* [Todos olhem para mim].

O sermão, por outro lado, deve dizer: “Todos olhem para Jesus”.

Em Neemias 8, lemos acerca do povo de Deus experimentando, enquanto ouvia Esdras ensinar as Escrituras, o que podemos chamar de avivamento. O autor destaca que “todo o povo” estava “com os ouvidos atentos” (Ne 8.3). Eles não estavam distraídos, mas ansiosos por aprender.

E, enquanto aprendiam, a Palavra de Deus os impactava. Para que a Escritura transforme sua vida, é preciso ouvi-la e compreendê-la. Jesus nos disse que a maneira como ouvimos é um aspecto importante de nossas vidas (veja Mc 4.1-20).

Aqui estão algumas orientações para ouvir adequadamente o ensino da Palavra de Deus:

- Ouça *humildemente*. Receba o ensino “com mansidão” (Tg 1.21). Eis aqui a primeira chave para se aprender as Escrituras: humildade. Não encaramos as Escrituras e as criticamos, mas sentamos aos seus pés e deixamos que elas nos confortem, instruem e transformem.
- Ouça *atentamente*. Lute para permanecer atento. Considere dizer “amém” (Ne 8.6) quando ouvir algo bom. Considere também fazer anotações. Lute contra a tentação de se distrair. Lembre-se de que algo sobrenatural e eterno está acontecendo.
- Ouça *biblicamente*. Use a cabeça e a Bíblia, como fizeram os bereanos (At 17.10-15).
- Ouça *pessoalmente*. Ouça para si mesmo, não apenas para os outros. Não vá com a intenção de criticar o sermão do pastor, mas preparado para ser confrontado pela Palavra de Deus.
- Ouça *comunitariamente*. Ouça pelo bem de seus irmãos e irmãs.
- Ouça *obedientemente*. Não seja mero receptor da Palavra, mas esteja preparado para ser praticante dela. Ouça a fim de fazer discípulos de todas as nações.

- Ouça *experimentalmente*. Pense em como aplicar a mensagem à sua própria vida de maneira específica.
- Ouça *agradecidamente*. Seja grato por Deus falar ao seu povo, o que inclui você!

É também importante ter uma boa noite de sono na noite anterior ao ajuntamento solene ou à adoração comunitária — Êutico deve ter aprendido essa lição. Prepare-se para o culto público como você se prepara para outros eventos importantes. Não deixe que a natureza rotineira desse ajuntamento o faça esquecer do quão importante ele é para você e para todos em sua igreja.

Para muitos de nós, a lista acima não contém nenhuma novidade. Sabemos dessas coisas. A questão, no entanto, é esta: nós as praticamos?

Uma refeição em família

Lucas menciona a Ceia do Senhor (“nós reunidos com o fim de partir o pão”) como outro evento comum na vida da igreja (At 20.7,11; veja 1Co 11.17-34: “vos ajuntais”).

O pão provavelmente era repartido no momento da refeição. John Stott, pastor e teólogo do século 20, disse: “Palavra e sacramento [a Ceia do Senhor] se combinam no ministério dado à igreja em Trôade, e a igreja universal tem seguido esses passos desde então”.¹⁴

Refeições ocupam um lugar de destaque nas Escrituras. No jardim do Éden, Deus alimentava Adão e Eva. No Êxodo, Deus provia maná do céu e água da pedra. E para onde ele levava seu povo? Para uma terra “que mana leite e mel”. Mais adiante, o povo de Deus relembriaria sua libertação do Egito através da refeição pascal. Enquanto Cristo ministrava entre nós, muitos diálogos e eventos importantes ocorreram enquanto comia com o povo. Após concluir sua obra redentora, ele deixou para a igreja uma refeição como memorial de seu sacrifício e reino. E chamamos este memorial de Ceia do Senhor, Comunhão, ou Eucaristia. Participamos dessa refeição em antecipação ao banquete que há de acontecer (Ap 19).

Refeições conseguem nos transportar de volta ao nosso lar. Onde quer que eu coma rocambole de carne, lembro da minha mãe, pois ela sempre prepara esse mesmo prato quando a visito. Depois de quarenta dias com a minha esposa na Ucrânia, ficamos muito animados quando vimos os arcos dourados do McDonald’s. Geralmente não nos empolgamos com McDonald’s, mas naquele momento era um gostinho de casa. Quando nos reunimos à mesa do Senhor, temos um gostinho do nosso futuro lar. Podemos vislumbrar o evangelho na Ceia do Senhor, pensar acerca da providência divina, desfrutar do perdão de Jesus e antever aquele dia em que o pecado e a dor deixarão de existir.

Que privilégio deve ter sido para o apóstolo Paulo participar da Ceia do Senhor com esses cristãos em Trôade: ex-incrédulos que passaram a adorar a Jesus, reunidos para desfrutar e vislumbrar a bondade do Senhor.

John Paton (1824-1907) levou a mensagem do evangelho ao povo das ilhas das Novas Hébridas. Alguns dos nativos canibalizaram dois missionários vinte anos antes da chegada de Paton. Após muitas tentativas, ele registrou a imensa alegria que teve quando serviu a primeira Ceia a um grupo de novos convertidos de Aniwa, onde muitos vieram a conhecer a Cristo. Ele disse:

Por anos nos empenhamos, oramos, e ensinamos pensando nesse dia. No momento em que pus o pão e o vinho naquelas mãos morenas, antes manchadas com o sangue do canibalismo, mas agora estendidas para receber e participar dos emblemas e selos do amor do Redentor, tive tal vislumbre do júbilo da glória que meu coração quase se despedaçou. Certamente só experimentarei alegria maior quando olhar diretamente para a gloriosa face do próprio Jesus.¹⁵

Que privilégio é desfrutar da Mesa com outros cristãos. Jamais se permita acostumar com a beleza disso. Você provavelmente nunca foi um canibal, mas também estava morto em seus pecados e era indigno de comer à Mesa, até que Deus lhe deu vida em Cristo.

A Ceia do Senhor é poderosa quando *recebida*. Muitos cristãos cresceram ouvindo apenas o que ela *não é*. Por ouvir apenas um lado da verdade, eles tendem a dar pouco valor à Ceia, e presumem que nada especial acontece quando tomamos parte nela. Nós deveríamos, pelo contrário, experimentar um deleite profundo e uma grande alegria quando nos achegamos à Mesa.

A Ceia do Senhor também é poderosa na *proclamação*. Na comunhão da mesa, o evangelho é proclamado: “Pois também Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado” em prol dos pecadores (1Co 5.7, 11.26).

Por fim, a Ceia do Senhor também é poderosa na *unificação*. Em sua primeira carta aos coríntios, Paulo fala muito sobre o chamado à unidade à Mesa, porque os “que têm” não estavam tratando os “que não têm” apropriadamente

(1Co 11.17-34). Sentados à Mesa, confessamos nossa unidade em Cristo. Somos um no Senhor. Somos uma família. Não há distinções. Essa unidade é também um poderoso sinal do que está por vir. A Ceia do Senhor é o sinal do reino messiânico e um vislumbre do futuro, pois, à Mesa, anunciamos a morte do Senhor “até que ele venha” (v. 26). Em breve cearemos com o rei e ao lado de todos os remidos (veja Mt 8.11).

Não lemos sobre nenhum batismo ocorrendo em Trôade, mas vale a pena mencionar essa outra “ordenança” da igreja. O batismo e a Ceia do Senhor são o que diferenciam a igreja do mundo incrédulo.¹⁶ O batismo confessional é administrado àqueles que creram em Cristo como seu Senhor e Salvador e querem publicamente declarar sua fé

seguindo seus passos nas águas do batismo. Alguns dos domingos mais marcantes na vida de nossa igreja foram aqueles em que crentes leram seus testemunhos e declararam que “Jesus é Senhor”, antes de serem imergidos nas águas e trazidos de volta, como uma ilustração da união do crente com Jesus. Costumamos dizer o seguinte em nossa igreja: “Sepultados com Cristo no batismo e ressuscitados para viver em novidade de vida” (veja Rm 6.1-11).

Cantando e falando a Deus

Temos de destacar dois outros importantes elementos do ajuntamento solene: cantar e orar. Na pregação da Palavra e na declaração visível (através da Ceia do Senhor e do batismo), nós ouvimos a Deus; ao cantar e orar, nós falamos a Deus.

Primeiro, cantar. Após Jesus instituir a Ceia do Senhor, Marcos nos conta que Cristo e seus discípulos “entoaram um hino” antes de se dirigirem ao Monte das Oliveiras. O Antigo Testamento se enche de canções à medida que o povo de Deus louva seu Criador e Redentor (por exemplo, Êxodo 15 e os Salmos). Sofonias diz que Deus canta sobre o seu povo

(Sf 3.17, NTLH), e no Novo Testamento, quando seu povo canta em resposta, há inúmeras doxologias (expressões estruturadas de louvor a Deus: por exemplo, Rm 11.33-36, 16.25-27; 1Tm 1.17) e hinos primitivos (Cl 1.15-20; Fp 2.5-11). O último livro da Bíblia está repleto de expressões de louvor a Deus e ao Cordeiro (veja Ap 5).

O canto sempre foi um importante aspecto do culto a Deus. É o que o povo liberto de Deus faz: canta, e canta com alegria e gratidão! Opressão e culpa não despertam o canto, mas a graça, sim.

Paulo nos dá as seguintes importantes instruções acerca do canto:

Enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo (Ef 5.18b-20).

Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração (Cl 3.16).

Repare que ambos os textos mencionam uma rica *variedade* de cânticos (salmos, hinos e cânticos espirituais) e enfatizam o *coração*. A passagem de Efésios destaca a *composição*, e a de Colossenses mostra como cantar carrega um importante *propósito de edificação*, dado que as verdades que compõem nosso canto edificam a nós e aos que estão à nossa volta. E ambas as passagens evidenciam a importância de cantarmos uns aos outros. O canto no culto público é dirigido a Deus e *também* aos nossos irmãos e irmãs. Nosso canto deve ser centrado na Palavra, focado na comunidade e tem de exaltar a Cristo.

A importância da comunidade merece destaque em nosso estudo porque hoje em dia tornou-se muito comum o sentimento de que, no canto comunitário, ninguém senão “Jesus e eu” está envolvido. As

luzes do salão são desligadas, o holofote fica sobre o palco, e ninguém vê mais ninguém. (Em nossa igreja, *Imago Dei*, nós deliberadamente evitamos essa atmosfera de *show*, essa experiência individualizadora, mantendo as luzes ligadas e lembrando nossa congregação de cantar não somente a Deus, mas uns aos outros também.)

Uma igreja saudável é uma igreja que canta. Os períodos mais marcantes da história do cristianismo foram também grandes períodos de composição de hinos. Alegria exuberante no evangelho que leva ao louvor sincero é um dos sinais de avivamento na igreja.

Mas e se você não se sente tão confortável ao cantar? Às vezes você precisa parar um pouco e escutar a voz de seus irmãos e irmãs. De vez em quando, você terá de se esforçar um pouco e oferecer a Deus “sacrifício de louvor, que é o fruto de lábios que confessam o seu nome” (Hb 13.15). Você tem de louvar a Deus em espírito de oração, pedindo a ele que renove suas afeições. É preciso cantar pela fé, crer na verdade que está sendo pronunciada e ansiar em seu coração pelo vislumbre da maravilha dessa realidade. É necessário cantar pelo bem de nossa família da fé, ou pelo bem daquele amigo incrédulo que o acompanhou até a igreja.

Você também precisa cantar a fim de expressar solidariedade na fé para com sua família da igreja. Essa é uma das prerrogativas do canto: ele nos une. Os torcedores da equipe de beisebol do Boston Red Sox têm uma tradição fascinante.

Nos jogos em casa, no estádio Fenway Park, os torcedores cantam *Sweet Caroline* a cada entrada. Já pude presenciar ao vivo essa experiência, e é impossível se segurar! Eles cantam alto e em uníssono. A igreja tem um motivo maior para cantar, e uma união ainda mais profunda a ser desfrutada. Então, deixe-me encorajá-lo: quando congregar, extravase! Certa vez, um pastor disse: “Se alguém entrasse em sua igreja durante o culto de adoração e visse você cantando, esse alguém julgaria, ao observar sua maneira de cantar e de se expressar, que você de fato acredita no que está declarando?”. Que a resposta seja *sim*!

Em segundo lugar, oração. As Escrituras também estão repletas de orações. Nosso Senhor nos ensinou a orar e demonstrou uma vida de oração (por exemplo, Mt 6.9-15; Mc 1.35; Lc 22.31-32, 39-46). Por todo o livro de Atos, vemos a igreja orando (veja At 4.31, 12.5, 13.1-3). Os apóstolos também eram profundamente aplicados à oração (At 6.4). Nossas orações mostram que somos dependentes do Senhor e glorificam a Deus, que é a fonte de todas as bênçãos. Uma das maiores dádivas de congregar é a oração em igreja. Recentemente, disse o seguinte a um grupo de pastores: “Acho que me deleito mais na oração pastoral do que na pregação” (e isso é marcante, pois eu amo pregar!).

Lembro-me de uma ilustração impactante que John Stott fez num sermão em 1Timóteo 2.1-7, sobre o chamado de Paulo à oração no culto público. Ele visitava outra igreja, e durante o momento de oração não houve menção alguma das necessidades ao redor do mundo. Necessidades locais fundamentais foram destacadas, mas nada que expressasse a missão global da igreja. Stott então alertou sobre o perigo de haver uma igreja bairrista com um Deus bairrista. Temos de ser uma igreja local com alcance global, pois temos um Deus global que nos ouve e que responde às orações do seu povo. Isso implica o dever de orarmos comunitariamente tanto por assuntos locais quanto por questões globais.

Uma boa prioridade

Durante a pandemia de COVID-19, cristãos se deram conta da bênção que é a adoração comunitária quando esse privilégio lhes foi tirado por um período. Quantos de nós não ansiávamos por nos reunir novamente e desfrutar dos muitos aspectos do culto público? Lembro do primeiro domingo em que voltamos a congregar presencialmente: o pastor dirigente não conseguiu começar o primeiro cântico porque estava emocionado demais. Senti falta de muitas coisas durante as medidas do “fique em casa”, como esportes e academia, mas não houve nada que me desse mais saudade do que me reunir com o povo de Deus para cultuarmos comunitariamente.

Estou ciente, entretanto, de que nem todo mundo se sentiu da mesma forma. Alguns parecem não ter sentido falta de cultuar, e nem mesmo refletiram acerca da sua própria condição espiritual ou da situação de sua igreja local. Se você se encaixa nessa última categoria, deixe-me lhe dar os motivos pelos quais ajuntar-se em congregação é tão importante. Não é apenas correto priorizar o congregar com sua igreja local: é também algo bom e empolgante. Releia Hebreus 12 e veja o que de fato acontece quando vocês se reúnem! Claro que nem tudo será perfeito: é óbvio que algum esforço será necessário de nossa parte, pecadores imperfeitos, para amar tudo o que fazemos quando nos reunimos. É claro que teremos domingos melhores e domingos piores. Mas estejamos certos de nosso compromisso em priorizar a união congregacional, e que a pergunta que fazemos a nós mesmos não seja “Precisamos congregar?”, mas “Como podemos aproveitar ao máximo o tempo que passamos juntos na igreja?”.

Passos de ação

Inspirado por um excelente artigo de Gavin Ortlund,¹⁷ permita-me encorajá-lo a “tornar doces os domingos” ao seguir os seguintes passos de ação.

1. *Reconheça que você precisa de sua igreja e sua igreja precisa de você.* Se você é inconstante aos domingos, isso afetará sua saúde

espiritual. Se você chega atrasado ou não se engaja no culto, sua experiência será impactada. E não levar o ajuntamento solene a sério não ajuda seus irmãos e irmãs, que precisam da sua voz, do seu encorajamento, da sua solidariedade, das suas orações e da sua alegria.

2. *Santifique as noites de sábado.* Se você tem um grande compromisso à frente, sabe que precisa descansar na noite anterior. Atletas sabem que precisam se preparar no dia anterior ao grande evento. O mesmo vale para os domingos. Descanse na noite de sábado, ore com sua família, e considere ler o texto do sermão de domingo à mesa de jantar. Amanhã é um grande dia!
3. *Prepare-se para o drama familiar que pode acontecer em sua casa na manhã de domingo!* Dramas podem ocorrer na noite de domingo, mas com frequência os problemas de casa ocorrem nas manhãs dominicais. O diabo adoraria deixar você mal-humorado ou distraído no domingo de manhã e impedir que a Palavra surta efeito em você. Gavin Ortlund diz: “Então, quando você subir em sua minivan, diga a si mesmo, em antecipação, que provavelmente alguém vai derramar leite, puxar o cabelo da irmã, ou arremessar a Bíblia pela janela. Então, quando alguma dessas coisas acontecer, ore em vez de gritar”.
4. *Desenvolva algumas tradições especiais nos dias de culto público.* Após o ajuntamento solene, considere fazer algo que você reservou para esse dia especial. Pode ser uma refeição especial, uma soneca longa, almoçar com os outros, ou passar a tarde tomando chá e lendo. Procure algo belo ou desfrute da criação de Deus numa caminhada, ou dirigindo, ou indo ao parque. Seja o que for, faça do seu dia de adoração comunitária um dia único. Que esses momentos sejam tão especiais que seus filhos, quando crescerem, relembrem essas experiências com prazer. Desenvolva hábitos santos e divertidos no Dia do Senhor.

¹² F. F. Bruce, *The Book of Acts*, p. 384. ¹³ Veja John Stott, *The Message of Acts*, p. 321. [A mensagem de Atos (ABU, 1994).] ¹⁴ Stott, *The Message of Acts*, p. 321. ¹⁵ *The Story of John G. Paton*, cap. LXXIII. ¹⁶ Para mais desse assunto, veja Mark Dever, *A Theology of the Church*, ed. Daniel Akin, p. 838. ¹⁷ Gavin Ortlund, *Make Sundays the Sweetest*, Desiring God. Disponível em <https://www.desiringgod.org/articles/make-sundays-the-sweetest>. Acesso em: 5 abr. 2023.



Cuidar

Manifestando o fruto do Espírito

Adoro o filme *Duelo de Titãs*, um projeto biográfico esportivo sobre a integração de estudantes brancos e negros no colégio TC Williams High School, em Alexandria, na Virgínia, em 1971. Os jogadores se debatiam com as tensões raciais daquela época (tensões que ainda assolam nosso tempo). Os ânimos se exaltam entre os rapazes, até que eles entram no campo de futebol e se tornam uma família. O técnico, Herman Boone (interpretado por Denzel Washington), exige que cada jogador aprenda algo sobre um dos seus companheiros de outra raça. Enfim, eles acabam cantando juntos no vestiário e na hora do almoço.

Perto do fim do filme, Gary, um dos líderes brancos do time, está no hospital. Julius, um dos líderes negros, visita Gary com os olhos marejados. A mãe de Gary diz: “Ele só quer vê-lo”. Quando Julius entra no quarto, a enfermeira diz: “Somente familiares são autorizados a entrar”. Gary responde: “Não vê que somos parecidos? Ele é meu irmão”. Então ele e Julius conversam, e Julius diz: “Quando tudo isso passar, nós vamos nos mudar para o mesmo bairro”.

Quando pararam de brigar uns com os outros e se tornaram uma (diversificada) família, os integrantes do time se superaram como equipe. Essa é uma boa ilustração da comunidade bíblica. Nosso inimigo não é nosso irmão ou irmã. Nós devemos encorajar e ajudar uns aos outros como família. Se o futebol pode unir as pessoas, quão mais poderá o evangelho! E essa unidade no evangelho não se manifesta somente em palavras, mas em atos concretos de amor.

Uma das características mais marcantes da igreja primitiva era o cuidado que os membros tinham uns com os outros.

Se alguém espiasse sua igreja hoje, ele notaria essa mesma característica? Ou diria algo do tipo: “Vejam só como criticam uns aos outros!”, “Vejam só como fofocam!”, “Vejam só como são educados quando juntos presencialmente, mas não cuidam uns dos outros de verdade”. Hoje em dia, infelizmente, abundam as brigas e as birras entre irmãos (pessoal ou virtualmente), mas pouco companheirismo bíblico, pouco “uns aos outros”.

As passagens “uns aos outros” ou “uns dos outros” do Novo Testamento demonstram a importância de cuidarmos dos nossos

irmãos e irmãs em nossa comunidade cristã. O fato de haver tantas dessas passagens mostra que essa dinâmica é inegociável. Considere a seguinte (embora não exaustiva) lista:

- “Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros.” (Jo 13.34)
- “... assim também nós, conquanto muitos, somos um só corpo em Cristo e membros uns dos outros.” (Rm 12.5)
- “Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal.” (Rm 12.10)
- “... preferindo-vos em honra uns aos outros.” (Rm 12.10)
- “... admoestardes uns aos outros.” (Rm 15.14)
- “... cooperem os membros, com igual cuidado, em favor uns dos outros.” (1Co 12.25)
- “... sede, antes, servos uns dos outros, pelo amor.” (Gl 5.13)
- “Levai as cargas uns dos outros.” (Gl 6.2)
- “... suportando-vos uns aos outros em amor.” (Ef 4.2)
- “... sede uns para com os outros benignos.” (Ef 4.32)
- “... sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo.” (Ef 5.21)
- “Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo.” (Fp 2.3)
- “Não mintais uns aos outros.” (Cl 3.9)
- “Consolai-vos, pois, uns aos outros.” (1Ts 4.18)
- “... segui sempre o bem entre vós e para com todos.” (1Ts 5.15)
- “Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras.” (Hb 10.24)
- “Irmãos, não vos queixéis uns dos outros.” (Tg 5.9)
- “Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros, para serdes curados.” (Tg 5.16)
- “Sede, mutuamente, hospitaleiros, sem murmuração.” (1Pe 4.9)
- “... no trato de uns com os outros, cingi-vos todos de humildade.” (1Pe 5.5)
- “Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus.” (1Jo 4.7)
- “Ninguém jamais viu a Deus; se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós.” (1Jo 4.12)

Em toda essa lista é possível perceber o chamado ao cuidado genuíno que temos de ter uns com os outros. Considere reler esses versículos e reflita sobre o que você e eu, e os outros, estamos perdendo quando não cuidamos ou somos cuidados dessa maneira.

Observando esses versículos lado a lado, fica evidente que Deus nos chama a um grau elevado de compromisso uns com os outros, mas também nos dá um vislumbre animador do que nossas igrejas locais podem se tornar se aprendermos a cuidar e sermos cuidados como nos ensinam as Escrituras.

Esse tipo de cuidado que honra a Deus é também destacado em Gálatas 6.1-10, onde encontramos um esboço bem útil de como devemos cuidar uns dos outros. Não é por acaso que Paulo passa do “fruto do Espírito” (Gl 5.16-24) para o cuidado da igreja (Gl 6.1-10). A vida cheia do Espírito Santo não consiste necessariamente em encontros poderosos, milagrosos e dramáticos, nem em experiências místicas, mas em cristãos fiéis vivendo em alegre devoção a Cristo e uns para com os outros. Nosso papel é demonstrar o fruto do Espírito no cuidado de nossa família da fé.

Restaurando com mansidão

“Irmãos, se alguém for surpreendido em algum pecado, vocês, que são espirituais, deverão restaurá-lo com mansidão.” (Gl 6.1, NVI) Você *precisa* de uma família para cuidar da sua saúde espiritual. A igreja é uma “família da fé” (v. 10) de irmãos e irmãs (veja Gl 1.18), que chama Deus de “Aba, Pai” (Gl 4.6).

Às vezes, alguém da família é “pego” em uma “transgressão” (Gl 6.1). Nessa situação, aquele que caiu precisa que um irmão ou irmã venha socorrê-lo, que abra a armadilha e o ajude a se libertar. Precisamos colocar em prática o ministério da restauração (veja também Tg 5.19-20). Tim Keller aponta o fato de a palavra traduzida por “restaurá-lo” ser usada naquele contexto para colocar um osso deslocado de volta no lugar. Ele diz:

Um osso deslocado causa uma dor terrível, pois não está no lugar apropriado; não está em sua relação natural com as outras partes do corpo. Colocar o osso de volta no lugar inevitavelmente causará dor, mas uma dor restauradora. Isso significa que devemos confrontar mesmo que seja doloroso. Nosso confronto, porém, deve ter o objetivo de causar uma transformação de vida e de coração.¹⁸

Temos sempre de lembrar o objetivo de ministrar àqueles que caíram em pecado: *restauração*. Quando Jesus deu os passos a serem seguidos no processo de disciplina na igreja em Mateus 18.15-17, o objetivo era positivo e construtivo, como também o é aqui. O foco é a saúde e o bem-estar espiritual do crente. Disciplina eclesiástica é a regulação da conduta de seus membros e líderes, alcançada através do aconselhamento, da correção e, se necessário, da exclusão da membresia. Através da história da igreja, muitos teólogos incluíram a disciplina eclesiástica como uma das marcas principais da igreja, ao lado da pregação da Palavra e da administração do batismo e da Ceia do Senhor.¹⁹

Em Gálatas 6, Paulo não delineia os passos da restauração, mas fala

do *restaurador*. O restaurador deve ser alguém “espiritual” (v. 1). Isso não significa ser perfeito, nem quer dizer que temos de nos tornar a “polícia da retidão”, mas, por outro lado, mostra que é necessário agir de acordo com o espírito do restaurador supremo, Jesus.

Alguns levantam objeções a esse “repreender uns aos outros e restaurar”, afirmando que se trata de uma atitude julgadora e enxerida. “Acaso Jesus não disse: ‘Não julgueis, para que não sejais julgados?’” Eles questionam. Sim, Jesus disse, mas aqueles que apelam a essa passagem normalmente se esquecem do versículo 5: “Hipócrita, tire primeiro a viga do seu olho, e então você verá claramente para tirar o cisco do olho do seu irmão”. Em outras palavras, uma vez tirada a viga de nosso olho, é nosso dever tirar o cisco do olho de nosso irmão. Jesus não está dizendo que não devemos jamais nos preocupar com o bem-estar espiritual de nosso irmão ou irmã! Ele está no exortando a sondarmos nosso coração primeiro, e só depois agir.

Mas, quando agimos, temos de ser *gentis*. Gentileza é um fruto do Espírito, o que implica que essa virtude floresce à medida que nos unimos intimamente a Cristo. Ele nos torna *gentis*, assim como ele é (Mt 11.29). Em seguida, o restaurador também deve ser *cauteloso*. Paulo diz: “guarda-te para que não sejas também tentado” (Gl 6.1b). Temos de ter sempre em mente que não somos imunes à queda. Tome cuidado para não se gabar diante de seu irmão, e para que você não caia na mesma armadilha quando tentar restaurá-lo.

Vi, ao longo dos anos, membros fiéis da igreja desempenharem muito bem a obra de restauração. Às vezes, cristãos ficam à deriva no âmbito espiritual, enredam-se num vício, se metem num relacionamento não saudável, ou simplesmente deixam de congregar. Um cristianismo cheio do Espírito Santo consiste numa busca constante pelos irmãos e irmãs que caíram, a fim de gentilmente restaurá-los. Numa cultura privatista e individualista (como a cultura ocidental do século 21), muitos podem achar esse movimento um incômodo. Mas é impossível negar que ele seja uma característica do cristianismo bíblico. Eu sou o guardião do meu irmão, e preciso de um irmão para ser meu guardião também!

Esteja preparado para restaurar. Não pressuponha que outros membros irão atrás dos desviados e daqueles irmãos de difícil trato. Não espere simplesmente que eles fiquem bem. Não deixe esse trabalho somente nas mãos dos pastores e líderes. Importe-se o suficiente para tomar a iniciativa de confrontar quando necessário, e de orar e agir para restaurar sempre que preciso.

Carregando humildemente o fardo

Em seguida, Paulo trata do irmão, ou irmã, que está sendo oprimido por algum fardo: “Levem os fardos pesados uns dos outros e, assim, cumpram a lei de Cristo” (Gl 6.2, NVI).

Eis aqui uma missão diária para todos nós: atenção aos fardos dos outros e comprometimento a aliviá-los. Esse ministério pode não trazer muito reconhecimento público, mas é importante para Jesus. Paulo pressupõe que os gálatas terão fardos, e então os exorta a se ajudarem mutuamente nesse sentido.

Um dos obstáculos desse ministério é o *orgulho*. “Porque, se alguém julga ser alguma coisa, não sendo nada, a si mesmo se engana” (v. 3). Se eu me considero nobre demais para me curvar e ajudar meu irmão, então preciso tratar meu coração. Orgulho resulta na recusa em servir à família da fé.

É necessário ouvir com atenção as seguintes palavras de Paulo: “Mas prove cada um o seu labor e, então, terá motivo de gloriar-se unicamente em si e não em outro”

(v. 4). Basicamente, o que Paulo está dizendo é: não se compare com o seu próximo. Pelo contrário, examine sua própria vida sob o crivo de Deus, e, ao fazê-lo, não haverá mais espaço para a arrogância. Não se gabe porque alguém está caindo onde você não cairia, ou carregando um fardo que você não carrega. Paulo diz: *Pare de alimentar seu orgulho, comparando-se com os outros*.

Simultaneamente, entretanto, Paulo aponta com sabedoria a necessidade de diferenciar entre *fardos* pesados e *cargas* mais leves. Devemos levar os “fardos pesados uns dos outros” (v. 2, NVI), mas ao mesmo tempo “cada um deverá levar a própria carga” (v. 5, NVI). Algumas cargas são pesadas demais para carregarmos sozinhos, mas há coisas de que devemos cuidar pessoalmente. Alguns tratam tudo como se fosse um fardo, quando, na verdade, são cargas leves. Outros tratam tudo como se fosse carga leve, recusam-se a pedir ajuda e acabam quebrando a cara.

Eu tenho o dever de não me atrasar para o trabalho — eis uma carga que é minha. Mas se fico desempregado e por consequência começo a passar necessidade, isso se torna um fardo e provavelmente vou precisar da ajuda de outros. Gastar sabiamente nosso dinheiro é nossa carga. Perder um ente querido para o câncer é um fardo. A mãe solteira de quatro filhos tem o direito de esperar cuidado e socorro de sua igreja.

Se você está carregando um fardo pesado, garanta que alguém conheça sua situação. Muitas vezes os cristãos não têm ciência dos fardos de seus irmãos e irmãs e por isso não oferecem ajuda. Parte de ser uma comunidade bíblica consiste em nos comunicarmos uns com os outros. Isso envolve ser transparente o suficiente para contarmos nossos fardos aos outros, como também sermos humildes e interessados o suficiente para ajudar os aflitos.

Um dos enganos acerca do cuidado pastoral é achar que ele é exclusivo dos pastores. Ainda que seja verdade que os presbíteros têm

uma função especial na igreja, o cuidado e o interesse pelos outros são uma obra que deve ser praticada por *todos os membros*. Todos são capazes de ouvir, de cuidar, de ajudar a carregar fardos, e de socorrer os santos doentes e oprimidos. De fato, uma das principais funções do pastor é “preparar os santos para a obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado” (Ef 4.12, NVI), e carregar os fardos e cuidar dos outros fazem parte desse ministério. Como membros de igreja, precisamos ter consciência de que os pastores não são os únicos capazes de cuidar de nós. A igreja toda é chamada ao cuidado mútuo. Se um membro visitar você no hospital, não fique frustrado por não ser o pastor!

Ao contrário, você deveria ver esse membro (que provavelmente está sacrificando tempo) como alguém que está realizando o ministério de Gálatas 6 e ser grato por isso.

O clímax da parte final do filme *O Retorno do Rei*, baseado na obra de Tolkien, ilustra muito bem o ministério de carregar fardos. Frodo está prestes a concluir sua missão de jogar o anel no fogo, mas fraco e cansado demais para subir a montanha. Sam, seu amigo fiel, brada: “Venha, Sr. Frodo! Eu não posso carregar o anel por você, mas eu posso carregá-lo!”. Sam então ajuda seu amigo exausto a subir a montanha para que então Frodo dê um fim àquele drama de uma vez por todas. O mesmo vale para nós: cristãos cheios do Espírito Santo ajudam seus irmãos e irmãs a carregarem os fardos que os estão oprimindo.

Compartilhando generosamente

Paulo, então, muda um pouco o foco: “O que está sendo instruído na palavra partilhe todas as coisas boas com aquele que o instrui” (Gl 6.6, NVI). A atenção do apóstolo volta-se agora para a nossa responsabilidade de partilhar “todas as coisas boas” com aqueles que nos instruem. Ou seja, uma igreja deve ajudar financeiramente aqueles que ensinam. Essa ajuda pode incluir alimentação, dinheiro, ou qualquer outro bem apropriado para o bem-estar daquele que ensina. Paulo, às vezes, tomou para si a responsabilidade de seu sustento a fim de não ser um fardo para a igreja, mas outras vezes aceitou ajuda (veja Fp 4.10-20 e 2Co 11.8). Mas o princípio é que é bom e correto que a igreja venha a prover aos ministros da Palavra (1Co 9.11-14; 1Tm 5.17-18). Keller diz que “nós não podemos ser meros consumidores, que vão à igreja para acumular benefícios sem dar nada significativo em troca”.²⁰

Mas a preocupação principal de Paulo não é o dinheiro: é o avanço do evangelho, e ele sabe que o meio designado por Deus para cumprir essa missão é a proclamação da Palavra por mestres fiéis. A tarefa seria muito mais difícil para esses mestres se tivessem de, por conta própria, cuidar de suas necessidades diárias. Assim, quando uma igreja

cuida das necessidades de seus mestres, é como se ela dissesse: “Queremos que a Palavra de Deus seja pregada fiel e efetivamente, então iremos prover o necessário”. Cuidar bem implica cuidar daqueles que ensinam, e não fazermos isso por ser meramente uma “tradição”, mas por amarmos a Palavra de Deus e querermos vê-la chegar até os confins da terra.

Santidade pessoal

Uma comunidade cheia do Espírito Santo busca a santidade — isto é, parecer-se com Jesus: “Não vos enganeis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará. Porque o que semeia para a sua própria carne da carne colherá corrupção; mas o que semeia para o Espírito do Espírito colherá vida eterna” (Gl 6.7-8).

A vida pessoal impacta diretamente a vida relacional. Portanto, uma das mais importantes maneiras de contribuirmos para a saúde da igreja local é praticando uma piedade cheia do Espírito Santo. Quando busco mortificar o pecado em minha vida, isso inevitavelmente abençoará outros; e quando sou complacente com o pecado, isso tem um impacto negativo nos que estão à minha volta. Na realidade, é impossível pecar isoladamente.

Se semearmos no Espírito, colheremos do Espírito.

Se semearmos na carne, colheremos da carne (Gl 5.16-25). Se você plantar mostarda, não espere colher pimenta. E se você plantar na carne, não espere colher santidade.

Semear na carne implica ceder e desistir da luta, e agradá-la em vez de crucificá-la. O velho provérbio é verdadeiro: “semeie um pensamento, ceife um ato; semeie um ato, ceife um hábito; semeie um hábito, ceife um caráter; semeie um caráter, ceife um destino”.²¹ Alguns cristãos semeiam na carne todos os dias e se perguntam por que não colhem santidade, vitória e bênçãos.

“De Deus não se zomba.” (Gl 6.7) Não importa quem você seja: você colhe o que planta. Então, escolha seu campo com cuidado. Semeie pensamentos e obras no Espírito.

Os livros que você lê, as pessoas com quem anda, o que faz para se entreter, e tudo aquilo que você considera estar plantando, todas estas coisas são para a carne ou para o Espírito? Quando semeamos para o Espírito, colhemos uma vida controlada pelo Espírito como recompensa e somos habilitados a cumprir com alegria os “uns aos outros” da Escritura.

Em *Vida em comunhão*, Bonhoeffer escreveu um capítulo intitulado “O dia sozinho”, que sucede o capítulo chamado “O dia com os outros”. Ele diz: “Aquele que não consegue ficar sozinho acautele-se da comunidade [...]. Aquele que não comunga acautele-se de ficar sozinho”. Em “O dia sozinho”, Bonhoeffer explora a necessidade de hábitos santos como silêncio e solitude, leitura cuidadosa da Bíblia e

oração. Em outras palavras, sementes a serem semeadas no Espírito. Esses hábitos inevitavelmente abençoarão outros. Bonhoeffer escreve: “O dia em comunhão será infrutífero sem o dia sozinho, pois os dois são necessários para o comunitário e o individual”.²² Semeie no Espírito para o bem de sua própria alma, para o bem de seus irmãos e irmãs, e para a glória de Deus.

Bondade prática

Cuidar dá trabalho: é um privilégio e uma bênção, mas não é fácil. É por isso que Paulo nos encoraja, dizendo: “E não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não desfalecermos” (Gl 6.9). Todo cristão pode acabar desanimando depois de fazer boas obras. É como se Paulo dissesse: “Continuem semeando; continuem amando uns aos outros; continuem evitando brigas; continuem rejeitando os falsos mestres; continuem levando os fardos uns dos outros; continuem pregando o evangelho, pois Jesus é digno de tudo isso”. É o que diz o versículo 10: “Por isso, enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé”. Cristãos devem ser conhecidos pela bondade prática. Nosso esforço serve para demonstrar misericórdia “para com todos”: de fato, para aqueles que têm necessidades urgentes ao redor do mundo, mas especialmente para os que são “da família da fé”.

Aqui, portanto, encontramos outra missão diária: buscar oportunidades para abençoar outros fazendo o bem. Isso não vai acontecer por acidente, pois requer certa sensibilidade às necessidades dos que se encontram ao nosso redor. Esse estilo de vida não se tornará real se nos importarmos apenas com nosso próprio umbigo: ter olhos voltados só para si mesmo não é um ato que coexiste com o cuidado ao próximo. Não ajudaremos os outros a carregar seus fardos, nem seremos zelosos nisso, até Cristo cativar nossos corações e passarmos a andar pelo Espírito.

Atos de amor. O amor cristão não é uma ideia abstrata: ele envolve demonstrações reais de bondade, habilitadas pelo Espírito Santo (Gl 5.22). O apóstolo João diz o seguinte sobre o amor: “Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos” (1Jo 3.16).

A cruz nos mostra que o amor cristão implica *um amor que resulta em ação*. Jesus não apenas disse que nos ama: ele demonstrou este amor. Assim, João destaca: “Ora, aquele que possuir recursos deste mundo, e vir a seu irmão padecer necessidade, e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus? Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade” (1Jo 3.17-18). Amor verdadeiro resulta em ação de verdade.

Realmente, a maioria de nós não será martirizada; mas, por outro lado, somos chamados a entregar nossa vida no serviço aos outros,

pouco a pouco, fazendo o bem aos nossos amigos, vizinhos, familiares, e irmãos da igreja. Visitaremos os doentes, faremos compras para um casal idoso, daremos ouvidos a um irmão enfermo, acolheremos órfãos em nossa casa, visitaremos os acamados, defenderemos os que não têm voz, e assaremos bolinhos para um vizinho. Isso pode não ser tão “heroico” quanto o martírio, mas ainda assim requer a morte do “eu”, e pode ser realizado no nome de Jesus para a glória dele.

Lembro de ter ouvido a história de um ministro que pastoreava no centro de uma cidade. Uma mulher da congregação disse a ele: “Pastor, precisamos ver mais sinais e maravilhas. Não vimos sinais e maravilhas o suficiente”. Ele respondeu: “Senhora, logo ali senta uma mulher que foi despejada de seu apartamento junto com seus três filhos. Eu consideraria um sinal e uma maravilha se você os acolhesse em sua casa por três meses”. Não há nada de errado em querer ver Deus fazer coisas extraordinárias — eu também quero! Mas não ignore e subestime o que o Espírito faz através de nós para demonstrar amor prático aos outros. Todo e qualquer membro de igreja pode e deve, de muitas e variadas maneiras, mostrar esses sinais e realizar essas maravilhas hoje.

Passos de ação

Esse capítulo apenas arranhou a superfície do que significa cuidar de nossos irmãos e irmãs em Cristo, mas espero que tenha inspirado você a amar sua família da fé ao longo de sua vida. Eis aqui alguns passos práticos.

1. *Realize as importantes obras de restauração, de carregar os fardos, de partilhar e fazer o que é bom.* Se alguém vem à sua mente quando você reflete sobre Gálatas 6, então tome a decisão de agir em favor dessa pessoa.
2. *Reconheça que o cuidado para com pecadores e oprimidos é um ministério que todos os crentes devem desempenhar.* Considere ler bons livros sobre o cuidado ao próximo (por exemplo, *Instrumentos nas mãos do Redentor*, de Paul Tripp). Talvez sua igreja ofereça um curso básico de aconselhamento bíblico: se sim, aproveite essa oportunidade. Analise sua agenda e veja se há espaço para realizar a obra de ouvir e ajudar os aflitos e desviados e de interceder por elas; caso ainda não tenha, então trate de abrir espaço para essa importante obra.
3. *Lembre-se de que sua vida pessoal sempre afetará sua comunidade.* Considere desenvolver alguns “hábitos santos” novos em sua vida: uma hora separada para orar, ler as Escrituras, cantar, e por aí vai... Se há “hábitos impuros”, trate de acabar com eles! Entenda que às vezes uma simples mudança em sua rotina pode ter um grande impacto no resto de sua vida e um impacto positivo

naqueles à sua volta.

4. *Busque semanalmente oportunidades de fazer o bem aos outros.* O que você tem de fazer hoje? Tenho um amigo que faz todo domingo o planejamento da semana, e esse planejamento inclui surpreender pessoas com atos de bondade. Você consegue imaginar o que aconteceria em sua igreja se todos gastassem tempo planejando maneiras de abençoar os outros?
5. *Ore por sua família da fé.* Ore para que possam dizer de vocês: “Veja como eles amam uns aos outros!”. Ore para que sua igreja se preocupe genuinamente com os doentes e oprimidos, com os fracos e os feridos. Ore por você, pois todos podemos ficar exaustos. Peça ao Senhor que o encha com seu Espírito para que você possa ser uma demonstração encarnada do fruto do Espírito.

18 Timothy Keller, *Galatians For You*, p. 167. [*Gálatas para você* (Vida Nova, 2015).] 19 O pastor Mark Dever escreve: “Tradicionalmente, os protestantes veem essas duas marcas, a pregação do evangelho e a adequada administração dos sacramentos, como marcas que distinguem a verdadeira da falsa igreja”. Depois de citar Thomas Cranmer e João Calvino como exemplos, Dever continua: “Uma terceira marca da igreja, a disciplina corretamente aplicada, tem sido acrescentada desde então, apesar de ser de conhecimento geral que ela está implícita na segunda marca: a correta administração dos sacramentos”. Então, após citar o artigo 29 da *Confissão Belga* de 1561 (que aponta essas três marcas como as marcas da verdadeira igreja), Dever faz um resumo a partir de uma citação de Edmund Clowney, que diz que a igreja inclui: “a pregação fiel da Palavra; a adequada observância dos sacramentos; e o exercício fiel da disciplina eclesiástica” (*Nine Marks of a Healthy Church*, p. 8-9). [*Nove marcas de uma igreja saudável* (Fiel, 2013).] 20 Stott, *Galatians For You*, p. 174. 21 Veja John Stott, *The Message of Galatians*, p. 170. [*A mensagem de Gálatas* (ABU, 2018).] 22 Stott, *The Message of Galatians*, p. 77, 78.



Servir

Colocando em prática os dons do Espírito em prol do Corpo

Discípulos de Cristo não são meros espectadores na igreja, mas servos. Cristãos não podem ver a igreja como “o lugar onde se ouvem sermões”, mas como “onde se serve”. Não me entenda mal: sermões são importantes, mas os membros de uma igreja são colaboradores do ministério, e não meros consumistas ou acumuladores. A questão é que contribuir envolve empenhar tempo, talento e recursos em prol da saúde e do crescimento da comunidade de fé.

Muitos cristãos têm consciência de seu dever de servir ativamente na igreja, mas normalmente lhes faltam *motivações* fortes o suficiente para que consigam se comprometer com esse serviço contínuo. Gostaria de trazer três motivos bíblicos que irão reacender seu desejo de servir, ou, caso você esteja se cansando, recarregar suas baterias: (1) A misericórdia de Deus, (2) os dons do Espírito, e (3) a volta de Cristo. O primeiro motivo direciona nossa atenção para o que Deus fez por nós; o segundo nos lembra de que fomos autorizados e capacitados a servir; e o terceiro nos ajuda a não esquecermos de que nosso serviço não é em vão! Essas razões advindas do evangelho nos dão motivos para servir que vão além do simples “sirvo porque é meu dever”.

Motivados pela misericórdia de Deus

Em Romanos 12, Paulo exalta a misericórdia de Deus para com os pecadores e depois exorta os cristãos a servirem a Deus. A palavra “pois”, ou “portanto” (Rm 12.1), remete ao que foi dito em Romanos 9-11, onde Paulo discute a salvação graciosa e misericordiosa demonstrada por Deus na figura do Messias (9.15-18, 10.11-13). Isso também nos remete à porção anterior, que desembocou em Romanos 9-11 (1.16-8.39). Somos exortados a viver à luz dessas misericórdias divinas, motivados pela provisão salvadora de Deus em Cristo, o que envolve reconhecer o poder e a esperança que desfrutamos agora como seres redimidos.

Quando ponderamos efetivamente em nosso coração acerca das misericórdias de Deus, somos inspirados a entregar-lhe nossas vidas em adoração e serviço (Rm 12.1-2). “Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício

vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional” (Rm 12.1). Temos de nos entregar a Deus por completo. Esse é nosso “culto racional”, que pode também ser traduzido por “adoração/culto razoável”. Ou seja, quando você considera seriamente a misericórdia de Deus, oferecer a si mesmo é a reação mais lógica, racional e razoável.

A ideia de “sacrifício vivo” sublinha um importante aspecto da doutrina cristã. Nos primórdios do cristianismo, os cristãos eram acusados de ateísmo por não terem templos, ídolos ou sacrifícios, práticas comuns entre as religiões daquela época. Obviamente, quem adora o Deus vivo não pode ser ateu, mas nosso sacrifício é pessoal: oferecemos *nossas vidas* a Deus em adoração. Cultuamos servindo, não simplesmente frequentando a igreja aos domingos ou cantando nos cultos. Fomos chamados para sermos adoradores integrais, compromissados com Deus em todas as áreas de nossa vida. É como se nos colocássemos no altar do sacrifício! Esse sacrifício do “eu” é considerado “santo e agradável a Deus” (v. 1). É assombroso pensar que o Deus do universo tem prazer quando eu e você sacrificamos a nós mesmos em serviço ao próximo!

Parte do que significa oferecer nosso corpo a Deus é explicado no versículo 2. Há duas ordens: “não vos conformeis” e “transformai-vos”. Em primeiro lugar, parafraseando o versículo, *não se deixe moldar pelo mundo*. Nossa mentalidade deve ser diferente da do mundo. Segundo, *seja transformado pela renovação da mente*. Temos de deixar de lado o “pendor da carne” (Rm 8.7), que caracteriza a humanidade e a mente depravada dos pagãos (Rm 1.28). Nossa mente precisa ser renovada pelo Espírito Santo (Rm 7.6, 8.27). Esse processo envolve empenhá-la no que é bom, verdadeiro e belo (veja Fp 4.8), e não pensar da mesma maneira de antes (Ef 4.22-32); envolve também alimentar a mente com as verdades da Escritura (Cl 3.16), e meditar na glória de Deus em Cristo (2Co 3.18).

O propósito do “eu” transformado e da mente renovada é para que experimentemos “qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12.2). Em outras palavras, significa que seremos capazes de discernir e apreciar o que de fato honra a Deus, a fim de orientarmos nosso “eu” para obedecer à vontade do Senhor.

Portanto, quando pensar sobre quando e como servir sua igreja, leve em consideração a misericórdia de Deus. Lembre-se do que você merecia antes: condenação. E não se esqueça do que recebeu: salvação. Esses são, sem dúvida, motivos que o levarão a viver uma vida de serviço e adoração.

Motivado pelos dons do Espírito

Paulo ainda não acabou: “Porque, pela graça que me foi dada, digo a cada um dentre vós que não pense de si mesmo além do que convém;

antes, pense com moderação, segundo a medida da fé que Deus repartiu a cada um” (Rm 12.3).

A palavra “Porque” é importante, pois conecta esse versículo ao que foi dito anteriormente. O primeiro ensinamento de Paulo depois de exortar os cristãos a terem uma mente renovada é *não pense muito de si mesmo*.

Paulo não quer dizer que devemos nos depreciar, mas que temos de “julgar a nós mesmos sobriamente”, ou seja, pensar de nós mesmos com precisão e de acordo com a realidade. Keller comenta:

Precisamos ter consciência de nossas qualidades e capacidades, pois, ao fazer isso, saberemos como servir aos outros. Temos de ser precisos em nosso conceito de nós mesmos: não nos depreciarmos, nem nos exaltarmos.²³

O significado da frase “segundo a medida da fé que Deus repartiu a cada um” (Rm 12.3) é controverso, mas creio que a melhor opção é lê-la à luz dos versículos seguintes, que tratam dos dons espirituais (Rm 12.4-8). Leia assim: a expressão “medida da fé” se refere às diferentes capacidades espirituais que Deus concedeu a cada um, e nesse sentido é equivalente à concessão de “dons espirituais” por parte de Deus.²⁴ O Senhor, portanto, concedeu uma medida de graça e de fé a cada membro da igreja. Cada cristão recebeu dons (1Pe 4.10). Não podemos pensar muito, nem pouco, de nós mesmos quando consideramos esses dons, mas devemos ser mordomos fiéis e humildes.

Em 1Coríntios 12-14, Paulo insere uma belíssima passagem sobre o *amor* no meio de seu ensino acerca dos dons espirituais (1Coríntios 13 não foi uma passagem originalmente escrita para ser lida em casamentos, mas para corrigir a visão acerca dos dons: dons devem servir à igreja, e não promover pessoas). Em Romanos 12, Paulo acrescenta uma seção sobre o amor (v. 9-21) logo após falar de dons espirituais (v. 3-8). Em ambas as passagens, o apóstolo usa a metáfora do corpo para a igreja local e discute o uso dos dons (1Co 12.12-31). O cristianismo é comunitário e nos chama ao serviço em amor; devemos, portanto, usar nossos dons em prol do corpo em amor.

“Porque assim como num só corpo temos muitos membros, mas nem todos os membros têm a mesma função, assim também nós, conquanto muitos, somos um só corpo em Cristo e membros uns dos outros” (Rm 12.4-5). Paulo, sem dúvida, adorava usar a figura “corpo de Cristo” para ilustrar a igreja (veja Ef 2.16, 3.6, 4.4,25, 5.29; Cl 3.15) — e por uma boa razão. Assim como um corpo é composto de vários membros, cada um com suas funções singulares, também o é a igreja local. Isso demonstra tanto nossa *diversidade* como nossa *unidade*. Somos diferentes: cada membro é único e importante para o corpo. Precisamos das mãos e dos dedos. Estamos unidos: somos um corpo em Cristo. Quando você vai ao banheiro, quanto do seu corpo vai junto? Ele todo! Somos um só corpo.

Em Romanos 12, Paulo menciona sete dons espirituais distintos (Rm 12.6-8). Essa não é uma lista exaustiva, mas de exemplos (ele lista outros dons em 1Co 12.7-10, 28-30; Ef 4.11; 1Pe 4.10). O que não podemos ignorar nessa lista de Romanos 12 é o chamado do apóstolo para *praticarmos* nossos dons com *excelência e amor*:

Tendo, porém, diferentes dons segundo a graça que nos foi dada: se profecia, seja segundo a proporção da fé; se ministério, dediquemo-nos ao ministério; ou o que ensina esmere-se no fazê-lo; ou o que exorta faça-o com dedicação; o que contribui, com liberalidade; o que preside, com diligência; quem exerce misericórdia, com alegria (v. 6-8).

Podemos classificar esses dons em duas categorias: dons de fala e dons de serviço, ou dons verbais e não verbais.²⁵ Os dons de fala incluem profecia, ensino, exortação e liderança (ainda que liderar envolva tanto serviço como ensino, o que poderia colocá-lo em outra categoria, mas liderança costuma envolver bastante ensino). Os dons de serviço incluem servir à igreja quando ela se reúne e os atos de misericórdia. Isso não significa que os que falam jamais servem, nem que aqueles que servem nunca falam! Quero apenas dizer que os ministérios de “palavra e obra” funcionam dentro do corpo através do exercício de dons distintos. Quando colocamos em prática esse dons de palavras e de obras, edificamos o corpo de Cristo e glorificamos a Deus.

Dons de fala. Ensinar a fim de edificar os outros envolve tanto instrução do tipo formal como do tipo informal. Exortação inclui muitas coisas, como confortar, encorajar e confrontar, e pode ser feita tanto formal como informalmente.

O mais polêmico dom dos citados em Romanos 12 é com certeza o de profecia. Ele é aqui separado de ensino e exortação, então não deve ser igualado à pregação e ao ensino. A liderança de sua igreja provavelmente tem uma interpretação particular quanto a esse assunto, e não pretendo argumentar em favor dessa ou daquela posição. Sem me aprofundar em detalhes, esse dom envolve aplicar a Palavra de Deus de maneira mais espontânea e direcionada a situações específicas.

Dons de serviço. Servir envolve a ajuda prática para aqueles que precisam. Esse serviço humilde reflete a vida de nosso Senhor (Mc 10.42-45). Aqueles com o dom da contribuição são chamados a exercê-lo com “liberalidade”: o tipo de generosidade que reflete a generosidade de Deus

(2Co 8.9). Aqueles com o dom da liderança devem liderar “com diligência”. Aqueles com o dom da misericórdia, que ministram aos pobres, fracos e feridos, devem estar sempre “alegres” quando demonstram graça, em vez de servir com má vontade.

Repare na disposição de espírito que devemos ter ao colocar em prática tanto os dons de fala quanto os de serviço. Paulo menciona

liberalidade, diligência e alegria. Essas devem ser as motivações por trás dessas ações, pois Deus se preocupa com nosso coração e com nossas motivações, e não apenas com nossas ações externas.

Em meio a toda essa exposição detalhada e discussão acerca dos dons espirituais, deixe-me apontar o óbvio: *pratique esses dons em amor pelo bem do corpo*. Você precisa fazer parte de uma igreja para ser edificado pelos dons dos outros e para que os outros sejam edificados por seus dons! Dons não nos são dados para nosso bel prazer ou para nos exaltarmos, nem para construirmos nossa reputação. Um cristão não tem o direito de privar a igreja de seus dons. Deus nos deu esses dons porque ele ama a igreja, e somos chamados a praticar nossos dons pelo bem de nossos irmãos e irmãs.

Uma questão sempre surge: “Como identifico meu dom?”. E outra dúvida muito frequente também é: “Devo fazer apenas as coisas para as quais tenho algum dom?”. Em relação à primeira pergunta, Keller nos mostra que Paulo nos oferece duas maneiras de discernimos nossos dons:²⁶

1. *Autoexame*. À luz do chamado para “pensar com moderação”, pergunte a si mesmo: “O que gosto de fazer? Sou bom no que gosto de fazer? Qual ministério me satisfaz? Quais os problemas mais comuns? Que oportunidades estão diante de mim?”.
2. *Experiência*. À luz da declaração de Paulo de “exercermos” nossos dons, entenda que é necessário experiência para saber se você tem certo dom. Keller diz: “É bom experimentar todos os tipos de ministério a fim de conhecer suas ‘aptidões’ espirituais”. Ele acrescenta que você deve estudar as listas bíblicas de dons a fim de elaborar um inventário e aprimorar sua experiência.

A grande ideia por trás de tudo isso é a simples e desafiadora verdade de que seus dons não dizem respeito a você: eles existem para edificar o corpo.

Quanto à segunda questão, minha resposta é: não, não é preciso limitar seu serviço na igreja às coisas para as quais você tem dons particulares. Ainda que servir naquilo que somos dotados gere mais frutos e alegria, não podemos negligenciar os outros aspectos do serviço cristão. Alguns podem ter o dom da contribuição, mas isso não significa que estes devam ser os únicos responsáveis pelo sustento financeiro dos ministérios da igreja! Alguns podem ter o dom do ensino, mas isso não quer dizer que sejam os únicos chamados a fazer discípulos através dele (Mt 28.18-20). Um membro da igreja pode não ter o dom da misericórdia, mas ainda assim todos são chamados a exercê-la (Mq 6.8). Portanto, sim, eu encorajo você a buscar as áreas em que possa exercer seus dons espirituais, porém, ao mesmo tempo, a também não se aborrecer se for chamado a servir onde não é o mais

dotado: entenda isso como um ato de amor. Não espere pelo surgimento da oportunidade perfeita para começar a servir: vá fundo e se envolva!

Motivado pelo retorno de Cristo

Em 1Pedro 4.7-11, encontramos outra importante motivação para servir:

Ora, o fim de todas as coisas está próximo; sede, portanto, criteriosos e sóbrios a bem das vossas orações. Acima de tudo, porém, tende amor intenso uns para com os outros, porque o amor cobre multidão de pecados. Sede, mutuamente, hospitaleiros, sem murmuração. Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus. Se alguém fala, fale de acordo com os oráculos de Deus; se alguém serve, faça-o na força que Deus supre, para que, em todas as coisas, seja Deus glorificado, por meio de Jesus Cristo, a quem pertence a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!

“O fim está próximo”, ou seja, o ato final da história da redenção está à nossa porta. Cristo voltará em glória. Portanto, sirva!

Muitos, ao pensarem no retorno de Cristo, sentem vontade de apelar ao fanatismo ou a um drástico afastamento do mundo; Pedro, no entanto, não aponta para nada de extremo aqui, mas, pelo contrário, enfatiza o viver cristão ordinário: controlar a si mesmo e ter a mente sóbria, o que resulta em oração eficaz, amor sincero, hospitalidade graciosa e no exercício dos dons. Tanto o serviço como o ensino são habilitados pelo poder de Deus e exercitados para a sua própria glória.

Escatologia, o estudo das últimas coisas, não pode nos tornar fanáticos, mas esperançosos. À luz do retorno de Cristo, você e eu somos chamados a sermos membros ativos da igreja, realizando fielmente as obras do ministério com o propósito de edificar o corpo. O fim está próximo: orem. O fim está próximo: amem uns aos outros com sinceridade. O fim está próximo: pratiquem a hospitalidade. O fim está próximo: sirvam.

Você crê que Jesus voltará? Você crê que ele recompensará aqueles que o serviram fielmente? Então, deixe que ele o inspire a servir sua igreja local. Não é necessário um cargo oficial para servir. E não limite seu serviço ao que é conveniente, empolgante, ou que chama a atenção dos outros. Sirva por amar a Cristo e ao seu povo, mesmo que o serviço pareça trivial. Quando vir a Cristo face a face e o ouvir dizer: “Muito bem, servo bom e fiel”, você ficará feliz por ter servido!

Passos de ação

Você foi chamado e capacitado para servir, mas como continuar “ávido para servir”? Eis aqui algumas ideias para sua consideração.

1. *Mergulhe nas verdades do evangelho para obter motivação constante.* Dado que o serviço cristão fiel é motivado por verdades teológicas (como a misericórdia de Deus, a capacitação do Espírito Santo e a volta do Filho), reflita avidamente acerca da obra redentora de

Deus. Trago Keller novamente: “Falhar em entregar nosso *eu* em completa obediência a Deus não é apenas moralmente ofensivo: significa que falhamos também em pensar com clareza”.²⁷ Pense constantemente e com avidez na graça e na misericórdia de Deus, e que seu serviço flua de um coração transbordante de gratidão e alegria.

2. *Lembre-se de que o discipulado envolve mais do que saber algumas coisas.* Ainda que maturidade envolva ser capaz de articular a verdade bíblica, viver a verdade bíblica também faz parte disso. Muitos cristãos conhecem vários versículos bíblicos, mas não servem a ninguém, sendo que alguns nem mesmo fazem parte de uma igreja. Crescemos em maturidade quando vivemos fielmente a vida cristã, que inclui o serviço cristão. Esta era tem sido chamada de “a era da informação”, mas infelizmente não pode ser chamada de “a era da aplicação”. Não se envolva apenas com estudos, conferências, blogs e discussões nas redes sociais. Vá lavar pés!
3. *Faça da pregação da Palavra e das ordenanças do batismo e da Ceia do Senhor meios para cultivar um coração que se apraz no serviço.* Toda vez que ouvir a pregação da Palavra, peça ao Senhor para convencer seu coração do pecado e para transformá-lo. Ser convencido do pecado não é algo ruim, mas, sim, muito bom. É um sinal do amor do Pai. Deus não nos disciplina com um chicote, mas com sua Palavra. Quando for convencido e desafiado, arrependa-se e prepare-se para se tornar um “praticante da Palavra” (Tg 1.22). Quando vir alguém ser batizado, lembre-se de seu próprio batismo. Lembre-se também do que o batismo significa: a morte do velho *eu* e o nascimento do novo *eu*. Quando participar da Ceia do Senhor, examine seu coração, dê graças a Jesus, e reflita sobre o reino vindouro: permita que essa sagrada ordenança renove em você uma paixão por servir.
4. *Seja um servo, não um crítico.* É fácil discutir e criticar. Mas, em vez disso, escolha outro caminho: em humildade, aproveite as oportunidades de servir a Jesus e ao seu povo, mesmo se o que você for fazer pareça pequeno ou insignificante. Acolha uma família de visitantes na igreja, receba universitários em sua casa, contribua generosamente com os custos da congregação, cuide das crianças, voluntarie-se para missões urbanas, arrume os bancos, faça parte do grupo de louvor, acolha uma família de refugiados, leve comida a um irmão idoso, ou aconselhe um jovem estudante. Esses são alguns poucos exemplos de como você pode se dedicar às boas obras em nome de Jesus. Você foi chamado e capacitado a servir, mas verdadeiramente está disposto a isso?
5. *Esteja atento às necessidades daqueles que trabalham na igreja e se ofereça para ajudar como for possível.* Fique atento aos avisos,

comunicados e a qualquer outra forma de comunicação, para que você saiba o que está acontecendo e possa contribuir.

6. *Pergunte aos seus líderes quais são as necessidades particulares e se ofereça para ajudar.* Deste modo, você pode encontrar alguma oportunidade para colocar seus dons em prática ou simplesmente ajudar alguém.

7. *Ore para que seus colegas membros da igreja “sirvam ao Senhor com alegria” (Sl 100.2).* Quando minha esposa faz aniversário e lhe dou um presente legal, minha resposta à pergunta “Por que você fez isso?” não é “Porque era meu dever”. Isso não a honra. A atitude que honra minha esposa é: “É uma alegria para mim; não há ninguém como você”.²⁸ Da mesma forma, é servindo alegremente que demonstramos nosso amor a Deus e lhe damos glória, pois ele é o único digno de eterna glória e de eterno louvor.

²³ Timothy Keller, *Romans 8–16 For You*, p. 109. ²⁴ Bird, *Romans*, p. 424. ²⁵ Outra categoria (emprestada de 1Co 12) poderia ser algo como “dons de sinais”, se incluíssemos os dons de falar em línguas, interpretação e milagres. Em virtude do meu propósito neste livro, vou me ater a Romanos 12, pois quero destacar as motivações para o serviço. Para um excelente estudo sobre o ensino de Paulo acerca dos dons espirituais em 1Coríntios, veja D. A. Carson, *Showing the Spirit* (Baker, 1987) [*A manifestação do Espírito* (Vida Nova, 2013)], bem como Gordon Fee, “The First Epistle to the Corinthians”, em *The New International Commentary on the New Testament*, edição revisada (Eedmans, 2014). ²⁶ Veja Keller, *Romans 8–16 For You*, p. 113-114. ²⁷ Keller, *Romans 8–16 For You*, p. 7. ²⁸ Adapte essa ilustração de uma que encontrei no livro de John Piper: *Desiring God* (Multnomah, 2011), p. 94.



Honrar

Seguindo pastores humildes

Muitos veem os líderes de maneira negativa. Costuma haver muito ceticismo e criticismo envolvendo essas figuras. Hoje em dia, isso é particularmente verdade em relação à política, mas também alcança os negócios, a educação, as instituições, a família e os esportes. Líderes são cercados por desconfiança. Mas não é por menos, pois muita dor já foi causada por eles. Esse ceticismo se estende aos líderes religiosos também. Compreendo muito bem a frustração causada por líderes egoístas, que falharam em liderar e maltrataram a muitos, e lamento pela dor que alguns líderes de igreja já causaram e estão causando.

Então, entendo se você se arrepiar quando este capítulo falar sobre honrar líderes. Mas temos de deixar a Bíblia moldar a maneira como encaramos esse assunto — como em qualquer outro, na verdade. E eis o que vemos nas Escrituras: maus e bons líderes, e o chamado a honrar estes últimos.

Paulo fala com frequência sobre falsos mestres e líderes corruptos. Por exemplo, ele pede aos romanos “que tomem cuidado com aqueles que causam divisões e põem obstáculos ao ensino que vocês têm recebido. Afastem-se deles”

(Rm 16.17). O apóstolo também costuma falar de pastores e líderes fiéis (por exemplo, 1Tm 3.1-7, 4.11-16, 5.7). Sem dúvida, Paulo estava ciente do fato de haver líderes honráveis e líderes indignos (2Tm 2.20-21).

Pedro estava igualmente ciente. Quando escreve sobre presbíteros/pastores/bispos (esses termos parecem ser intercambiáveis no Novo Testamento, mas aqui usaremos com mais frequência a palavra “pastor”: veja At 20.17,28; Tt 1.5,7), o apóstolo não está sendo ingênuo. Pedro sabe que existem líderes corruptos: “Assim como, no meio do povo, surgiram falsos profetas, assim também haverá entre vós falsos mestres” (2Pe 2.1). Lembre-se disto: não é porque líderes corruptos existem que não há líderes fiéis na igreja, líderes que sejam dignos de honra. Toda ovelha do rebanho de Deus precisa de um humilde “pastor auxiliar” que esteja sob as ordens do Sumo Pastor (Jesus), e tais líderes devem ser respeitados

(1Ts 5.12) e seguidos (Hb 13.7). Quando um líder fiel segue a Jesus e se submete à sua Palavra, então o povo de Deus seguirá esse pastor com alegria.

Pastores alegres, santos e humildes

O que é um “líder fiel”? Pastores são chamados a exercer sua função de boa vontade (1Pe 5.2). Eles são chamados a viver uma vida santa diante de Deus: a maioria das qualificações do pastor estão relacionadas ao caráter, e não às habilidades (veja 1Tm 3.1-7). Pastores são chamados a serem líderes-servos e humildes, como Jesus foi (veja Jo 13.1-35). Eu sei que pastores não são perfeitos, que eles terão dias ruins e cometerão erros, mas o padrão e as motivações da vida de um pastor devem ser caracterizados pela alegria, pela santidade e pela humildade.

A igreja frutifica sob a supervisão de líderes assim, e esses traços de caráter brilham num mundo dominado por lascívia, imoralidade e arrogância. Um líder que personifica esse estilo de vida, e um dos meus heróis no pastorado, é John Stott. Tim Chester, em seu livro *Stott on the Christian Life* [Stott e a vida cristã], conta que certa vez um repórter fez a seguinte pergunta a Stott: “Você teve uma carreira acadêmica brilhante; foi destaque em Cambridge; tornou-se reitor aos 29 anos; foi capelão da rainha. Qual sua ambição agora?”. Ele, então, respondeu: “Me parecer mais com Jesus” (p. 255). Isso era mais do que uma resposta de escola dominical para Stott: era seu estilo de vida. Eis um homem que sempre preparava seus sermões ajoelhado e diante da Bíblia.

O pregador anglicano era também um servo humilde para aqueles à sua volta. René Padilla nos conta sobre sua viagem à Argentina acompanhado de Stott. Tarde da noite e sob uma chuva torrencial, eles chegaram ao destino completamente enlameados. Na manhã seguinte, Padilla acordou e se deparou com Stott limpando seus sapatos! Quando ele contestou, Stott disse: “Querido René, Jesus nos disse que devemos lavar os pés uns dos outros. Hoje não lavamos os pés como faziam na época de Jesus, mas eu posso limpar seus sapatos”. A secretária de longa data de Stott, Frances Whitehead, disse: “Ainda fico maravilhada quando lembro que John esvaziou minha lixeira todos os dias por muitos e muitos anos”.²⁹

Essas histórias podem até parecer banais, mas ilustram como a vida privada de Stott era condizente com sua vida pública. Esse tipo de comportamento não deveria nos surpreender, mas num mundo de escândalos tais episódios nos são encorajadores. Para aqueles de nós que são líderes, fatos como esses nos desafiam. Ken Perez, que conhecia muito bem John Stott por causa de seu envolvimento com o London Institute of Contemporary Christianity, disse: “Alguns são impressionantes em público, mas decepcionantes em privado. John é o

oposto: ele é ainda mais impressionante em privado do que em público. Sua semelhança com Cristo, sua gentileza, sua bondade e sinceridade são inesquecíveis”. Ore para que Deus levante mais líderes assim!

Um breve esclarecimento acerca do pastorado

Alguns veem o pastor como se fosse uma espécie de CEO, outros como se ele fosse um general, e por aí vai. Mas é um erro pegar emprestado o conceito de uma liderança mundana e aplicá-lo à igreja. Se um membro (ou líder) tem expectativas equivocadas em relação aos pastores, cedo ou tarde teremos muitas frustrações e muita dor de cabeça. Então, o que devemos esperar de um pastor/presbítero/bispo? Em 1Pedro 5, o apóstolo destaca três aspectos: a tarefa, o coração, e a recompensa do pastor.

Pedro descreve a si mesmo como um colega presbítero (1Pe 5.1). A pluralidade de presbíteros é a norma no Novo Testamento (por exemplo, 1Pe 5.5; At 11.30, 15.2; Tt 1.5), e o termo se refere a uma função ou “ofício” — não se trata de idade,³⁰ mas do trabalho de supervisão espiritual. Visto que todos os líderes de igreja são pecadores, concentrar poder nas mãos de uma pessoa é receita para o desastre. Consequentemente, é bom que uma igreja tenha *presbíteros*, no plural, e que esses presbíteros não sejam apenas de fachada. Diferentes igrejas adotam modelos distintos. Por exemplo, em nossa igreja há tanto pastores/presbíteros remunerados como voluntários (e usamos tanto “pastor” como “presbítero”). Independentemente de qual seja o sistema de governo de uma igreja, o objetivo é que os pastores trabalhem juntos em prol do rebanho e para que as ovelhas sejam habilitadas a cuidar umas das outras.³¹

A tarefa. Pedro descreve a responsabilidade dos pastores da seguinte forma: “pastoreiem o rebanho de Deus que está aos seus cuidados. Olhem por ele” (1Pe 5.2, NVI). O trabalho do pastor é cuidar das ovelhas através da supervisão e do pastoreio cuidadoso e habilidoso. O pastoreio de ovelhas é uma figura bíblica muito proeminente e que oferece um belíssimo pano de fundo para que os pastores compreendam sua função. Bons pastores *conhecem as ovelhas, lideram as ovelhas, e alimentam as ovelhas*.³²

O coração. Pedro dá bastante atenção ao coração do pastor, e destaca algumas das mais fortes tentações dos líderes de igreja: eles devem servir “não por obrigação, mas de livre vontade, como Deus quer. Não façam isso por ganância, mas com o desejo de servir. Não ajam como dominadores dos que foram confiados a vocês, mas como exemplos para o rebanho” (1Pe 5.2-3, NVI).

Portanto, em primeiro lugar, os pastores não devem servir por obrigação, mas *de livre vontade*. Isso significa que ninguém deve forçar alguém a ser pastor. O pastoreio deve ser “desejado” (1Tm 3.1). Além

disso, pastores não podem se aborrecer com os deveres comuns de um pastor: “Puxa, tenho que ir a essa reunião do presbitério”; “Caramba, tenho de preparar outro sermão”; “Que coisa, preciso fazer essa visita”.

Segundo, pastores não devem servir por ganância, mas *de boa vontade*. Pastores fiéis são movidos pelo amor sincero que têm pela obra. Isso não significa que os pastores não devam ser recompensados (1Tm 5.17-18); quer dizer apenas que a motivação não deve ser o ganho financeiro. Além disso, pastores não podem discriminar os membros da congregação com base na situação financeira. O Novo Testamento sempre relaciona falsos mestres e líderes infiéis a um amor idólatra ao dinheiro (veja 1Tm 6.3-5).

Por fim, pastores não podem ser dominadores, e sim um *exemplo de humildade*. A sede de poder e controle torna o ambiente da igreja tóxico. Liderança cristã não é o mesmo que senhorio; ela consiste em entregar a própria vida, seguir humildemente a Jesus, e chamar os outros a segui-lo também (veja Mc 10.42-45; 1Tm 4.12). Liderar pelo exemplo é um aspecto essencial da liderança pastoral (veja Mt 23.11; Fp 2.3-4, 5-8).

Posturas e ações dominadoras não podem ter lugar na liderança pastoral. Pastores não podem ser orgulhosos, egoístas, manipuladores, briguentos, intimidadores ou tirânicos. Temos de lembrar disso quando lemos Pedro dizer que os membros da igreja devem ser “submissos aos que são mais velhos”

(1Pe 5.5). O apóstolo tem em mente pastores humildes, pastores que lideram pelo exemplo.

A recompensa. Pastores têm de manter os olhos fixos em Cristo: “logo que o Supremo Pastor se manifestar, recebereis a imarcescível coroa da glória” (v. 4). Jesus é o verdadeiro “pastor sênior”, e ele recompensará o serviço fiel dos presbíteros. Pastores também são ovelhas, e dependem da graça salvadora de Jesus Cristo tanto quanto qualquer outro membro. Eles também estão aguardando a volta de Jesus, como qualquer outro cristão. E, quando Cristo voltar, os pastores fiéis, que praticaram o que está escrito nos versículos 2 e 3, receberão “a imarcescível coroa da glória”. Diferentemente da coroa de folhas entregue aos atletas gregos antigamente, aqueles que serviram fielmente serão recompensados com uma coroa eterna.

Assim, uma das coisas que você pode fazer para honrar seus pastores é ajudá-los a manter esse pensamento em mente enquanto trabalham. Ajude seus pastores a continuarem enxergando a beleza de nossa gloriosa esperança. Preparar sermões é muito cansativo, solitário, e por vezes não traz recompensas imediatas; o cuidado pastoral nem sempre é notado e drena nossas energias; mas o Pastor Supremo vê esse trabalho fiel e irá recompensá-lo. Quando você encorajar seu

pastor com essas verdades, lembre-se de que Jesus vê sua fidelidade também (2Co 5.10; 1Pe 1.9).

O pastor e você

A maioria dos pastores se empenha para viver conforme a descrição que Pedro faz dos líderes fiéis nesses versículos.

É claro que são imperfeitos, mas, presumindo que os líderes de sua igreja estão buscando esse tipo de liderança, você, como membro de igreja, tem algumas responsabilidades para com eles.

Rogo igualmente aos jovens: sede submissos aos que são mais velhos; outrossim, no trato de uns com os outros, cingi-vos todos de humildade, porque Deus resiste aos soberbos, contudo, aos humildes concede a sua graça. (1Pe 5.5)

Pedro parece estar destacando aqueles que provavelmente são menos inclinados a seguirem os presbíteros em humildade (“aos jovens”). Cristãos mais maduros, idealmente, têm uma visão mais sensata da liderança bíblica e, conseqüentemente, são mais propensos a obedecerem aos seus líderes e se submeterem a eles, “pois velam por vossa alma, como quem deve prestar contas, para que façam isto com alegria e não gemendo; porque isto não aproveita a vós outros” (Hb 13.17). Se seus pastores são fiéis e lideram bem, você deve humildemente se submeter a eles. Isso requer uma disposição humilde.

Contudo, não significa que seus pastores estão sempre certos, ou que eles jamais errarão, e que estão sempre acima de qualquer correção. O próprio apóstolo Pedro cometeu erros a ponto de precisar ser confrontado e chamado ao arrependimento (Gl 2.11-14). Em Atos 6, os apóstolos estavam negligenciando as viúvas de língua grega da congregação, e foi preciso chamar a atenção deles para esse fato. Sem dúvida, não era intenção deles que essa negligência acontecesse, mas aconteceu. Se os apóstolos tinham fraquezas e limitações, estou certo de que também tenho! Submeter-se humildemente a seus líderes não quer dizer que você jamais possa questionar suas atitudes e decisões, mas que, quando precisar conversar sobre certo problema, suas motivações sejam bíblicas e fundamentadas na humildade, não cheias de arrogância e raiva (1Tm 5.19-20). Alguns acham que devem desafiar seus líderes em tudo, enquanto outros tendem a considerá-los como praticamente infalíveis e acima de qualquer correção. Evite os dois extremos: a humildade é o ponto de equilíbrio.

Em uma igreja abençoada por ter pastores fiéis que buscam servir como Cristo servia, de forma a honrar seu nome e a edificar o corpo, eis aqui cinco maneiras de reagir à sua liderança (apresentarei maneiras mais específicas na seção “Passos de ação”).

1. *Respeite os pastores fiéis.* “Agora, vos rogamos, irmãos, que acateis com apreço os que trabalham entre vós e os que vos presidem no Senhor e vos admoestam; e que os tenhais com amor em máxima consideração, por causa do trabalho que realizam. Vivei em paz

uns com os outros” (1Ts 5.12-13). Se você vê que a liderança está sendo exercida de um jeito que reflete os princípios bíblicos e o exemplo de Jesus, respeite seus líderes. A igreja é chamada ao amor cordial, e seus membros a preferirem “em honra uns aos outros” (Rm 12.10); aliás, esse chamado também se aplica ao dever de honrar os pastores (1Tm 5.17).

2. *Ame seus pastores.* “Os tendes *com amor* em máxima consideração” (1Ts 5.13, ênfase minha). A honra dada aos pastores não deve ser impessoal, mas calorosa. Deve haver uma afeição profunda entre o pastor e os membros (2Co 6.11-13). Pastores não devem privar os membros de sua afeição, e vice-versa. E todos os membros devem amar “cordialmente uns aos outros com amor fraternal” (Rm 12.10).

3. *Siga o exemplo de seus pastores.* “Lembra-vos dos vossos guias, os quais vos pregaram a palavra de Deus; e, considerando atentamente o fim da sua vida, imitai a fé que tiveram” (Hb 13.7). Pastores e líderes são chamados a zelar intensamente tanto por sua vida como por aquilo que ensinam

(1Tm 4.16); ao fazerem isso, a igreja é edificada por-que o povo de Deus pode ouvir a Palavra e imitá-los como exemplos de piedade. “Imitar” pode não soar muito bem e até parecer idólatra, mas a ideia não é que a igreja se torne um culto a uma personalidade. Pelo contrário, a ideia é considerar a conduta, o amor, a fé e a pureza de seus líderes e imitar esse estilo de vida.

4. *Seja motivo de alegria para o seu pastor.* Conforme vimos anteriormente, o autor da carta aos Hebreus pediu aos cristãos que obedecessem aos seus líderes, que zelavam por suas almas, e assim os pastores poderiam realizar seu trabalho “com alegria e não gemendo; porque isto não aproveita a vós outros” (Hb 13.17). Não seja um fardo para seus pastores opondo-se ao ensino deles. Evite entristecê-los por não ir aos cultos. Não seja briguento nem partidário — tanto pessoalmente quanto na internet. Não os entristeça por não contribuir financeiramente para o sustento dos ministérios da igreja. Não seja um fardo por sabotar ou se recusar a fazer parte da missão da igreja. Enquanto os pastores trabalham, tenha em mente para que fim eles foram chamados, e reconheça que desejam o seu bem e a glória de Deus. Que seus líderes tenham alegria em vê-lo sentado humildemente sob o ensino da Palavra, arrependendo-se e mudando de vida.

5. *Ore por seus pastores.* Uma reflexão honesta acerca do trabalho de nossos pastores imediatamente nos leva a orar por eles. E orar por seus pastores é a melhor coisa que você pode fazer por eles. Em muitas passagens da Escritura, encontramos Paulo pedindo que a igreja orasse por ele (2Ts 3.1; Cl 4.3-4; veja também Ef 6.18-20).

Se até mesmo o apóstolo Paulo precisava das orações da igreja, imagine seu pastor! Quando perguntaram a C. H. Spurgeon, grande pregador do século 19, qual era o segredo da sua eficácia, ele respondeu: “Minha igreja ora por mim”.

Todo cristão precisa ser pastoreado. Ainda que seja fácil criticar líderes e pastores, o fato é que Deus levantou autoridades na igreja para o bem de cada um dos cristãos e para a edificação do corpo (Ef 4.11-16). Como Thabiti Anyabwile, meu amigo pastor, diz:

Um membro saudável entrega a si mesmo ao Senhor e também ao ministro do Senhor, ciente de que essa é a vontade de Deus (2Co 8.5) [...]. A liderança da igreja local foi estabelecida por Deus para abençoar seu povo.³³

Passos de ação

Sou pessoalmente grato pelos membros de igreja que me honram enquanto busco servi-los como seu pastor. Por experiência própria, eis aqui algumas maneiras específicas para que você empregue o que foi dito anteriormente sobre como se relacionar com seu(s) pastor(es).

1. *Respeite seus pastores prestando atenção ao que ensinam e se recusando a tomar parte em rumores e calúnias.* Reconheça que preparar um sermão é muito trabalhoso e honre seus pastores recebendo a palavra de Deus humildemente (1Tm 5.17). Além disso, faça o que estiver ao seu alcance para dar fim a fofocas facciosas e reclamações fúteis sobre seu pastor. Assim, você estará honrando o ofício e o líder, e também a Deus, aquele que estabeleceu a estrutura da igreja para o nosso bem.
2. *Demonstre amor por seus pastores fazendo algo gentil por eles.* Considere surpreendê-los com um gesto de gratidão e apreço (que não precisa se resumir a datas especiais). Conheça quais são seus gostos e os surpreenda com um gesto de amor: talvez um presente, uma bebida, uma comida gostosa, ou ingressos para um evento. Certa vez, um casal de idosos, ao saber que minha esposa e eu faríamos uma viagem, nos deu um cheque e nos disse: “Aproveitem esse tempo juntos!”, demonstrando profundo amor por nós. Jamais me esquecerei disso. Considere ajudar seus pastores a terem um tempo maior de descanso: isso não abençoará apenas eles, mas toda a igreja.
3. *Expresse gratidão pelo ensino e exemplo de seus pastores oferecendo-lhes palavras de encorajamento.* Não seja um daqueles que dizem: “Eu elogiei seu sermão naquela primeira semana. Se eu mudar de ideia, pode deixar que faço questão de avisar”. Seja consistente e atencioso em demonstrar quão grato a Deus você é por eles. Você pode encorajar seu pastor via e-mail, carta, ou com uma simples palavra de encorajamento quando o encontrar à porta da igreja cada semana. Quanto mais específico, melhor! Esse tipo de

comentário é importante para os pastores. Que eles saibam que você os valoriza, que zela por eles e que os ama.

4. *Seja motivo de alegria para seu pastor fazendo bem mesmo as pequenas tarefas.* Aqui incluo não se atrasar, oferecer-se para servir, ser um encorajador, evitar fofocas, tomar conta do bem-estar dos líderes e membros, ser generoso, e ter sempre uma postura alegre. Posso dizer com honestidade que nunca desfrutei mais do ministério do que no tempo presente (mesmo passando por desafios, sofrendo ataques cardíacos e às vezes imaginando se serei capaz de chegar aos cinquenta anos!), e essa alegria se deve em grande parte aos muitos membros de minha igreja que fazem bem mesmo as pequenas coisas. Afinal, é claro, essas “pequenas coisas” são, na verdade, muito importantes.

5. *Ore por seus pastores de maneira pessoal, com sua família e com outros membros de sua igreja.* Uma das maiores bênçãos é ouvir um membro da igreja dizer: “Nossa família orou por você ontem à noite no jantar” ou “Nossos filhos oraram por você antes de dormir”. Suas orações por seus pastores irão não apenas abençoá-los, mas abençoarão a você também.

29 Tim Chester, *Stott on the Christian Life*, p. 228. 30 Em inglês, o termo *elder* é usado tanto para presbíteros como para anciãos. [N. do T.] 31 É importante ressaltar que Pedro obviamente acreditava na possibilidade de restauração de pastores que caíram. Mesmo sendo testemunha dos sofrimentos de Jesus durante seu ministério, Pedro o negou na ocasião da crucificação, mas em seguida experimentou a graça restauradora de Cristo e, consequentemente, teve total certeza de que tomaria parte na futura glória do Senhor Jesus (1Pe 5.1)! Eis as boas-novas para todos nós. Ainda que não seja o foco desse livro se aprofundar no assunto da restauração de um líder, devemos incorporar essa passagem em discussões desse tipo. 32 Veja Tim Witmer, *The Shepherd Leader*, p. 189. 33 Thabiti Anyabwile, *What Is a Healthy Church Member?*, p. 97-103. [O que é um membro de igreja saudável? (Fiel, 2022).]



Testemunhar

Praticando boas obras e compartilhando as boas-novas

“Se você construir, eles virão” é uma fala clássica do filme *Campo dos Sonhos*. Eu gosto do filme, mas essa é uma péssima estratégia de evangelismo.

A maioria dos não cristãos não tem a menor vontade de congregar conosco no próximo domingo. Simplesmente oferecer “um bom produto” não é suficiente para atrair pessoas na era pós-cristã. Um lugar legal, uma acústica incrível, pastores modernos e descolados: nada disso importa.

Aqueles que de vez em quando aparecem domingo na igreja, em praticamente todos os casos, foram levados por algum membro. A maioria dos “de fora” não acordam domingo de manhã dizendo: “Aposto que aquela igreja tem um bom café; vamos lá conferir!”, ou “Aposto que a música lá deve ser muito boa; vamos fazer uma visita!”, ou “Ouvi dizer que o pastor de lá é um cara bacana; vou lá ouvir o que ele tem para dizer”. Não! Eles dizem: “Vamos aceitar o convite de nosso vizinho/colega/amigo para acompanhá-lo à igreja. Há algo diferente na maneira como eles vivem e em como eles falam sobre sua fé... vamos dar uma chance”.

Como membros de igreja, cada um de nós interage com diversas pessoas em nossa rotina: nas lojas, no local de trabalho, na vizinhança, entre nossos familiares e nos lugares que frequentamos por lazer. Evangelismo não se limita aos pastores ou missionários: é responsabilidade de todos os que fazem parte do povo de Deus.

O coração é o coração do evangelismo

Alguns cristãos já fizeram cursos e leram livros sobre evangelismo, decoraram métodos de apresentação, etc., mas continuam não se envolvendo com não cristãos. Isso ocorre porque o evangelismo não lida fundamentalmente com métodos, mas diz respeito a corações. O “passo a passo” é importante, mas a falta de vontade é muitas vezes o problema mais óbvio. Essa indolência pode penetrar em nosso coração por muitas vias: fracassos no passado, pela inconveniência de sempre ter de defender o evangelho, ou por correremos o risco de sofrer zombaria ou sermos rejeitados.

Mas a verdade é que proclamamos aquilo que transborda em nosso

coração. Quando uma jovem é pedida em casamento, é incrível como sua vida e suas conversas mudam. Ela mostra seu anel para todo mundo, exibe fotos de seu noivo, atualiza o *status* no Facebook, começa a planejar o casamento, e sai correndo atrás do vestido de noiva! *Por quê?* Porque ela tem um novo amor! Ela não consegue ficar dias ou semanas sem falar sobre isso. Ela não precisa ser forçada ou constrangida para falar sobre seu noivo. Ela quer falar. Culpa não é capaz de motivar, mas a beleza, sim; a esperança, sim; o amor, sim; o deslumbramento, sim. Nós falamos daquilo que amamos, valorizamos, reverenciamos e ansiamos.

Esse é o argumento de Pedro em sua passagem-chave sobre o coração do evangelismo.

Ora, quem é que vos há de maltratar, se fordes zelosos do que é bom? Mas, ainda que venhais a sofrer por causa da justiça, bem-aventurados sois. Não vos amedronteis, portanto, com as suas ameaças, nem fiquéis alarmados; antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós, fazendo-o, todavia, com mansidão e temor, com boa consciência, de modo que, naquilo em que falam contra vós outros, fiquem envergonhados os que difamam o vosso bom procedimento em Cristo, porque, se for da vontade de Deus, é melhor que sofraís por praticardes o que é bom do que praticando o mal. (1Pe 3.13-17)

Repare que o foco recai sobre a vida interior do cristão. Quando Cristo se tornar santificado para seu coração, seus interesses e os assuntos de suas conversas mudarão. Quando você valorizar Jesus como seu tesouro mais precioso, você compartilhará de boa vontade sua esperança.

O contexto da audiência de Pedro era caracterizado pela hostilidade ao evangelho. Ele escreveu a cristãos marginalizados da região da atual Turquia, pessoas que enfrentavam calúnia, eram ridicularizadas, excluídas, e um dia sofreriam também perseguição física.

Estou em Raleigh, na Carolina do Norte, e eu não ousaria rotular minha cidade como hostil ao evangelho, mas poderia muito bem descrevê-la como *endurecida* para o evangelho e *satisfeita sem* o evangelho. Em meu contexto local, há muitos que nunca entraram em uma igreja, que cresceram longe da igreja e não tem interesse nenhum nela, e muitos “ex-igrejeiros”, que frequentavam a igreja eventualmente, mas abandonaram o hábito. Os desafios ao testemunhar a Cristo na cultura contemporânea surgem de fatos como esses.

De que maneira, então, podemos alcançar essas pessoas? Como cultivar um amor por compartilhar a esperança que temos em Cristo? Apesar de o contexto de Pedro ser diferente do nosso, em suas palavras encontramos três prioridades atemporais do testemunho fiel onde quer que seja: bondade prática; reverência centrada em Cristo; e predisposição constante.

Se cultivarmos essas atitudes e vontades, veremos pessoas em nossa

volta sendo alcançadas.

Bondade provoca perguntas

Em sua primeira epístola, Pedro constantemente enfatiza a importância de “fazer o bem” (1Pe 3.13, 16-18; veja também 1Pe 2.12,20, 3.1). Nosso testemunho envolve mais do que boas obras, mas definitivamente *inclui* boas obras

(Mt 5.16). O grande mandamento (ame a Deus e o próximo) e a Grande Comissão (façam discípulos de todas as nações) não se rivalizam. Eles representam o que podemos chamar de “modelo integrativo” de missão: proclamar as boas-novas e praticar boas obras.

Em nossa época, todo mundo quer estar do lado certo de qualquer assunto. São tempos voláteis, e as mídias sociais dificultaram a situação ao permitir, e encorajar, que todos opinassem sobre tudo, especialmente sobre assuntos políticos e culturais. Todavia, o que Pedro incentiva não é a agitação política nem o debate, mas um estilo de vida belo que demonstre o fruto do evangelho. Não estou sugerindo que não podemos ter opiniões políticas ou discutir assuntos importantes. Entretanto, em nosso contexto cultural, temos de lembrar que a ênfase de Pedro recai sobre viver uma vida de boas obras, e não sobre ser antenado em tudo. Esse estilo de vida tem o poder de ser bastante convincente.

Para ser uma testemunha fiel àqueles à sua volta é necessário buscar constantemente viver uma vida virtuosa. Isso não é fácil, e pode resultar em oposição por parte de descrentes (1Pe 3.13-14). Mas Deus está conosco, e ele se agrada dessa conduta, e com isso muitos podem ser induzidos a nos perguntar a razão de nossa esperança.

Muitos cristãos já aprenderam como responder a algumas perguntas básicas que podem ser feitas acerca de nossa fé, e isso é ótimo; mas eles não sabem como despertar esse tipo de conversa! Eis a fórmula de Pedro: abençoe e faça o bem aos outros. Viva uma vida cativante sob o senhorio de Cristo que provoque perguntas.

O fruto do Espírito demonstrado em nossas ações práticas é capaz de causar grande impacto num mundo antenado em tudo. É interessante como uma pessoa alegre, gentil, amorosa e pacífica se destaca hoje. Que demonstrar a bondade de Jesus em atos práticos de serviço ao próximo seja o objetivo de nossas vidas.

Redirecione seus temores

O medo impedirá você de ser uma testemunha fiel: de servir outra pessoa, de dar um livro, de chamar alguém para comer, ou seja, de viver o evangelho com intensidade. É por isso que Pedro exorta os cristãos: “Não vos amedronteis” (v. 14).

Temer os outros nos escraviza, nos amarra, e constrange nossos pensamentos e ações. O autor de Provérbios diz: “Quem teme ao

homem arma ciladas, mas o que confia no SENHOR está seguro” (Pv 29.25). Como você pode evitar esse medo? Pedro diz que o modo de superar isso é reverenciar Cristo mais do que os outros: “Não vos amedronteis, portanto, com as suas ameaças, nem fiqueis alarmados; antes, *santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração*, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós” (1Pe 3.14-15, ênfase minha). Santifique Cristo como Senhor em seu coração. Reverencie a Cristo.

Redirecione os seus temores: lembre-se da santidade e da glória de Jesus e você verá os outros sob a perspectiva correta. É o deslumbramento por Jesus que faz de nós suas testemunhas. Viver o evangelho intencionalmente significa não viver com espírito de medo, mas confiando humildemente na presença do Senhor e reverenciando humildemente a santidade de Deus. É com essa disposição de coração que apresentaremos o evangelho a nossos amigos e familiares descrentes.

Preparado para tudo e para todos

Dois palavras importantes dessa passagem não podem passar batidas: “sempre” e “todo”. Pedro quer que estejamos “sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós” (v. 15). O apóstolo está dizendo o seguinte: “Estejam sempre preparados para responder a todo tipo de pergunta que as pessoas à sua volta possam fazer”.

Estar pronto significa que temos de deixar de lado as desculpas para nossa falta de interação com não cristãos. Aceite o fato de que nenhum dia é, de fato, um dia perfeito para evangelizar. Sempre é possível arranjar uma desculpa: “Não dormi bem”, “Discuti com minha esposa”, “Essa poeira está me matando”. O evangelismo diário, porém, é que deve apitar o início da partida.

Como técnico de beisebol infantil, estou sempre alertando aos jogadores para ficarem preparados em suas posições. Por quê? Porque algumas crianças ficam pegando flores no campo! Um dos meus jogadores deixou de pegar a bola na primeira base porque estava vendo um avião passar! Tenha um coração que sempre lhe diga para estar preparado: esteja alerta e pronto para compartilhar a razão da sua esperança.

Eis aqui a nossa palavra-chave: esperança. No original grego, a palavra traduzida por “responder” é *apologia*, que dá origem ao conceito de “apologética”. Em certo sentido, essa empreitada demanda algum grau de estudo, porque, para darmos a “razão” de algo, raciocínio lógico é necessário. Mas Pedro não tem em mente o tipo de apologética formal ou acadêmica. Ele não está pensando em respostas sofisticadas em defesa da existência de Deus, acerca do problema do mal, e coisas do tipo, como num ambiente de debate público.

O apóstolo tem em mente, na verdade, conversas ordinárias sobre nossa esperança.

Todo cristão pode tomar parte no evangelismo porque todo cristão possui uma esperança viva (1Pe 1.3). Pedro não nos pede para “defender a fé” (ainda que tenhamos de fazer isso), mas para defender nossa “esperança”. Esperança, no Novo Testamento, não é um “pensamento positivo” (“Espero que meu time seja campeão esse ano”). A esperança cristã é um “joinha” e não um “cruze os dedos”: é uma confiança firme na glória futura. Essa esperança nos fortalece no aqui e agora, especialmente em meio ao sofrimento, e reluz em meio a um mundo desesperado. Esse tipo de esperança é tão raro de encontrar que algumas pessoas perguntarão a você sobre ela, principalmente quando estiverem passando por algum sofrimento ou quando o virem esperançoso em meio à aflição.

Isso é libertador em muitos aspectos, porque alguns de nós ouvem a palavra “apologética” e tremem de medo, pensando: “Eu preciso estar preparado para responder todas as perguntas sobre os assuntos mais profundos”. Certamente, não é má ideia ler alguns livros de apologética, mas o foco de Pedro está mais voltado para o coração. Você pode chamar isso de “apologética da esperança”: diz mais respeito à adoração do que à argumentação.

Para ser uma testemunha efetiva, é preciso mais do que um argumento destruidor na teoria — seu coração precisa irradiar alegria. É preciso mais do que respostas lógicas: um coração cativado por Jesus é mais do que necessário. Para ser uma boa testemunha é preciso antes adorar a Jesus e ser cheio de esperança. Todo cristão pode ser assim. Um novo convertido, sem instrução formal, por exemplo, pode irradiar uma contagiosa esperança cristã! Evangelismo não é tarefa de uma tropa de elite de cristãos, mas de todos aqueles cujo coração transborda de esperança evangélica.

Não cristãos podem não compreender sua teologia, mas são capazes de perceber sua esperança (assim como seu amor, sua alegria e sua paz). Nossa esperança chama a atenção das pessoas. Por isso, seja alguém que, em sua conduta e em suas reações aos sucessos e fracassos, irradia essa esperança, e que também a expressa com palavras. Portanto, vamos transmitir nossa esperança enquanto refletimos regularmente sobre o que Cristo fez por nós e sobre o que ele nos tem guardado.

Ao ler os evangelhos, é difícil não se espantar com o fato de Jesus, em suas interações com outras pessoas, nunca se valer de um método padronizado de apresentação. Ele conhecia cada pessoa e as abordava individualmente. Quando os outros percebem nossa esperança e sentem que não a possuem, suas perguntas se tornam mais pessoais. Quase sempre nosso evangelismo se parecerá mais com

aconselhamento pessoal do que com uma proclamação pública. Quando descrentes fizerem perguntas, recorra à clareza e à graça do evangelho para respondê-los.

Assim como o conteúdo do que dizemos é importante, a maneira como dizemos é também crucial. Quando falamos de Cristo aos outros, temos de fazer isso como Cristo faria. Não podemos falar de maneira condescendente ou rude, mas com “mansidão e temor” (1Pe 3.16). Paulo diz a mesma coisa em outra importante passagem acerca do testemunho diário:

Portai-vos com sabedoria para com os que são de fora; aproveitai as oportunidades. A vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal, para saberdes como deveis responder a cada um (Cl 4.5-6).

Temos de prestar atenção em como vivemos e falamos perto dos “de fora”, e administrar o tempo com sabedoria. Deus nos dá oportunidades de ouro para testemunharmos. Aproveite-as! Quando essas oportunidades surgirem, converse de maneira graciosa e cativante.

A expressão “temperada com sal” é importante. David Garland, estudioso do Novo Testamento, diz o seguinte:

A expressão “temperada com sal” refere-se à fala descontraída, engraçada, inteligente e bem-humorada. Essa temperança lhes impedirá de serem ignorados como chatos e irrelevantes [...]. Piedade não pode ser confundida com chatice. Fórmulas padronizadas e chavões apáticos não fazem jus à alegria do evangelho. A apresentação da mensagem do evangelho deve ser temperada com uma saborosa combinação de inteligência e bom humor para se tornar palatável.³⁴

Esforce-se para que seu testemunho seja interessante, vívido e cheio de cores. Evite o diálogo chato, tedioso e monótono. Use sua personalidade a seu favor. Sim, alguns aspectos dela precisam ser santificados, mas, de maneira geral, nós devemos compartilhar as boas-novas fazendo uso da nossa personalidade. Se você é calmo, faça uso de seu tom gentil.

Se você é descontraído, faça uso de seu bom humor. Se você é daqueles extrovertidos bem espaçosos, deixe sua empolgação transbordar. Se você é hospitaleiro, deixe sua gentileza derreter o coração de seus convidados. Todo mundo é interessante porque cada indivíduo é único! Não seja um robô quando o assunto é evangelismo. Não pregue sobre você mesmo, mas seja você mesmo.

Uma das coisas que tornou o evangelho tão convincente para mim quando estava na faculdade foi a maneira como meus colegas cristãos o apresentaram. Não foi nada entediante. Eles nunca me abordaram com uma apresentação protocolar, mas sim conversavam e trocavam ideias comigo, pensamentos que me induziam a pensar e a fazer mais perguntas. Eles também não eram condescendentes, mas extremamente humildes e graciosos. Mesmo que naquele momento não concordasse com suas crenças, eu as considerava interessantes!

Que o Senhor use nossas vidas para provocar questões enquanto fazemos o bem, e nos dê coragem para fazermos boas perguntas enquanto compartilhamos a esperança do evangelho de modo gentil e cativante. E, como cada pessoa é única e uma portadora da imagem de Deus, digna de nossa atenção e carinho, esteja preparado para responder a cada uma delas “temperado com sal”.

Evangelismo de rede

Nos últimos anos, dois métodos principais de evangelismo se sobressaíram: o evangelismo “de evento”, e o evangelismo “*cold call*” (uma “abordagem aleatória”, por assim dizer). Quando ouvem a palavra “evangelismo” hoje, as pessoas quase sempre pensam em grandes eventos/cruzadas ou prosélitos batendo de porta em porta. Ainda que o Senhor tenha utilizado ambas as abordagens, e mesmo que ainda possam ser efetivas em certo sentido, esses métodos são cada vez menos frutíferos em contextos pós-cristãos. Uma terceira abordagem, que tem legitimidade histórica e que é tanto culturalmente apropriada como eficaz na prática, é a do evangelismo *de rede*.

Evangelismo de rede não consiste em eventos ou programações: é um estilo de vida; trata-se do dia a dia com intencionalidade evangélica, praticado entre as pessoas que fazem parte da nossa rede de relacionamentos.

No processo de plantação da minha igreja, eu e os demais líderes enfatizamos que o evangelismo de rede seria a maneira principal pela qual cada membro poderia evangelizar. Também encorajamos equipes a irem a certas áreas evangelizar de porta em porta, mas o evangelismo de rede é nosso foco principal, e tem se provado muito frutífero. Tim Keller, em seu livro *Church Planting Manual* [Manual de plantação de igreja], diz que: “Deve haver uma atmosfera de expectativa de que cada membro sempre terá de duas a quatro pessoas na ‘incubadora’, um campo de força com pessoas pelas quais devemos orar, a quem devemos dar livros, convidar para a igreja e outros eventos”.³⁵ Temos buscado crescer e nos desenvolver nessa área.

O evangelismo de rede tem muitas vantagens. Uma delas é que essa abordagem *reconhece a soberania de Deus*. Ela estimula cada um a acreditar que toda pessoa em nossa vida importa, e nos ajuda a lembrar de que Deus nos inseriu nessa época e contexto histórico, cercados por pessoas feitas à sua imagem e semelhança, pessoas que sua soberania colocou em nosso caminho (At 16.26-27).

Além disso, *evangelismo de rede tem precedentes históricos*. O sociólogo Rodney Stark, em seu livro *Cities of God* [Cidades de Deus], descreve como o cristianismo se tornou um movimento urbano e conquistou Roma:

Interações sociais são o mecanismo principal pelo qual a conversão acontecia [...]. A

maioria das conversões não ocorriam pela atuação de missionários profissionais transmitindo uma nova mensagem, mas pelos membros do “chão de fábrica” que compartilhavam sua fé com seus amigos e familiares [...]. Ainda que as primeiríssimas conversões no Ocidente tenham ocorrido pela ação de missionários de tempo integral, logo o processo de conversão se tornou autossuficiente à medida que os novos convertidos aceitavam o dever de compartilhar sua fé, e assim o fizeram ao evangelizar aqueles que faziam parte de seu círculo mais íntimo.³⁶

Não ignore isso! A propagação do cristianismo no primeiro século foi surpreendente, e o movimento avançou porque cristãos reconheceram a responsabilidade de compartilhar o evangelho com aqueles do seu círculo íntimo. *Nós também podemos fazer isso em nossos dias.*

Eis aqui outro benefício: *o evangelismo de rede promove fidelidade e paciência no evangelismo.* Quase sempre os métodos evangelísticos envolvem apenas apresentações *in loco*, que podem ser impessoais, focadas em números em vez de valorizar as pessoas. Esses métodos podem simplesmente fazer parte de uma *checklist*, para sentirmos o peso da consciência ir embora e seguirmos em frente. Mas quando você quer alcançar as pessoas que fazem parte da sua vida, isso requer fidelidade e perseverança; é preciso fazer uma espécie de pré-evangelismo, fazer perguntas, observar as defesas caírem lenta e gradualmente, e, assim espero, pela graça de Deus, ver seu amigo, familiar, colega de trabalho, ou vizinho declarar que “Jesus é o Senhor”.

Abordando as pessoas de nossa rede

Vale a pena pensar sobre sua rede de relacionamentos nas seguintes cinco categorias:

- **Familiar:** membros de sua família.
- **Geográfica:** vizinhos.
- **Vocacional:** colegas de trabalho.
- **Recreacional:** amigos de jogatinas ou pessoas com quem você costuma sair.
- **Comercial:** pessoas que você vê nas lojas que frequenta.

Tente identificar ao menos cinco pessoas em cada uma dessas categorias, e então, para cada uma delas, se proponha a fazer ao menos uma das cinco tarefas abaixo. Com sorte, você conseguirá realizar mais de uma tarefa. Você pode orar por eles ou convidá-los para alguma coisa? Ou, você pode orar por eles e lhes pregar o evangelho? No mínimo, você pode começar a orar por aqueles que fazem parte de sua rede de relacionamentos. Mas o objetivo é orar, continuar orando, e, passado certo tempo, dar alguns passos a mais.

- **Ore.** C.S. Lewis disse: “Eu tenho dois conjuntos de nomes em minhas orações: aqueles pelos quais eu peço a Deus que abençoe nossas conversas, e aqueles pelos quais eu dou graças pelas

conversas que temos. Mesmo a menor transferência do conjunto A para o conjunto B me traz bastante alegria”.³⁷ Que o Senhor nos abençoe com algumas dessas pequenas transferências!

- *Convide*. Chame essas pessoas para jantar, praticar algum esporte, ir ao cinema, ou ir a um evento de sua igreja.
- *Sirva*. Identifique maneiras de abençoar aqueles à sua volta. Ofereça-se para cuidar das crianças, fazer compras, ou levar suas roupas a uma lavanderia.
- *Providencie recursos*. Peça que leiam um livro ou artigo com você, ou que escutem um sermão ou podcast. Essa pode ser uma ótima maneira de iniciar uma conversa acerca do evangelho.
- *Compartilhe o evangelho*. Busque se antenar em temas nos quais é possível se aprofundar em sua fé. Lembre-se de que você não é o único que está recomendando algo, ou alguém, aos outros: todo mundo está fazendo isso. Todos pregam um tipo de evangelho: exaltam as maravilhas da aromaterapia, dos sucos *detox*, da bebida do momento, dos procedimentos estéticos, daquela última série, do *crossfit*, daquele romancista, daquele jogador, entre outras coisas. O evangelho é bom demais e importante demais para deixarmos de compartilhá-lo!

A seguir, montei uma tabela para ajudá-lo enquanto você reflete sobre o que vimos agora. Tente escrever cinco pessoas em cada uma das categorias abaixo, e então, para cada uma delas, realize uma das cinco tarefas.

REDES	PESSOAS
Vocacional	
Familiar	
Geográfica	
Comercial	
Recreacional/relacional	

Você pode pedir ajuda

Tendemos a achar que o evangelismo é uma prática individual, mas, na verdade, você pode ter a ajuda de outros, especialmente quando a tarefa em questão é compartilhar o evangelho e responder a perguntas. Evangelize acompanhado de outros membros de sua igreja. Alguns são bons em desenvolver relacionamentos; outros são hospitaleiros; e outros são melhores em responder a questionamentos.

Muitas vezes o evangelismo é um trabalho em equipe. Você pode orar por alguém que está pregando o evangelho para um colega de trabalho. Você pode oferecer sua casa para a realização de um evento,

mas deixar que outro seja o organizador e que outra pessoa seja quem vai iniciar a conversa. Quando lhe perguntarem algo difícil de responder, talvez você não seja capaz de fazê-lo, mas há a possibilidade de apresentar o não cristão a alguém que possa sanar suas dúvidas, ou você mesmo ir até essa pessoa e descobrir como ela responderia à pergunta X ou Y, e então voltar e recomeçar a conversa com seu amigo. Reflita sobre seus próprios dons espirituais e pense em como você pode contribuir com o evangelismo ao lado de outros membros de sua igreja. Isso não significa que há uma desculpa para nunca proclamar com ousadia o evangelho simplesmente por não se sentir confortável, ou porque alguém é melhor do que você nisso. O que tudo isso quer dizer, na verdade, é que não é preciso enxergar o evangelismo como uma tarefa exclusivamente individual.

Todos os membros de igreja foram chamados para testemunhar sua fé. É parte essencial de uma conduta fiel. Num contexto pós-cristão, essa dinâmica é também necessária para que possamos dar fruto. Não podemos ficar presumindo que os outros farão o evangelismo por nós. Ele é motivo de grande alegria, pois temos de ser testemunhas fiéis, antes e acima de tudo, para a glória de Deus. Independentemente do resultado de nossos esforços, Deus se agrada em nossa fidelidade e é glorificado quando a verdade acerca de seu Filho é proclamada ao mundo. Este é, então, nosso chamado: viver uma vida correta e fiel mesmo em meio ao sofrimento (1Pe 3.17); responder perguntas da maneira correta e com o tom correto; e sempre estar na “posição de preparado” para compartilhar a nossa esperança. Alguns podem, como resultado, crer no evangelho, enquanto outros não o farão. Alguns podem se opor a você. Sua missão, entretanto, é ser fiel: deixe os resultados para Deus.

Passos de ação

Além de separar um tempo para orar e preencher a tabela acima, trago aqui três passos úteis, concatenados no acrônimo da palavra em inglês para rede, *N.E.T.* (“Rede”):

1. *N. Nunca deixe de orar.* Dentre todas as coisas que você pode fazer para as pessoas de seus círculos sociais, esta é uma das mais fáceis e mais benéficas: ore por elas. Identifique as pessoas que fazem parte da sua rede de relacionamentos e comece a orar diariamente por elas. Ore em silêncio quando as vir. É incrível o que pode acontecer se simplesmente começarmos a pedir a Deus que traga essas pessoas à fé em Cristo.
2. *E. Exercite sua fé com sabedoria.* Como você pode “viver sabiamente entre os de fora?”. Seja um bom funcionário, viva com integridade, e esteja atento às oportunidades que surgem enquanto caminha pela bairro, enquanto está no mercado, enquanto está no

parque. Considere dar um livro a alguém ou convidá-lo para jantar ou ir a um culto. Considere surpreendê-lo com um ato de serviço. Reflita sobre seu contexto. O que pode provocar questionamentos nos de fora? Pense em começar um clube do livro, organizar uma noite de jogos, ou se envolver nas atividades da cidade.

3. **T. *Transmita o evangelho com graça e beleza.*** Compartilhe o evangelho de uma maneira natural, gentil e atraente. Considere cada pessoa individualmente. Pense em perguntas provocativas que possam ser feitas, ou responda às suas questões com humildade e atenção. Se discordarem de você, eles ainda conseguirão desfrutar de sua companhia? Considere com prudência como Jesus, o amigo dos pecadores, abordaria os de fora com o evangelho, e ore para que você tenha a mesma atitude com os que estão distantes de Deus.

³⁴ David Garland, *Colossians and Philemon*, p. 274, 287. ³⁵ Keller e Thompson, *Church Planting Manual*, p. 125. ³⁶ Rodney Stark, *Cities of God*, p. 13-14. ³⁷ Citado em Phil Ryken, *1Kings*, p. 513.



Comissionar

Dando continuidade à missão e plantando igrejas saudáveis

Minha igreja é jovem, pois foi plantada há cerca de nove anos. Não raro me perguntam: “Quantos anos sua igreja tem agora?”. Como o tempo voa, normalmente eu tenho de fazer um breve cálculo de cabeça antes de responder. Para evitar dor de cabeça, e para ensinar um pouco de história da igreja, eu comecei a responder: “Nós temos mais de dois mil anos”.

Claro que eu sei o que as pessoas têm em mente quando me fazem essa pergunta (e eventualmente eu respondo da maneira que esperam!), mas é importante lembrar que a história de “nossa igreja” é parte de algo muito maior. Em certo sentido, é uma história que começa em Atos 2, e essa história é *nossa* história.

O povo de Deus não se originou no primeiro século. Deus sempre teve um povo para si, escolhido por ele, abençoado, e comissionado para ser uma bênção. Entretanto, o livro de Atos marca uma virada na história da redenção. Atos descreve o dia de Pentecostes, a explosiva origem da igreja primitiva, e o início da história missional da igreja.

Irmão, veja quão grande é a história da qual você faz parte! Essa viva história de Deus reunindo um povo para si deveria encorajá-lo quando você olha para sua igreja local. Maravilhe-se com a fidelidade do Senhor enquanto reflete em como o evangelho chegou de Jerusalém até sua igreja e até você. Que seu coração se encha de louvor, e que você anseie pelo dia em que se unirá a todos os remidos de todas as eras e de todos os lugares do mundo.

Dando continuidade à história

Não apenas fazemos parte dessa história: nós contribuímos e damos continuidade a ela. Nos 28 capítulos de Atos, lemos acerca do nascimento da igreja, mas a história segue em frente, e nossas igrejas fazem parte dela! Esse talvez seja o porquê de o livro de Atos acabar tão abruptamente. Atos 28 termina com um tom de suspense: Paulo está ministrando na prisão, e um monte de pontas soltas relacionadas aos ministérios de Paulo, Pedro, das primeiras igrejas, etc., não foram atadas. Se estivesse lendo um romance e ele terminasse de maneira semelhante, você provavelmente pensaria que está faltando um capítulo! Ficamos com a impressão de que a história ainda não

acabou. E não acabou mesmo! A igreja está hoje vivendo o que podemos chamar de Atos 29 (e esse é o motivo por trás do nome da associação missionária focada em plantação de igrejas, da qual minha igreja faz parte). Normalmente, não gosto de séries de televisão que terminam com “continua no próximo episódio”, mas neste caso é emocionante, pois fazemos parte dessa história!

Lucas não tinha a intenção de escrever uma biografia de Paulo ou de qualquer outra pessoa. Seu objetivo era registrar os atos do Senhor Jesus através do Espírito Santo. Ele se propôs a descrever o progresso irrefreável do evangelho. Seu primeiro livro, o Evangelho segundo Lucas, propõe-se a descrever “todas as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar até ao dia em que, depois de haver dado mandamentos por intermédio do Espírito Santo aos apóstolos que escolhera, foi elevado às alturas” (At 1.1-2). O livro de Atos trata daquilo que Jesus continuou a fazer através da igreja depois de ascender aos céus. Cristo é o herói de Atos, não Paulo ou qualquer outro. Lucas termina Atos com uma nota de vitória, o triunfo do rei Jesus quando Paulo prega sua soberania na capital do império, e com uma mensagem dizendo que, mesmo com o fim daquele livro, a missão de Cristo ainda não foi concluída.

Deus substitui os mensageiros, mas a mensagem e a missão da igreja permanecem inalteráveis até o retorno do rei. Cristãos hoje fazem parte dessa narrativa da redenção! Ainda que nossas histórias não sejam acrescentadas à Bíblia, damos continuidade à missão de pregar as boas-novas a todas as nações. Sua igreja pode fazer parte disso tanto quanto as igrejas que lemos em Atos. Então, como deve ser uma igreja local que transforma o mundo? Para termos um vislumbre, considere a igreja de Antioquia conforme foi descrita por Lucas em Atos.

O modelo de Antioquia

Tempos atrás, quando estávamos plantando nossa igreja, pensamos num nome para dar a ela durante esse período, e consideramos “Antioquia”, pois amamos muito essa igreja.

A igreja de Antioquia foi uma plataforma de comissionamento para as missões mundiais, tornando-se a base de operações da jornada missionária de Paulo e Barnabé (At 13.1-3, 14.26-27), e em seguida a base da jornada de Paulo e Silas (At 15.36-41, 18.22-23).

Antioquia era a terceira maior cidade do mundo greco-romano, logo atrás de Roma e Alexandria, com cerca de quinhentos mil habitantes. Essa cidade cosmopolitana era conhecida como “a rainha do Oriente”. No âmbito político, era a capital da Síria, e estava geograficamente localizada quase quinhentos quilômetros a norte de Jerusalém e cinquenta a leste do Mar Mediterrâneo, atravessada pelo rio Orontes, onde hoje é

o sudeste da Turquia. Antioquia ficava no cruzamento das principais estradas que ligavam o norte, o sul e o leste. Gregos, romanos, sírios, fenícios, judeus, árabes, egípcios, africanos, indianos e asiáticos moravam em Antioquia, o que a tornava uma cidade muito diversificada. No âmbito religioso, era uma cidade pluralista e idólatra.³⁸ Em outras palavras, era um lugar muito semelhante, em vários aspectos, às cidades de hoje: multicultural, diversificada, e repleta de cosmovisões conflitantes. E assim como ocorre em nosso contexto, era um ótimo lugar para se plantar uma nova igreja! John Stott destaca o seguinte: “Não se pode pensar em um lugar mais apropriado para ser a plataforma da primeira igreja internacional e o ponto de partida para as missões cristãs mundiais”.³⁹

Qual a razão de o evangelismo em Antioquia ser tão poderoso? E qual o motivo de o testemunho dessa igreja recém-plantada ser tão forte mesmo além de seus muros? Podemos identificar uma série de componentes de uma igreja missional desde a origem da igreja de Antioquia até seu subsequente impacto mundo afora.

Compromissados com a missão cristã

Quando os cristãos se dispersaram de Jerusalém a Antioquia, alguns deles pregavam o evangelho *somente* aos judeus (At 11.19). Eles foram primeiro até aqueles com quem tinham conexões familiares ou comerciais. Mas alguns homens de Chipre (uma ilha no Mediterrâneo) e Cirene (norte da África) foram à Antioquia e pregaram as boas-novas aos “helenistas”, falantes da língua grega (v. 20). Esses evangelistas corajosos e pioneiros começaram a espalhar a mensagem de Cristo entre os gentios incrédulos. Pedro pregou a Cornélio, um gentio, depois de receber uma visão maravilhosa (At 10), mas até então ninguém tinha intencional e sistematicamente pregado aos gentios.

O avivamento em Samaria (a região ao norte de Jerusalém), descrito em Atos 8, não conta também, pois os samaritanos eram “primos próximos dos judeus”.⁴⁰ Então, aqui, em Antioquia, esses evangelistas estavam derrubando uma muralha cultural. Apesar de suas raízes judaicas, esses homens estavam decididos a alcançar os gregos. Oriundos de Chipre e Cirene (At 11.20), eles possivelmente não tinham muito da cultura conservadora da região da Palestina como seus colegas judeus provavelmente tinham. É bem provável que eles não tivessem tanto preconceito antigentílico, e possivelmente tinham relações comerciais com gregos o tempo todo. Portanto, eles eram menos inflexíveis do que seus companheiros de Jerusalém.

Por que isso importa? Porque não podemos nos afastar das pessoas se quisermos ser evangelistas de verdade. Temos de alcançá-las. Uma igreja como a de Antioquia se envolve com as pessoas. Temos de aprender como viver e como falar apropriadamente com descrentes.

Isso explica por que esses evangelistas estavam pregando “o

evangelho do Senhor Jesus” (At 11.20). Eles não estavam pregando sobre Jesus como o “Cristo” (ainda que ele de fato o fosse!), mas como o “Senhor”. Não lemos aqui “Cristo Jesus” ou “Jesus, o Messias”, ou “Jesus, o Rei Ungido”. Por quê? Porque a audiência não era judia nem judaica, mas gentia. Ou seja, o público não estava familiarizado com as promessas que Deus fizera no Antigo Testamento de que enviaria seu Messias-Rei ungido. É claro que posteriormente eles teriam mais conhecimento acerca de Cristo e se tornariam seus seguidores a ponto de seus vizinhos os rotularem de “cristãos” (v. 26). Mas essa não é a ideia aqui. Os gentios não se interessariam pela “esperança de Israel”. Porém, o título *Kurios*, Senhor, era conhecido e frequentemente usado em Antioquia. Aqueles evangelistas falam do *Kurios* que é o único Senhor.

Para ser um bom evangelista, é necessário conhecer bem o evangelho e também as pessoas com quem você está falando. Um panfleto com uma fórmula padronizada dificilmente vai funcionar com todas as pessoas. É preciso pregar o evangelho de um jeito que seja inteligível para quem você está se dirigindo.

Eis aqui algo chocante nesta história: nós não sabemos quem eram esses cristãos! Mesmo tendo essa dinâmica evangelista em Antioquia transformado o mundo, não sabemos sequer o nome desses evangelistas. Cristãos desconhecidos podem de fato fazer a diferença. E não existe cristão desconhecido para Cristo, cujo veredito é o que mais importa. As pessoas mais importantes da igreja nem sempre não as mais reconhecidas. Não confunda admiração com importância.

Como vimos no capítulo anterior, esse tipo de evangelismo no qual conhecemos bem tanto o evangelho como as pessoas que queremos alcançar é muito efetivo: “A mão do Senhor estava com eles, e muitos, crendo, se converteram ao Senhor” (11.21). Aqui está o segredo: a mão de Deus estava com essas testemunhas enquanto testemunhavam fiel e intencionalmente.

Discipulando crentes

Lucas continua e descreve como Barnabé e Saulo fortaleceram esses novos convertidos. A descrição que ele faz do processo de discipulado é esclarecedora. Discipular envolve *responsabilidade*, *instrução* e *encorajamento*.

A igreja enviou Barnabé para ver como estavam as coisas em Antioquia. Alguns devem ter ficado preocupados e desconfiados por causa do crescimento da igreja, mas outros provavelmente estavam ansiosos por ajudar e encorajar esse grupo de novos cristãos em Antioquia, que não contava com liderança apostólica. Além disso, essa deve ter sido uma igreja difícil de liderar, dado a diversidade de cosmovisões e a imaturidade da fé daqueles crentes. Eles precisavam de um bom e sábio cuidado pastoral para que sua fé se desenvolvesse.

Barnabé, então, foi até lá, avaliou e aprovou aquela obra.

Mas o discipulado requer mais do que uma boa prestação de contas e uma supervisão adequada: envolve também encorajamento sacrificial. Barnabé era o homem certo para esse trabalho! Seu ministério de encorajamento lhe rendeu o apelido de “filho do encorajamento”.

Em vez de jogar um balde de água fria, Barnabé jogou mais lenha na fogueira encorajando-os. Não só isso: ele viu a graça de Deus em ação. Lucas nos diz: “vendo a graça de Deus, alegrou-se” (At 11.23a). Alguns ficam irritados quando veem a graça de Deus, mas os cristãos, aqueles que a amam, assim como Barnabé, transbordam de alegria e coragem.

Não menospreze o encorajamento: os santos precisavam naquela época e ainda precisam dele hoje. Boa teologia é necessária para ser um bom discipulador, mas você também precisa ser um encorajador.

Barnabé precisou de ajuda, então foi atrás de Saulo (Paulo), que estava em sua cidade natal, Tarso. Barnabé sabia que Saulo fora chamado para ser um apóstolo aos gentios

(At 9.15-16), e é possível que já soubesse o que mais tarde ficaria claro para todos: que o pano de fundo de Paulo lhe permitia se comunicar com diversos grupos. Barnabé encontrou uma estrela internacional para o time daquela congregação destinada a alcançar o mundo. Paulo e Barnabé lá ficaram por um ano inteiro (At 11.26). Você consegue imaginar passar um ano inteiro ao lado deles? A instrução desses homens capacitou e equipou os crentes de Antioquia para a importante tarefa que os aguardava.

Foi nesse momento que os crentes de Antioquia passaram a ser chamados pelo nome de “cristãos” (v. 26). Essa foi a palavra usada pelos descrentes para se referir aos crentes. Esses santos em Antioquia (oriundos de todos os lugares) se pareciam tanto com Cristo que seu colegas gentios os chamavam de “pequenos cristos”. Antes disso, as pessoas presumiam que o cristianismo fosse apenas um ramo do judaísmo. Mas agora os cristãos eram vistos como diferentes dos judeus e distintos dos gentios não convertidos: eles eram “cristãos”. E essa nova classificação incluía crentes dos mais diversos contextos. Ainda hoje há pessoas que acham que a religião de alguém é baseada em raça, classe ou família. Mas Antioquia mostrou ao mundo algo maravilhosamente diferente: os cristãos eram todos galhos de uma mesma árvore, caracterizados pelo compromisso com Cristo, expresso no evangelismo e no discipulado.

Demonstrando misericórdia

O coração gigante dos crentes de Antioquia ficou evidente quando um grande problema atingiu o Império Romano: fome (v. 27-30). Um profeta, Ágabo, disse aos cristãos que essa fome viria. Eles

responderam graciosamente, especialmente através das provisões enviadas aos irmãos em Jerusalém. Todos doaram conforme suas posses e enviaram a oferta pelas mãos de Barnabé e Saulo (v. 29-30; 12.25).

O ministério de misericórdia (suprir necessidades com boas obras) é um ministério de abnegação. Esses cristãos souberam da fome antes de todos. Eles podiam ter acumulado mantimentos só para si mesmos (se alguém soubesse da pandemia COVID-19 antes, provavelmente teria acumulado suprimentos e investido na Amazon muito antes das medidas de isolamento acontecerem!). Em vez disso, os cristãos de Antioquia levaram as necessidades dos outros em consideração.

Para refletirmos a dinâmica de Antioquia, precisamos levar em conta as necessidades deste mundo caído e doar segundo nossas possibilidades. Sua igreja, assim espero, deve ter ministérios voltados aos órfãos, viúvas, refugiados, encarcerados, doentes, moribundos, famintos, aflitos, etc. Esse tipo de generosidade prova que o evangelho transformou você (2Co 8.9).

O ministério de misericórdia pode ser realizado individualmente: você, como cristão, realizando boas obras. Mas é também importante fazer parte de um ministério de misericórdia *comunitário*: algo de que toda a igreja participe. Nessa história, vemos a igreja de Antioquia, como um todo, comprometida a cuidar de outra igreja. A igreja de Jerusalém fazia parte de um contexto cultural completamente diferente, e também ficava longe da deles. Mas ambas as igrejas pertenciam a Jesus, e, portanto, seus membros eram irmãos e irmãs. A igreja de Antioquia expressou de forma tangível essa união ao enviar sua oferta.

Igrejas missionais se preocupam com as necessidades das outras igrejas. Recentemente, durante a pandemia, muitas igrejas associadas ao ministério Atos 29 enviaram ofertas às igrejas que fazem parte da categoria “igrejas em lugares difíceis”. Essas igrejas estão nos lugares mais perigosos, inóspitos e pobres ao redor do mundo. Em tempos de incerteza, foi uma alegria ajudar aqueles que sofriam mais acentuadamente com os impactos da pandemia.

Buscando a diversidade

Em Atos 13, Lucas nos dá os nomes de um grupo bem diversificado de líderes da igreja de Antioquia (At 13.1). Isso também é algo a ser buscado em nossa igreja, tanto por razões pastorais quanto por motivos evangélicos.

Barnabé era um crente judeu cipriota (At 4.36). Lucas não nos informa o contexto de Simeão, também chamado “Níger”, mas seu nome significa “negro” ou “escuro”. Muitos acreditam que ele era um homem negro oriundo da África. Lúcio veio de “Cirene”, ou seja, do norte da África. Manaém, que fazia parte da corte de Herodes, era da

classe alta, provavelmente um irmão adotivo ou outro tipo de parente de Herodes Antipas. E entre eles estava Saulo, um crente judeu, que provavelmente levou uma dinâmica mais acadêmica e didática à liderança.

Então, se você visitasse essa igreja, uma das primeiras coisas que chamaria sua atenção seria a diversidade de líderes — e também de membros. A liderança diversificada simplesmente refletia a pluralidade da membresia. Tal diversidade era provavelmente uma figura interessante para a cultura pagã de Antioquia. Todo cidadão podia se imaginar fazendo parte daquele povo. Eles podiam ver que as boas-novas não eram para uma tribo ou grupo particular, mas para todas as nações. Era possível ver os líderes cuidando de cada um dos membros, a despeito da origem deles. Não surpreende que essa igreja tão diversificada se tornou o trampolim das missões mundiais.

Enviando missionários

Se uma igreja não envia, atrofia. Isso pode parecer contraintuitivo, mas normalmente as igrejas que preparam e enviam missionários e plantadores de igreja são as mais fervorosas. Uma das razões disso é que os atos de enviar missionários e plantar igrejas regularmente fazem com que a missão esteja sempre na mente dos membros da igreja missional. Antioquia é, sem dúvida, um exemplo para nós.

Até este momento no livro de Atos, o evangelho se limitava às regiões da Palestina e da Síria. Mas tudo isso mudou quando a igreja começou a adorar, jejuar, e ouvir a voz do Espírito. Então, esses crentes, unidos, comissionaram Paulo e Barnabé (At 13.1-3).

Quando o assunto é o envio de missionários e plantadores de igreja, precisamos evitar tanto o *individualismo* quanto o *institucionalismo*. Individualismo implica agir feito lobo solitário, padrão que não aparece em Atos. A igreja confirma o chamado missionário, mas também provê auxílio constante. Institucionalismo significa um processo mecânico e burocrático desprovido de oração e da liderança do Espírito Santo.

Em vez disso, aprendemos com o modelo de Antioquia — isto é, que missionários são guiados pelo Espírito e enviados e sustentados pela igreja.

Comissionar boas pessoas nunca é uma tarefa fácil. Imagine como os crentes de Antioquia se sentiram: eles estavam enviando Barnabé e Paulo! Essa decisão demandou muito sacrifício e fé. Ainda assim, eles tomaram essa decisão como um ato de obediência e porque a missão valia a pena.

Igrejas missionais ainda hoje enviam seus melhores para as missões. Normalmente dói, mas podemos chamar isso de “despedidas evangélicas”. Estamos dizendo adeus pelo bem do evangelho. E quando nos despedimos, podemos nos lembrar de que passaremos

uma eternidade inteira ao lado de nossos irmãos e irmãs. Assim, dizemos um “adeus por enquanto”, e continuamos orando por eles e os ajudando.

Ao enviar nossos melhores, devemos também lembrar do fato de que Deus também enviou o seu melhor, seu Filho, em missão. Com isso, refletimos a natureza de nosso Deus e seguimos os passos de nosso Salvador, seja enviando ou sendo enviados.

Plantando igrejas

Conforme a história de Atos se desenrola a partir dos eventos de Antioquia, podemos ver a dinâmica do evangelismo constante e da plantação de igreja. A plantação da igreja em Antioquia teve um longo alcance plantando mais congregações, e hoje precisamos de igrejas que repliquem essa paixão missional.

Não raro alguns membros resistem à ideia de que precisamos plantar igrejas. Quero dizer, por acaso já não temos igrejas demais? Por que começar outras? O que se segue é uma espécie de “ABC da plantação de igrejas”.

Primeiro, *plantamos igrejas porque é da vontade de Deus*. Sempre fez parte do propósito de Deus reunir um povo para si — não são apenas indivíduos isolados que vão para o céu

(At 18.9-10). Portanto, quando planta uma igreja, um grupo está fazendo mais do que simplesmente começar uma reunião em uma casa ou salão: ele está antecipando o destino da história, o grande ajuntamento, diversificado e global, do povo que Deus reuniu para si.

Segundo, *plantamos igrejas porque é uma implicação da Grande Comissão*. Ainda que seja verdade que não existe uma ordem explícita do tipo “plante igrejas”, Jesus nos comissionou para fazermos discípulos de todas as nações, batizando-os e instruindo-os (Mt 28.18-20). Como você chama esse processo de discipular as pessoas batizando-as e instruindo-as? Eu chamo de integração de novos crentes na vida da igreja. Batismo é uma confissão pública de fé que identifica os crentes com o corpo de Cristo. Depois de Pedro pregar no dia de Pentecostes, muitos se converteram e foram batizados (At 2.41), e logo em seguida esses novos convertidos se reuniram para adorar e serem instruídos nos ensinamentos de Jesus, entre outras coisas (At 2.42-47). A instrução dos recém-batizados ocorre em primeiro lugar na igreja local. Eu defendo, portanto, que a Grande Comissão aponta para o conceito de plantação de igreja: não no sentido de escolher um lugar, estabelecer um orçamento e lançar um *website*, mas no sentido de identificar novos convertidos pelo batismo e instruir os cristãos.

Terceiro, *a igreja neotestamentária era em grande medida um conjunto de plantações de igreja*. Atos nos conta que novas igrejas surgiam exponencialmente, e as epístolas nos mostram como os apóstolos as

lideraram. Leia as epístolas e se pergunte como essas igrejas começaram: é possível traçar a origem de muitas delas desde o livro de Atos. Logo, a plantação de igrejas é a água que jorra da fonte das Escrituras, e devemos beber dela.

Por fim, *a metodologia do ministério de Paulo consistia basicamente em plantar igrejas urbanas*. Vez após vez, lemos sobre igrejas sendo estabelecidas em cidades influentes, presbíteros sendo ordenados, e novas instruções sendo dadas a essas novas congregações (veja At 14.21-23). De fato, Paulo queria pregar o evangelho “não onde Cristo já fora anunciado” (Rm 15.20), e depois de evangelizar, o apóstolo estabelecia novas igrejas. Após estabelecer igrejas nessas grandes cidades com a sã doutrina e ordenar líderes qualificados, o apóstolo seguia sua jornada: “agora, não tendo já campo de atividade nestas regiões” (Rm 15.23). As atividades acabaram naquelas regiões não porque Paulo as evangelizou por completo, mas porque ele equipou crentes em novas igrejas nas principais cidades daquelas regiões. Essas igrejas espalhariam, então, o evangelho pelas áreas rurais circunvizinhas. Como? Você já deve ter imaginado: pregando o evangelho e plantando novas igrejas.

Há razões bíblicas para plantarmos igrejas. Porém, há considerações práticas também, como o fato de, na maioria das sociedades, as pessoas estarem se mudando cada vez mais para centros urbanos. Portanto, precisamos de mais igrejas nesses locais! Além disso, como Tim Keller aponta, existem as seguintes razões para plantarmos igrejas, e que se aplicam a vários contextos: primeiro, jovens adultos estão muito mais presentes em novas igrejas; segundo, novas congregações têm mais facilidade para alcançar os moradores do entorno; e terceiro, novos grupos sociais são mais propensos a serem alcançados por novas congregações.⁴¹

Tudo isso para dizer que o membro de igreja tem de se comprometer com o comissionamento: ofertando, enviando pessoas e comissionando grupos de plantadores para iniciarem novas comunidades que espalharão a luz pelo mundo, para o bem da criação e para a glória de Deus. É uma missão que requer sacrifícios tanto do enviado como do que envia, mas que é mais do que digna desses sacrifícios. E é uma missão a qual todo membro de igreja foi chamado.

Passos de ação

Enquanto você reflete sobre seu papel como membro de uma igreja missional, aqui estão alguns passos de ação para considerar.

1. *Adote uma mentalidade de engajamento cultural*. Para ser uma testemunha fiel, não pode haver uma mentalidade “torre de marfim”, de autopreservação. Pelo contrário, é necessário adotar uma mentalidade que fielmente comunique as boas-novas aos

outros. Peça ao Senhor que lhe dê sabedoria e ousadia para alcançar pessoas de todos os tipos.

2. *Encoraje aqueles que estão envolvidos no evangelismo fiel e em missões.* Seja um Barnabé! Quando vir Deus usar seus irmãos, alegre-se com isso e diga palavras de encorajamento a esses santos.
3. *Medite bastante na misericórdia e na graça de Deus dispensadas a você, e assim seja motivado a se envolver no ministério de misericórdia.* A generosidade e o espírito sacrificial do ministério de misericórdia devem fluir de um coração livre de vícios mundanos, mas cativado pela beleza da obra do Salvador.
4. *Envolva-se na plantação de igrejas: orando, ofertando, ajudando ou indo.* Não subestime a importância das orações para a plantação de igrejas! E lembre-se de que sua contribuição financeira e suporte contínuos são de grande valia. Enquanto ora, oferta, e ajuda, esteja aberto à direção do Espírito para a sua própria vida. Quem sabe ele não dê a você o privilégio de fazer parte do grupo-base da próxima plantação de uma igreja.

³⁸ Para mais a respeito desse assunto, veja meu livro *Exalting Jesus in Acts*, p. 156. ³⁹ Stott, *The Message of Acts*, p. 203. ⁴⁰ Keller, *Evangelism*, p. 98. ⁴¹ Keller e Thompson, *Church Planting Manual*, p. 29.



Conclusão

Uma visão para a sua igreja

Espero que este livro tenha iluminado sua mente acerca do que a igreja é de fato, esclarecido as razões pelas quais você deveria investir sua vida numa congregação local, e explicado como fazer isso.

É fácil ir à igreja todo domingo como um hábito, sem nunca pensar seriamente sobre o que de fato ocorre lá. Certamente (e tragicamente) algumas igrejas são lugares sem vitalidade, onde pouco se fala do evangelho, e sem ação genuína do Espírito; mas nas igrejas onde há um grupo de cristãos que pregam o evangelho e demonstram as marcas de uma verdadeira igreja, há mais coisas acontecendo do que a maioria das pessoas (incluindo os membros) geralmente percebe. Uma igreja pode às vezes parecer irrelevante e fraca. Mas o que muitas vezes esquecemos é que a ela está no cerne do plano de Deus para o mundo. Esquecemos também do que Cristo fez para remir sua noiva, e ignoramos o fato de a igreja apontar para um futuro glorioso. Não são apenas os de fora que não apreciam a maravilha que é a igreja: é comum que muitos de nós, cristãos, desconsideremos quão incrível é ser uma pedra viva no templo do Senhor.

Então, permita-me relembrá-lo dessa maravilha com esta visão inspiradora que João teve do futuro — do nosso futuro.

Vi, na mão direita daquele que estava sentado no trono, um livro escrito por dentro e por fora, de todo selado com sete selos. Vi, também, um anjo forte, que proclamava em grande voz: Quem é digno de abrir o livro e de lhe desatar os selos? Ora, nem no céu, nem sobre a terra, nem debaixo da terra, ninguém podia abrir o livro, nem mesmo olhar para ele; e eu chorava muito, porque ninguém foi achado digno de abrir o livro, nem mesmo de olhar para ele. Todavia, um dos anciãos me disse: Não chores; eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete selos. Então, vi, no meio do trono e dos quatro seres viventes e entre os anciãos, de pé, um Cordeiro como tendo sido morto. Ele tinha sete chifres, bem como sete olhos, que são os sete Espíritos de Deus enviados por toda a terra. Veio, pois, e tomou o livro da mão direita daquele que estava sentado no trono; e, quando tomou o livro, os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo cada um deles uma harpa e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos, e entoavam novo cântico, dizendo:

Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra. (Ap 5.1-10)

Quando sua igreja se reúne para adorar nosso Redentor, você tem um vislumbre dessa glória futura. A realidade futura invade o presente na igreja local.

Sempre que faço churrasco, eu tiro uma lasquinha do bife, do frango ou do peixe para provar. Essa lasquinha é uma amostra da gloriosa refeição que está por vir. O mesmo ocorre em nossa igreja local: ela nos dá uma pequena amostra do paraíso.

Um dia estaremos reunidos com todos os remidos, louvando o Cordeiro, que foi imolado em favor de pecadores. “Acaso todas essas pessoas fazem parte de nossa família?” Talvez questionemos. “Sim!” Responderão aqueles à nossa volta. “Esses irmãos e irmãs são nossa família por causa da obra do Salvador.” Estamos juntos seguindo o Cordeiro até a nova criação, onde desfrutaremos de paz e cura completas, e de uma indescritível alegria em sua presença. E Deus lhe deu sua igreja para ser o lugar onde você pode ter um vislumbre dessa realidade; onde você é moldado para se parecer cada vez mais com seu Salvador enquanto rememora o que ele fez por você ao ouvir sua Palavra, tomar a Ceia do Senhor e presenciar o batismo; onde você responde ao amor de Deus cantando, orando e servindo; onde você encontra uma família para compartilhar suas alegrias e andar ao seu lado pelos vales dessa vida. Ser membro de uma igreja é algo incrível, e é maravilhoso saber que nossas orações e esforços podem fazer a diferença não apenas no aqui e agora, mas também na eternidade. Portanto, busque ser fiel a Cristo e a sua igreja hoje. Pertença, acolha, congregue, cuide, sirva, honre, testemunhe e comissione. O Senhor da igreja o ama com amor eterno. Portanto, ame a sua igreja.



Guia de estudos

1. Pertencer

Leia Efésios 2.18-3.19

1. Que metáfora Paulo usa para descrever a igreja em Efésios 2.18-22? O que ele quer que saibamos acerca da identidade da igreja?
2. A missão de Paulo era pregar aos gentios. Qual é o propósito principal do apóstolo, e qual é o propósito da igreja (Ef 3.1-13)?
3. Em que consiste a oração de Paulo pelos seus leitores (v. 14-19)? Por que você acha que ele inclui a frase “com todos os santos”, e como ela muda sua compreensão da oração do apóstolo?
4. Em sua igreja, o que significa se comprometer e pertencer? Como é possível encorajarmos uns aos outros nesse sentido? Que recompensas você pode esperar colher?
5. Qual é o perigo de não pertencer a uma igreja local?
6. Baseado nessa passagem, por quais motivos você oraria por sua igreja?

2. Acolher

Leia Tiago 2.1-13

1. Como Tiago prova que o favoritismo não é somente inútil, mas perverso (v. 4-7)?
2. Por que o favoritismo é um assunto tão sério e problemático (v. 8-13)?
3. Por que o favoritismo desonra não somente os outros, mas o próprio Deus? E, em contraste, por que agir sem parcialidade reflete o caráter e as ações de Deus?
4. Que tipos de favoritismo são particularmente tentadores em seu contexto? Você e sua igreja são mais propensos a discriminar que tipo de pessoas, e por quais motivos?
5. Em que aspectos sua igreja se destaca positivamente no acolhimento dos de fora? Em que sentido ela pode melhorar?
6. Como você pode pessoalmente contribuir nesse sentido? O que você precisa mudar em sua conduta e maneira de falar, tanto nos cultos e na comunhão como no resto da semana?

3. Congregar

Leia Hebreus 12.18-29

1. O autor de Hebreus está comparando a reunião dos israelitas no Monte Sinai (v. 18-21) com a situação presente (v. 22-24). Quais as diferenças? Explique. Como isso pode servir de motivação para nos reunirmos como igreja?
2. A descrição dos versículos 22-24 está, em certo sentido, vislumbrando a reunião futura de todo o povo de Deus nos céus, mas também está descrevendo o que acontece quando congregamos agora. Com quem estamos congregando? De que maneira isso pode impactar a maneira como consideramos nossos cultos aos domingos?
3. Por que é tão urgente escutar a voz de Deus e adorá-lo em comunhão com nossos irmãos? (v. 25-29)
4. Você entende que vai à igreja aos domingos para contribuir e edificar os irmãos de sua congregação? Como você pode melhorar nesse ponto?
5. Quais aspectos das reuniões da sua igreja são mais preciosos para você? Por que é tão valioso se reunir para ouvir a Palavra de Deus, participar da Ceia do Senhor, cantar e orar?
6. Como você pode se preparar melhor para os cultos de domingo? Que “hábitos bons e santos” você pode desenvolver, e como eles podem contribuir para com a sua experiência de adoração comunitária?

4. Cuidar

Leia Gálatas 5.16-6.10

1. Em Gálatas 5.16-25, que razões Paulo dá para que façamos o bem uns aos outros? O que fará com que sejamos altruístas, e não egoístas?
2. Quais as armadilhas nas quais podemos cair enquanto tentamos cuidar uns dos outros (6.1, 3-4, 9)? Que sugestões você tem para evitarmos essas armadilhas enquanto perseveramos no cuidado uns dos outros?
3. Quando fazemos o bem uns aos outros, qual é nosso objetivo e esperança final? Como isso nos ajuda a perseverar?
4. O que mais desafia você nesses versículos?
5. Em sua igreja, restaurar, carregar fardos mutuamente, repartir e fazer o bem são realidades tangíveis? Qual desses é seu ponto fraco? O que vocês podem fazer para melhorar nessa área?
6. Que passos você pode dar para educar e instruir a si mesmo (e isso também vale para a sua congregação) a fim de cuidar dos outros com mais eficácia?

5. Servir

Leia Romanos 12.1-21

1. O que é uma vida dedicada integralmente à adoração, e o que a motiva (v. 1-2)?
2. Como devemos encarar nossa própria identidade? Como isso nos ajuda a servir melhor?
3. Nos versículos 9-21, há algumas instruções desafiadoras. Por que é tão difícil colocar essas instruções em prática? Que diferença elas podem fazer (v. 21)?
4. Quais dons Deus lhe deu? Como você pode colocá-los em prática com excelência, amor, e humildade pelo bem de sua igreja?
5. Que necessidades há em sua igreja? Como você pode ajudar a supri-las?
6. Você ou sua igreja tem dificuldade com alguma dessas instruções de Paulo? Como você pode orar em resposta a essa passagem bíblica?

6. Honrar

Leia 1Pedro 5.1-5

1. Quais perigos Pedro quer que seus leitores evitem (presbíteros e demais membros da igreja)?
2. Qual deve ser o propósito dos líderes, pastores e presbíteros, segundo a instrução de Pedro?
3. Qual a razão de os membros da igreja serem “submissos aos que são mais velhos [presbíteros]”?
4. Em quais áreas específicas é possível que os membros tenham mais dificuldade de se submeterem aos presbíteros? Você já teve experiências de tensão entre membros e presbíteros em sua igreja? Como a humildade, o respeito, e o amor poderiam se materializar em situações assim?
5. Em que aspectos seus pastores são um bom exemplo para você? De que maneira você poderia seguir seus exemplos?
6. O que poderia encorajar seus pastores essa semana? Como você pode ajudá-los a ter sempre em mente o conceito de liderança apresentado por Pedro? Quais pedidos você pode fazer ao orar em favor deles?

7. Testemunhar

Leia 1Pedro 3.13-17

1. Por qual motivo você acha que honrar e reverenciar a Cristo (v. 15) nos ajuda a evitar o temor dos outros (v. 14)?
2. Quais resultados fazer o bem pode trazer? (v. 13-14, 16)?
3. Por que é importante articular as razões da nossa esperança e

falar com mansidão e temor quando nos envolvemos com os outros, conforme o versículo 15 nos orienta?

4. Seu coração é cheio de esperança? O que você pode fazer para cultivar essa virtude? Como você explicaria a razão dela?
5. O que significa falar com “mansidão e temor”? Em quais tipos de relacionamento é mais fácil agir assim, e em quais é mais difícil? Como podemos ajudar-nos uns aos outros a crescer nesse aspecto?
6. O que você e a sua igreja estão fazendo atualmente para obedecer ao chamado de fazer discípulos (Mt 28.19)? De que forma vocês podem testemunhar mais efetivamente em seu contexto particular?

8. Comissionar

Leia Atos 11.19-30; 13.1-3

1. Como vemos Deus usando pessoas para estabelecer a igreja em Antioquia (At 11.19-25)?
2. Quais eram as funções de Saulo? E de Barnabé?
3. Quais atitudes os cristãos de Antioquia tiveram para com outras igrejas, para com Saulo e Barnabé, para com os ainda não alcançados, e para com o próprio Deus? Que ensinamento essas atitudes deixam para nós hoje?
4. Como a sua igreja é vista pelos de fora? O que vocês podem fazer para melhorar nessa área?
5. Em sua igreja, como você pode seguir o exemplo de Barnabé? Como você pode encorajar os outros a fazerem o mesmo?
6. À luz dessa passagem, quais são os pedidos que você pode fazer em suas orações em favor de sua igreja, de sua comunidade e do mundo?



Referências

- D. Martyn Lloyd-Jones, *Spiritual Depression* (Eerdmans, 1965). [*Depressão espiritual* (PES, 2017).]
- David Garland, “Colossians and Philemon”, em *The NIV Application Commentary* (Zondervan, 1998).
- Dietrich Bonhoeffer, *Life Together* (Harper One, 1954). [*Vida em comunhão* (Sinodal, 2011).]
- Douglas J. Moo, “The Letter of James”, em *The Pillar New Testament Commentary* (Eerdmans, 2000). [*O comentário de Tiago* (Shedd, 2020).]
- F. F. Bruce, “The Book of Acts”, em *The New International Commentary on the New Testament* (Eerdmans, 1988).
- Francis Schaeffer, *The Church at the End of the Twentieth Century* (Downers Grove, 1970). [*A igreja no século 21* (Cultura Cristã, 2019).]
- Gordon Fee, “The First Epistle to the Corinthians”, em *The New International Commentary on the New Testament* (Eerdmans, 2014).
- Gregg R. Allison, *Sojourners and Strangers* (Crossway, 2012). [*Eclesiologia: uma teologia para peregrinos e estrangeiros* (Vida Nova, 2021).]
- James Paton, ed., *The Story of John G. Paton* (Hodder and Stoughton, 1984).
- John R. W. Stott, “The Message of Galatians”, em *The Bible Speaks Today* (InterVarsity Press USA, 1968). [*A mensagem de Gálatas* (ABU, 2018).]
- John R.W. Stott, “The Message of Acts”, em *The Bible Speaks Today* (InterVarsity Press USA, 1990). [*A mensagem de Atos* (ABU, 1994).]
- Mark Dever, “The Church”, em *A Theology of the Church*, ed. Daniel L. Akin (B&H, 2007).
- Mark Dever, *Nine Marks of a Healthy Church* (Crossway, 2000). [*Nove marcas de uma igreja saudável* (Fiel, 2013).]
- Michael F. Bird, “Romans”, em *The Story of God Bible Commentary* (Zondervan, 2016).
- Philip Ryken, “1 Kings”, em *The Reformed Expository Commentary* (P&R, 2011).
- Philip Ryken, “Galatians”, em *The Reformed Expository Commentary* (P&R, 2005).

Rodney Stark, *Cities of God* (Harper One, 2006).

Thabiti Anyabwile, *What Is a Healthy Church Member?* (Crossway, 2008). [*O que é um membro de igreja saudável?* (Fiel, 2022).]

Tim Chester, *Stott on the Christian Life* (Crossway, 2020).

Tim Witmer, *The Shepherd Leader* (P&R, 2010).

Timothy J. Keller e J. Allen Thompson, *Church Planting Manual* (Redeemer Church Planting Center, 2002).

Timothy Keller, *Evangelism: Studies in the Book of Acts* (Redeemer Presbyterian Church, 1996).

Timothy Keller, *Galatians for You* (The Good Book Company, 2013). [*Gálatas para você* (Vida Nova, 2015).]

Timothy Keller, *Romans 8–16 For You* (The Good Book Company, 2016). [*Romanos 8-16 para você* (Vida Nova, 2017).]

Tony Merida, *Exalting Jesus in Acts* (B&H, 2017).



ATOS 29 BRASIL

Atos 29 é uma comunidade global e diversa de igrejas saudáveis e multiplicadoras. Nossas profundas convicções centradas no evangelho nos unem e nos motivam. No entanto, a unidade não significa uniformidade no que se refere à aplicação de nossas crenças teológicas. Como uma comunidade global de igrejas que servem em diversas áreas, confiamos nos pastores e líderes da Atos 29 para aplicar nossa visão centrada no evangelho de uma maneira que seja bíblicamente fiel e contextualmente sábia.

Acreditamos que os presbíteros das igrejas locais prestarão contas ao Senhor por seu ensino e liderança na igreja local (Hb 13:17) e, consequentemente, Atos 29 não assume a responsabilidade de monitorar ou policiar questões de ortopraxia em nossas igrejas membros. Com isso dito, por causa de nossas robustas práticas de avaliação, estamos confiantes de que quando um líder ou membro de uma igreja de Atos 29 visita outra igreja de Atos 29 em qualquer lugar do mundo (ou uma conferência de Atos 29), ele ou ela pode esperar encontrar Cristo exaltado, nossos valores e crenças refletidos e, como resultado, ser edificado em nossa fé e encorajado em nossa missão compartilhada.

Ao longo da nossa história, uma série de declarações e documentos foram adicionados às nossas crenças e distintivos para consideração e/ou afirmação. Por mais úteis que essas declarações possam ter sido, não as vemos como parte de nossos fundamentos teológicos oficiais de Atos 29. Acreditamos que o Pacto de Lausanne, nossos cinco distintivos teológicos e nossas quatro esperanças fornecem clareza teológica suficiente e promovem unidade efetiva. Essas crenças, valores e anseios centrais fazem parte da história de Atos 29 há vários anos, e continuamos a afirmá-los com alegria.

OS NOSSOS DISTINTIVOS

- Centralidade do evangelho em toda a vida;
- A graça soberana de Deus em salvar pecadores;
- A obra do Espírito Santo para a vida e o ministério;
- A igualdade entre homens e mulheres e o princípio da liderança serva masculina;
- A igreja local como a principal estratégia de missão de Deus.

QUEREMOS SER CONHECIDOS POR:

- Plantio de igrejas saudáveis e multiplicadoras;
- Busca por santidade e humildade;
- Ser uma comunidade radicalmente diversa e global;
- Oração por conversões através do evangelismo.

TEREMOS SUCESSO NA MEDIDA EM QUE:

- Recrutamos plantadores de igrejas dedicados a liderar igrejas saudáveis e multiplicadoras;
- Avaliemos os homens com base nas competências essenciais para liderar igrejas saudáveis e multiplicadoras;
- Desenvolvamos homens que estão plantando ou liderando igrejas saudáveis e multiplicadoras por meio de treinamento, mentoria e apoio.



Acesse nosso site: atos29br.com
Nos siga em: [@atos29br](https://twitter.com/atos29br)

A Pro Nobis Editora nasceu da visão de servir à igreja brasileira mediante a literatura cristã de qualidade. O ministério da Pro Nobis tem por alvo especial ajudar os batistas brasileiros na missão de edificar a igreja e anunciar o Evangelho ao mundo. Para tanto, o conhecimento de suas raízes históricas e herança teológica é fundamental. Existem excelentes editoras evangélicas no Brasil, com as quais juntamos forças nesse trabalho de servir ao povo de Deus.

Mas por que Pro Nobis? Trata-se de uma expressão em latim que significa POR NÓS. Na tradição cristã, essa expressão se relaciona com a obra de Jesus Cristo em nosso favor. A cruz é o símbolo maior e mais sublime da fé cristã, o coração do Evangelho. O Deus Trino fez uma aliança de redenção em favor de seu povo eleito, salvo pelo sangue do Cordeiro. Nosso alvo é edificar a igreja para que ela prossiga na missão de proclamar “o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo” (Ef. 3.8).

Acesse o site e acompanhe nosso ministério:
www.pronobiseditora.com.br



